



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ANA PRICILA CELEDONIO DA SILVA**

**BIBLIOTECA E MEMÓRIA: INTERLOCUÇÕES COM A COMUNIDADE**

**FORTALEZA- CE**

**2018**

ANA PRICILA CELEDONIO DA SILVA

BIBLIOTECA E MEMÓRIA: INTERLOCUÇÕES COM A COMUNIDADE

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará.

Linha de Pesquisa: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Lidia Eugenia Cavalcante.

FORTALEZA - CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S578b Silva, Ana Pricila Celedonio da.

Biblioteca e memória: interlocuções com a comunidade / Ana Pricila Celedonio da Silva. –  
2018. 165 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de  
Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante.

1. Biblioteca Comunitária. 2. Biblioteca e Memória. 3. Mediação e Memória. I. Título.

CDD 020

---

ANA PRICILA CELEDONIO DA SILVA

BIBLIOTECA E MEMÓRIA: INTERLOCUÇÕES COM A COMUNIDADE

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará

Linha de Pesquisa: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento.

Aprovada em: 08/08/2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elisa Campos Machado  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA - CE

2018

À memória de meus avós paternos e maternos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que, por seu infinito amor e misericórdia, me concede infinitas graças e me ensina que, pela pequena via da humildade, alçaremos os tesouros insondáveis de seu imenso amor. E à Nossa Senhora, que sempre me acolhe em seu regaço de mãe.

À minha orientadora Lidia Eugenia Cavalcante, cuja sabedoria, competência e generosidade em compartilhar seus conhecimentos foram para mim inspirações constantes. Só tenho a agradecer todo o carinho e a atenção dedicados a mim desde a graduação. Seu nome tem e continuará tendo lugar cativo em minhas orações e pedidos de intercessão à Nossa Senhora.

À minha família, meus pais Irenilce e Francisco, importantes pilares em minha vida, com quem aprendi o real significado das palavras amor, fé, família e dedicação. Minhas irmãs Ninha, Josi, Rosiane e Patrícia, e meu irmão Daniel, cujo companheirismo e amor me deram forças para dar passos em direção aos meus sonhos.

Agradeço de forma especial à banca, no nome da professora Elisa Machado e do professor Tadeu Feitosa, cujas contribuições realizadas na qualificação desta pesquisa foram de imensa importância. Bem como a disponibilidade dos professores Jefferson Veras e Jonathas Carvalho, que aceitaram participar como integrantes suplentes.

Às equipes de responsáveis pelas bibliotecas comunitárias “Criança Feliz” e “Sorriso da Criança”, que abriram suas portas para a realização desta pesquisa, de forma tão generosa e acolhedora. E aos participantes das oficinas realizadas nas bibliotecas comunitárias, que se colocaram à disposição para a realização desta pesquisa.

À minha querida amiga Giordana, que com certeza foi um presente de Deus dado a mim nesse mestrado. Pela atenção, carinho e paciência, por sua companhia nos momentos intensos e nos desafios vividos durante o curso.

À Mayara, Raquel e Damaris, amigas que ajudaram a fazer essa jornada bem mais leve e divertida. E à Adriana, cujo apoio foi tão importante nesses momentos.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFC, que além de nos repassar seus saberes e informações, foram compreensivos e pacientes.

À querida Veruska, cujos atributos vão além da competência profissional, se estendendo ao seu jeito amável e generoso de nos acolher e ajudar.

À Laiana, pelo carinho e incentivo que me acompanha desde os tempos da graduação.

Aos colegas da primeira turma do mestrado em Ciência da Informação, cujo afeto foi um forte auxílio nessa empreitada acadêmica.

Aos servidores e funcionários do departamento de Ciência da Informação da UFC, que se mostraram sempre tão atenciosos.

Por último, e não menos importante, à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), cujo auxílio financeiro possibilitou a realização desta pesquisa.

Não há dúvida que a memória é como o ventre  
da alma.

Santo Agostinho



## RESUMO

Visa apresentar a perspectiva da biblioteca comunitária como mediadora e difusora da memória coletiva da comunidade. Nesse sentido, apresenta como estudo empírico as bibliotecas comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança, localizadas na cidade de Fortaleza, Ceará. O objetivo norteador da pesquisa foi averiguar de que maneira essas bibliotecas têm atuado como espaços promotores da memória coletiva e se são reconhecidos dessa forma pelos moradores dos espaços onde estão localizadas. Consoante a este objetivo, foram realizadas investigações acerca das principais características das comunidades, bem como sobre as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas e seus acervos, buscando averiguar se estes remetem para uma atuação voltada à difusão da memória e cultura local. Ademais, buscou-se identificar como ocorre a relação entre biblioteca e comunidade, e a forma como as ações daquela reverberam no imaginário dos moradores destes locais. Configurando-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, exploratório e bibliográfico, são discutidos temas relacionados à memória, comunidade e biblioteca, observando-se em cada um deles seus aspectos conceituais, teóricos, históricos e contemporâneos, articulando junto a estes, discussões acerca da cultura, identidade, cotidiano, pertencimento, dentre outros. Apoiados pelos pressupostos metodológicos da etnografia e da técnica da história oral, a pesquisa se caracteriza como um empreendimento de imersão e interpretação do *locus* em que se inserem as bibliotecas supracitadas, de modo a contemplá-las sob a perspectiva da biblioteca comunitária, atuando como interlocutora de memórias coletivas. Para tanto, utilizou-se como recursos metodológicos a observação participante, entrevistas focalizadas com os gestores e a realização de oficinas discursivas com os moradores adultos e idosos. A partir deste estudo, foi possível identificar o papel cultural e memorial desses espaços, evidenciados de modo especial por meio de duas ações, o projeto Tecendo Memórias, realizado pela Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, e o projeto Histórias e Quintais, organizado em parceria com a Biblioteca Comunitária Criança Feliz. Tais projetos, evidenciaram o caráter dialógico e plural possibilitado na atuação da biblioteca comunitária como mediadora das memórias, identidades e saberes do cotidiano.

**Palavras-chave:** Biblioteca Comunitária. Biblioteca e Memória. Mediação e Memória.

## ABSTRACT

It aims to present the perspective of the community library as mediator and diffuser of the collective memory of the community. In this sense, it presents as an empirical study the community libraries Criança Feliz and Sorriso da Criança, located in the city of Fortaleza, Ceará. The objective of the research was to investigate how these libraries have acted as spaces that promote collective memory and are recognized in this way by the residents of the spaces where they are located. According to this objective, investigations were carried out on the main characteristics of the communities, as well as on the activities developed by the libraries and their collections, seeking to ascertain if they refer to an action focused on the diffusion of the local memory and culture. In addition, we sought to identify how the relationship between library and community occurs, and how the actions of the same reverberates in the imaginary of the residents of these places. Setting up a qualitative, exploratory and bibliographic research, topics related to memory, community and library are discussed, observing in each one of them its conceptual, theoretical, historical and contemporary aspects, articulating with them, discussions about the culture, identity, daily life, belonging, among others. Supported by the methodological presuppositions of ethnography and the technique of oral history, the research is characterized as an immersion and interpretation project of the locus where the above mentioned libraries are inserted, in order to contemplate them from the perspective of the community library acting as interlocutor of collective memories. For this purpose, participant observation, focused interviews with managers and the holding of discursive workshops with adults and elderly people were used as methodological resources. From this study, it was possible to identify the cultural and memorial role of these spaces, evidenced in a special way by means of two actions, the Tecendo Memórias project, carried out by the Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, and the Histórias e Quintais project, organized in partnership with the Biblioteca Comunitária Criança Feliz. These projects demonstrated the dialogical and plurality of the community library as a mediator of memories, identities and everyday knowledge.

**Keywords:** Community Library. Library and Memory. Mediation and Memory.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

a.C	Antes de Cristo
BCCF	Biblioteca Comunitária Criança Feliz
BCSC	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança
CD	Compact Disc
CI	Ciência da Informação
C&A	Clemens e August
DVD	Digital Versatile Disc
EJA	Educação de Adultos e Idosos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PMLLB	Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca
PROCIF	Projeto Comunitário Criança Feliz
SECULT	Secretária de Cultura
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias.....	70
Quadro 2 – Bibliotecas Comunitárias de Países Desenvolvidos.....	71
Quadro 3 – Bibliotecas Comunitárias de Países em Desenvolvimento.....	72
Quadro 4 – Quadro Teórico da Pesquisa Bibliográfica.....	84
Quadro 5 – Aplicações Metodológicas aos Objetivos da Pesquisa.....	88
Quadro 6 – Relação dos Participantes das Entrevistas.....	89
Quadro 7 – Faixa Etária da População dos Bairros.....	103
Quadro 8 – Caracterização dos Participantes das Oficinas.....	140
Quadro 9 – Aspectos da Biblioteca Comunitária como Território de Memória	150
Quadro 10 – Aproximações com o conceito “Território de Memória”.....	151

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1 –	Processos da Análise e Interpretação dos Dados.....	93
Imagem	1 –	Conjunto Habitacional Castelo Branco, Presidente Kennedy.....	95
Imagem	2 –	Antiga Feira do Jardim Iracema.....	97
Imagem	3 –	Rua Planalto, Presidente Kennedy.....	101
Imagem	4 –	Rua Gaudioso de Carvalho, Jardim Iracema.....	102
Imagem	5 –	Mediação de Leitura realizada na BCSC.....	110
Imagem	6 –	Mediação de Leitura realizada na BCCF.....	110
Imagem	7 –	Pé na Rua, outubro de 2017.....	111
Imagem	8 –	I Tecendo Memórias.....	117
Imagem	9 –	IV Tecendo Memórias.....	118
Imagem	10 –	Baile nos Quintais.....	121
Imagem	11 –	Histórias e Quintais, setembro de 2017.....	122
Imagem	12 –	Histórias e Quintais, dezembro de 2017.....	122
Imagem	13 –	Pé na Rua, outubro 2017.....	122
Imagem	14 –	Histórias e Quintais, dezembro de 2016.....	128
Imagem	15 –	A Recordação e os Objetos.....	131
Imagem	16 –	Oficina Realizada na Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança....	141
Imagem	17 –	Oficina Realizada na Biblioteca Comunitária Criança Feliz.....	141

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA: interlocuções históricas, conceituais e teóricas.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>Contextualização histórica e contemporânea da memória.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>As diferentes faces de Mnemosyne.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3</b>	<b>Enlaces entre memória e Ciência da Informação.....</b>	<b>33</b>
<i>2.3.1</i>	<i>Entrelaçamentos conceituais.....</i>	<i>35</i>
<i>2.3.2</i>	<i>Os estudos da memória na historicidade da Ciência da Informação .....</i>	<i>39</i>
<b>2.4</b>	<b>Memória e cultura na construção da identidade .....</b>	<b>42</b>
<b>2.5</b>	<b>Lugares de recordação e identificação: a memória e a biblioteca.....</b>	<b>49</b>
<b>3</b>	<b>COMUNIDADE E BIBLIOTECA: convergências de memórias e saberes.....</b>	<b>54</b>
<b>3.1</b>	<b>Comunidade: reflexões conceituais e contemporâneas.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2</b>	<b>As marcas da memória na comunidade.....</b>	<b>62</b>
<b>3.3</b>	<b>Biblioteca Comunitária: reflexões acerca das discussões conceituais.....</b>	<b>68</b>
<i>3.3.1</i>	<i>A construção do conceito.....</i>	<i>69</i>
<i>3.3.2</i>	<i>Os serviços e os usuários da biblioteca comunitária.....</i>	<i>75</i>
<b>3.4</b>	<b>A biblioteca comunitária no território da memória.....</b>	<b>78</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>83</b>
<b>4.1</b>	<b>A etnografia: aspectos conceituais e teóricos acerca do método.....</b>	<b>85</b>
<b>4.2</b>	<b>O processo de coleta de dados .....</b>	<b>87</b>
<b>4.3</b>	<b>Apresentação e Análise dos Dados.....</b>	<b>92</b>
<b>5</b>	<b>OS CENÁRIOS DA PESQUISA: as comunidades e as bibliotecas comunitárias.....</b>	<b>94</b>
<b>5.1</b>	<b>As comunidades dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema.....</b>	<b>94</b>
<b>5.2</b>	<b>As bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” .....</b>	<b>104</b>
<i>5.2.1</i>	<i>Os caminhos percorridos.....</i>	<i>104</i>
<i>5.2.2</i>	<i>Aspectos relacionados à gestão.....</i>	<i>106</i>
<i>5.2.3</i>	<i>Os serviços e os usuários das bibliotecas.....</i>	<i>109</i>
<b>6</b>	<b>O ENCONTRO ENTRE MEMÓRIA, BIBLIOTECA E COMUNIDADE...</b>	<b>115</b>
<b>6.1</b>	<b>Em busca da memória: caracterização das ações de promoção da memória local.....</b>	<b>116</b>

6.1.1	<i>O projeto Tecendo Memórias.....</i>	116
6.1.2	<i>O projeto Histórias e Quintais.....</i>	119
<b>6.2</b>	<b>Expressões da memória, cultura e identidade através da biblioteca comunitária.....</b>	<b>125</b>
6.2.1	<i>A memória e o acervo da biblioteca comunitária.....</i>	125
6.2.2	<i>A memória e a oralidade nas bibliotecas comunitárias.....</i>	130
<b>6.3</b>	<b>A biblioteca comunitária e a memória coletiva no imaginário da comunidade</b>	<b>139</b>
<b>6.4</b>	<b>Interlocuções com o conceito de território de memória.....</b>	<b>149</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>153</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele unicum que é o self de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.*

(Ítalo Calvino)

Memória, Biblioteca e Comunidade já possuem separadamente um cabedal de perspectivas que as inscrevem como objeto filosófico, social e antropológico de variadas áreas do saber, como a Biblioteconomia, Ciência da Informação, Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, para citar algumas. O olhar direcionado ao estudo ora apresentado recai justamente sob à *multiplicidade* de diálogos e possibilidades que advêm da *reunião* desses três elementos, mediada pela biblioteca comunitária. O ponto central se volta à descoberta de *como* essa reunião acontece. Para isso, apresenta-se como estudo empírico, a Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, situada no bairro Presidente Kennedy, e a Biblioteca Comunitária Criança Feliz, localizada no bairro Jardim Iracema, ambas na cidade de Fortaleza, Ceará.

No contexto brasileiro, as bibliotecas comunitárias podem ser caracterizadas como projetos sociais, oriundos de iniciativas de comunidades, que se estabelecem a partir de uma gestão autônoma e participativa. Têm, dentre seus objetivos, possibilitar ou expandir o acesso à informação, ao livro e à leitura, ferramentas necessárias e indispensáveis para que os indivíduos possam exercer sua cidadania. Essas bibliotecas se inserem em cenários muitas vezes de exclusão social, periferias e zonas rurais, mas que apresentam também grande riqueza de cultura, histórias e diversidade (MACHADO, 2008).

Desse modo, percebe-se que a biblioteca comunitária oferece diversas perspectivas de estudo, como por exemplo, a questão da inclusão social e informacional, as novas práticas leitoras e espaços de leitura, assim como o fato de ser uma biblioteca cuja gestão ocorrerá de modo participativo, dentre outros aspectos. Neste estudo, enfatiza-se a



possibilidade desses espaços serem locais de promoção e mediação da memória e da cultura local.

Atendendo a esse direcionamento, revelou-se imperativo realizar intersecções teóricas envolvendo principalmente os estudos da memória; dando ênfase ao seu caráter social, o qual teve como ponto de partida as teorias defendidas por Maurice Halbwachs (2003), para quem a memória é vista como elemento inerentemente social e coletivo. Congrega-se a esta perspectiva, estudos ligados à cultura, identidade, comunidade e aos cotidianos, de modo a revelá-los em interação com a biblioteca comunitária.

O cenário e a **problemática** nos quais se situam as perspectivas levantadas neste estudo, perpassam pela forma como na sociedade contemporânea os conceitos de memória, comunidade e biblioteca têm sido ressignificados pela atual conjuntura social. Não obstante, torna-se possível perceber os efeitos dessa conjuntura se reverberar em ações como as das bibliotecas comunitárias, destacando-se aqui, o formato dessas iniciativas encontradas em território brasileiro.

A dinâmica social contemporânea tem sido caracterizada por diversos filósofos e teóricos, dentre eles Bauman (2003) e Hall (2003), como sendo o resultado da Modernidade, do Capitalismo, da Globalização, e ainda, da profusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na sociedade. Juntos, esses elementos serão personagens de grande influência naquilo que hoje se conhece como: “Sociedade da Informação”, “Sociedade da Aprendizagem”, “Pós-modernidade”, “Modernidade Tardia”, “Sociedade em Rede”, “Sociedade do Conhecimento”, entre outros nomes.

Seja qual for o nome dado à sociedade atual, os estudiosos que vêm, nas últimas décadas, se debruçando sobre os estudos da memória social, têm suas ideias próximas em um aspecto: temos convivido nos últimos tempos com uma *vontade de memória* (NORA, 1993), e o que Candau (2016) chamará de *febre da memória*. Sendo estas, o resultado do deslocamento das formas tradicionais das relações sociais, para formas mais efêmeras e pouco ligadas às tradições. Sentimentos esses que serão traduzidos na tendência atual pelo patrimonialismo e a criação de lugares de memória (NORA, 1993).

De maneira semelhante, o tema comunidade tem aparecido de forma recorrente nos estudos contemporâneos das Ciências Humanas e Sociais, e junto a ele, uma problemática que pode ser vista como mais um sintoma dessas novas dinâmicas sociais. Sob a perspectiva de Bauman (2003), compreende-se que as diluições das estruturas tradicionais pelos efeitos da modernidade parecem formar um terreno inóspito ou mesmo arenoso para que de fato exista uma comunidade em seu sentido tradicional. Porém, como será visto mais adiante, o desejo de

viver coletivamente, parecendo se sobrepor a tudo isso, trouxe o surgimento de novas formas de comunidade para, de certa maneira, “saciar” essa vontade por viver na segurança promovida por uma vida gregária.

Não fugindo a essa realidade, as bibliotecas comunitárias serão produtos dessa valorização do sentimento gregário, sendo também fruto de uma vontade de conhecer a memória coletiva e a história local. Para além desses aspectos, as bibliotecas comunitárias estão inseridas numa luta pela democratização da informação e da leitura, como formas de fortalecimento e desenvolvimento do local em que se inserem (MACHADO, 2008). Localizadas em zonas periféricas e/ou rurais, essas bibliotecas irão mesclar conhecimentos da cultura erudita com a cultura popular (FEITOSA, 2014), atuando como projetos sociais inseridos em realidades muitas vezes de desigualdade, violência e vulnerabilidade social.

O estudo etnográfico realizado nas bibliotecas comunitárias “Criança Feliz” e “Sorriso da Criança”, permitiu refletir sobre a problemática acima citada, assim como outras questões e problemáticas próprias de cada contexto. A mais eminente entre elas, porém, foi a questão da violência, a qual vem influenciando fortemente nas dinâmicas sociais dos contextos estudados, bem como no posicionamento e na maneira de atuação dessas bibliotecas. Não obstante, observa-se também a existência de uma riqueza cultural de memórias e tradições que se misturam com as histórias de cada bairro. Em atenção a isto, buscou-se analisar se a atuação das bibliotecas pesquisadas, promove a memória de suas localidades.

Buscando, então, essa compreensão, foram propostos os seguintes questionamentos para a pesquisa: de que maneira as Bibliotecas Comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança, situadas nos bairros Jardim Iracema e Presidente Kennedy, respectivamente, na cidade Fortaleza/Ceará, têm atuado como espaços promotores da memória coletiva e se são reconhecidos dessa forma pelos moradores das comunidades onde estão localizadas?

De modo específico, a pesquisa buscou identificar as formas pelas quais as bibliotecas comunitárias pesquisadas realizam essa promoção, como por exemplo, investigando a existência de ações e projetos de cunho cultural e histórico desenvolvidos por esses espaços, visto que são também formas pelas quais as bibliotecas comunitárias podem propagar as memórias locais. Ademais, investigou-se ainda, se os acervos dessas bibliotecas promovem a preservação e refletem a história das localidades em que estão inseridas. Entendendo que, para isso, é necessário que eles revelem as características culturais e históricas dos locais.

Voltando-se agora aos porquês e aos elementos que compõe a **justificativa** desta pesquisa, pode-se dizer que ela é fruto de sentimentos de identificação e de memórias pessoais e coletivas. Pode-se dizer também, que o que conduziu a realização deste estudo encontra-se em um sentido semelhante ao que Calvino (1990, p. 138) fala no seguinte trecho: “quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos.”

Assim, esta pesquisa é resultado de uma história pessoal cujo início se deu a partir das experiências vividas enquanto estudante do curso de Biblioteconomia, na Universidade Federal do Ceará. A participação como bolsista do Projeto de Extensão Ler Para Crer: oficinas itinerantes para implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios cearenses, fez nascer o interesse em estudar acerca das dinâmicas que envolvem as bibliotecas comunitárias e seus movimentos por meio da realização do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) da graduação.

Adentrar neste universo de pesquisa dos contextos locais e suas bibliotecas, investigar e analisar empiricamente a existência de ações socioeducativas que se realizam nesses espaços, causou grande encantamento diante da constatação da importância que as bibliotecas têm para o fortalecimento e inclusão dos indivíduos em suas comunidades. Mediante essa pesquisa, foram identificadas diversas ações desenvolvidas pelas bibliotecas, tanto no âmbito cultural, quanto educacional e de bem-estar social.

Outra motivação encontra-se em um encantamento pessoal relativo à proposta da biblioteca como território de memória. Bem como, a possibilidade de conhecer a história local através da biblioteca, de revisitar histórias a partir do ponto de vista de quem vive e viveu a realidade local, o que contrasta com a forma apresentada nas disciplinas de História durante a formação escolar que, na maioria dos casos, focaliza a história do país e do estado, mas poucas vezes a história da cidade, do bairro, do local onde de fato se vive. Reclusa na memória dos pais, avós, bisavós, encontra-se a história e a identidade local que, muitas vezes não se conhece e, com eles, essas memórias submergem no esquecimento. Existe, infelizmente, uma escassez de investimentos ou iniciativas de entidades públicas em preservar e difundir essas memórias, reforçando ainda o quão é relevante o papel da biblioteca comunitária, como local propício à promoção e à preservação das memórias locais.

Ademais, outro elemento justificador desta pesquisa localiza-se na possibilidade de evidenciar como acontece o processo de busca das tradições e memórias locais, tendo como elemento mediador a biblioteca comunitária. Outro ponto a destacar é que, mesmo que

as pesquisas envolvendo esse tipo de biblioteca tenham aumentado nos últimos anos, existe ainda a necessidade da realização de maior número de estudos que abordem a temática das bibliotecas comunitárias, haja vista que junto a ela muitas outras perspectivas temáticas podem ser exploradas, como questões sobre desenvolvimento local, inclusão informacional, letramento e várias outras.

Desse modo, por meio deste estudo, objetiva-se oferecer momentos de diálogos teóricos que envolvam não só as áreas da Ciência da Informação e Biblioteconomia, mas também da História, Educação, Psicologia, dentre outras. Outrossim, espera-se ensejar nos contextos e bibliotecas pesquisadas, discussões quanto à importância da promoção da memória e cultura para o desenvolvimento local.

Isto posto, o **objetivo geral** deste estudo consistiu em: averiguar como as Bibliotecas Comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança, situadas nos bairros Jardim Iracema e Presidente Kennedy, respectivamente, têm atuado como espaços promotores da memória coletiva, se são reconhecidas dessa forma pelos moradores das comunidades.

E, subjacentes a este objetivo, articularam-se também os seguintes objetivos específicos:

- a) Traçar um perfil das comunidades em que se inserem as bibliotecas comunitárias;
- b) Fazer levantamento nos acervos das bibliotecas comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança para verificar a existência de obras que auxiliem nas discussões sobre memória e a sua importância para a comunidade;
- c) Identificar a existência de ações realizadas pelas bibliotecas pesquisadas que promovam as memórias das comunidades em que se inserem;
- d) Investigar como se dá a interação entre as bibliotecas e as comunidades, bem como a percepção dos moradores, especialmente os mais antigos, acerca da biblioteca e de sua contribuição para a preservação e difusão da memória local;
- e) Verificar, junto aos usuários das bibliotecas, como ocorrem as relações de pertencimento e apropriação da biblioteca.

Juntamente com a introdução, o *corpus* discursivo do presente estudo está dividido em sete capítulos. No capítulo 2 são desenvolvidas interlocuções históricas, conceituais e teóricas envolvendo o tema memória, os enlaces conceituais entre os estudos da memória e a Ciência da Informação, assim como discussões acerca da cultura e identidade, do papel cultural e memorial das bibliotecas ao longo da história.

Dando continuidade as discussões teóricas, no capítulo 3, apresentam-se reflexões acerca dos conceitos de comunidade e biblioteca comunitária, trazendo junto a estes, questões envolvendo temas como cultura, as marcas da memória nos cotidianos, a possibilidade de a biblioteca comunitária atuar como centro de cultura e fomento das memórias comunitárias.

No capítulo 4, são apresentadas as perspectivas metodológicas da pesquisa, a qual foi guiada pela perspectiva qualitativa e exploratória, bem como, pelos pressupostos metodológicos da etnografia, combinada à metodologia da história oral. Apresenta, também, os processos de coleta de dados, os quais foram compostos mediante: a observação participante nas atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”; as entrevistas focalizadas com as equipes gestoras das bibliotecas; e a organização e realização de oficinas discursivas com os moradores adultos e idosos, participantes das atividades desenvolvidas pelas referidas bibliotecas. O processo de interpretação e apresentação dos dados coletados buscou integrar os aspectos da análise de tipo descritiva e teórica.

O capítulo 5 destina-se à apresentação dos contextos em que estão localizadas as bibliotecas comunitárias analisadas, dando-se ênfase aos aspectos históricos, sociais e demográficos dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema. Este momento, se destinou, ainda, a apresentar as principais características das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, principalmente no que se refere à criação, gestão e serviços oferecidos por elas.

Uma vez realizada a introdução aos cenários, o sexto capítulo se debruça sobre o encontro entre memória, biblioteca e comunidade, sobre o qual, podemos identificar: os principais movimentos de busca pelas memórias comunitárias mediante a atuação das bibliotecas; as expressões da memória e cultura local percebidas através dos acervos e das narrativas dos moradores; o imaginário dos moradores adultos e idosos acerca da biblioteca comunitária e de sua contribuição para o fomento da memória e cultura local; e por fim, o diálogo entre os pontos identificados nas bibliotecas e a noção de biblioteca comunitária como “território de memória”, definida por Prado e Machado (2008).

No sétimo e último capítulo, são realizadas as considerações finais acerca dos desdobramentos da pesquisa, e a forma como os pontos identificados se posicionam junto aos objetivos traçados para a realização deste estudo. Os quais, indicaram, de modo geral, a existência de movimentos de busca e valorização da memória, identidade e cultura local mediante a atuação das bibliotecas pesquisadas.

## **2 MEMÓRIA: interlocuções históricas, conceituais e teóricas**

*A memória, ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada.*

*(Joël Candau)*

Ao falar da memória, muitos significados podem vir à mente. Entretanto, o lugar comum nessas significações volta-se, quase sempre, à possibilidade de fazer recordar acontecimentos, sensações, sentimentos, fatos, informações etc. A memória, porém, é muito mais, pois vai além de um caminho ou ponte que leva ao passado. Ela é, como a epígrafe já denuncia, o que modela e define as pessoas como cidadãos, partícipes de uma cultura e de uma história, não apenas como indivíduos, mas como sociedade. Como se operasse numa via de mão dupla, vivencia também os efeitos desse processo, ou seja, indivíduos e sociedade igualmente a transformam e modelam.

As discussões apresentadas neste capítulo se ocupam em elucidar como esse jogo entre memória e sociedade acontece, sem esquecer, obviamente, o papel do individual na construção da memória social. Primeiro, aborda-se os aspectos históricos e contemporâneos da memória, adentrando, posteriormente, em seus aspectos conceituais. Em seguida, demonstra-se a sua dinamicidade e pluralidade ao traçar aproximações teóricas entre a memória e o campo da Ciência da Informação e, ainda, a sua relação com as discussões que envolvem cultura e identidade. Concluindo, apresenta-se a forma como a memória e seus conceitos subjacentes adentram as concepções acerca da biblioteca e a sua função memorial.

### **2.1 Contextualização histórica e contemporânea da memória**

De acordo com Le Goff (2003, p. 469), “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. ” Assim sendo, a memória tem estado no bojo das discussões que envolvem a contemporaneidade e, junto a ela, temas como identidade social e pertencimento têm sido foco de estudos que tentam compreender como as relações humanas têm se caracterizado nessa sociedade que, dentre outras nomeações, recebe os títulos de: “Pós-Moderna”, “Sociedade do Conhecimento”, “Sociedade da Informação”, “Sociedade em Rede”, “Modernidade Tardia”, para citar algumas.

Contudo, antes de falar da memória no cenário atual, torna-se necessário, primeiramente, visitar, mesmo que de forma breve, os caminhos históricos pelos quais essa noção perpassa e, para isso, tem-se como principal ponto de referência o exame realizado nos estudos de Le Goff (2003).

Por meio da análise desse autor, nota-se que a história da memória se desenha mediante modificações sociais em que, algumas dessas, serão cruciais e decisivas para cada período da memória. Em suas interlocuções, Le Goff (2003) reflete que, para compreender a dinâmica histórico-memorial, é necessário, inicialmente, atentar para as diferenças existentes entre as sociedades de memória essencialmente oral e as sociedades de memória essencialmente escrita. Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo com a criação de formas de exteriorização da memória, como a escrita, a memória oral não deixa de estar presente.

Em cada uma dessas sociedades, as formas pelas quais a memória se apresenta socialmente se alteram conforme a inserção e a criação de novos elementos de comunicação, como a invenção da escrita, da imprensa e, de forma mais recente, os computadores. Tendo como pano de fundo esses dois tipos de sociedades, Le Goff (2003) sistematiza as alterações históricas da memória social em cinco fases, a saber: a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas “selvagens”; o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade; a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; e os desenvolvimentos atuais da memória.

A memória dos povos sem escrita tem na oralidade a principal forma de transmissão de saberes e tradições. Os responsáveis por essa transmissão eram os chamados homens-memória, sendo estes, os genealogistas, os historiadores da corte, e também os chefes de família, idosos, bardos e sacerdotes. Estes homens possuem, além da função de guarda e transmissão da memória, o papel de manter a coesão do grupo (LE GOFF, 2003).

Ademais, Le Goff (2003) assinala, que a transmissão dessas memórias não era realizada mediante uma memorização exata, considerando-se palavra por palavra, mas, que esse processo se dava, sobretudo, por meio de uma reconstrução criadora e não segundo uma memorização mecânica. A memória coletiva desses povos teria passado por constantes reconstruções, visto que, as narrativas eram repassadas por aqueles a quem se destinara o labor da recordação.

Para os gregos da época arcaica, possuidores de forte tradição oral, a memória era considerada uma deusa, *Mnemosyne*, a mãe das nove musas, dentre essas, *Clio*, a deusa da História. *Mnemosyne* revela os segredos do passado aos narradores e poetas, ela também

possui, segundo a crença, o antídoto do esquecimento. A deusa da memória, “permite unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos” (CANDAU, 2016, p. 59), ou seja, através das lembranças, a mesma permite revisitar o passado, compreender o presente e interferir no futuro.

O desenvolvimento da memória, desde a oralidade à escrita, ocorre de formas e tempos diferentes nas diversas sociedades e grupos étnicos. Nas grandes civilizações, como, Mesopotâmia, Egito e China, o surgimento da escrita está relacionado principalmente à necessidade de registrar as distâncias, as datas, os dados do comércio e a memória dos reis. Regiões com grande fluxo de comércio, como Egito e Mesopotâmia passam a acumular muitos dos registros dessas atividades e, em consequência, criam-se lugares especificamente para guardá-los; são os arquivos, as bibliotecas e os museus, e dentre estes, está a célebre biblioteca de Assubarnipal, em Nínive, datada de dois mil anos antes de nossa era (LE GOFF, 2003).

Dentre os primeiros suportes de escrita estão materiais como: pedra, mármore, osso, pele e, mais adiante, criam-se suportes especificamente para uso de registro, como papiro, pergaminho e papel. O uso desses materiais tem duas principais funções, o primeiro deles é de armazenamento de informações, que permite comunicar através do espaço e do tempo; e o segundo, o de possibilitar reorganizar e reexaminar informações (LE GOFF, 2003).

A escrita traz profundas modificações na memória coletiva, dentre estas, está o aparecimento dos processos *mnemotécnicos* e a memorização palavra por palavra. Esse fato soa contraditório, visto que, mesmo com a invenção da escrita, que vem acompanhada por uma “promessa” de ser uma extensão da memória humana, passa a ser constante a preocupação de memorizar informações. Enquanto, que, como se pode ver, nas sociedades sem escrita não existia uma preocupação em memorizar de forma exata informações e fatos (LE GOFF, 2003; CANDAU, 2016).

Com a criação da imprensa de Gutemberg, por volta do século XV, as formas de comunicação da memória se aproximam cada vez mais da forma escrita. Até então, as diferenças entre a transmissão da memória pela oralidade e pela escrita eram bem menos acentuadas. Através da imprensa, a memória coletiva se prende ao suporte físico, dessa maneira, são difundidas as formas de apreensão do conhecimento pela leitura do texto escrito. (LE GOFF, 2003)

Entre os séculos XV, marcado pela invenção da imprensa, e o século XIX houve um grande volume de acúmulo da memória coletiva pelos suportes documentais. Entretanto, é



no século XX, sobretudo, depois da década de cinquenta, que acontece mais uma grande revolução da memória, dessa vez, causada pela invenção do computador. Advindos das máquinas de calcular criadas no decurso da Segunda Guerra Mundial, os computadores inauguram novas formas de registrar e transmitir a memória coletiva. Trazendo promessas ainda maiores do que a invenção da escrita de expandir as possibilidades de registro, transmissão e fortalecimento da memória humana (LE GOFF, 2003).

De acordo com Candau (2016), esses prenúncios não têm se refletido na realidade contemporânea, pois, a grande profusão de registros informacionais, uma das principais características da modernidade, não garante ou reforça as memórias coletivas, mas, pode apresentar o efeito contrário, haja vista que, “a erosão de memórias coletivas pode estar correlacionada com a multiplicação de memórias mecânicas.” (2016, p. 114). Assim, as memórias artificiais, ao invés de auxiliarem a memória coletiva, podem estar contribuindo para o “esquecimento” destas. Para reforçar sua argumentação, o autor cita que, “calcula-se que uma edição de fim de semana do *The New York Times* contenha muito mais informações do que uma pessoa comum, vivendo na Inglaterra no século XVII, pudesse encontrar ao longo de sua existência ” (CANDAU, 2016, p. 113).

Assim, as discussões que envolvem a memória no cenário contemporâneo têm sido cada vez mais ligadas às questões referentes a uma crise memorial e de identidade social. A sociedade contemporânea, segundo Candau (2016), vive uma espécie de *mnemotropismo*, a febre de uma busca pela memória, que seria resultado de uma tensão identitária, própria dos tempos atuais.

Essa perspectiva levantada por Candau (2016) vai ao encontro de uma corrente historiográfica francesa, localizada especialmente nas últimas três décadas, a qual pertencem, dentre outros teóricos, Le Goff (2003) e Nora (1993). Para o primeiro desses, “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento. ” (2003, p. 469). Segundo esse autor, isso acontece porque a memória “é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia ” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Nora (1993, p.7) traz, em sua problemática dos lugares, a afirmativa de que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.” Estaríamos saudosos da memória justamente porque ela encontra-se distante e, esse sentimento advém dos resultados das rupturas com o passado feitas no novo modelo social, e para ele,

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. Sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p.7)

Para Nora (1993), os lugares de memória são hoje necessários porque a memória não habita o cotidiano como antes habitava. A memória acontecia nos rituais, nos valores, nas tradições, estava sempre presente e era concretizada em ações do dia a dia. A sua ausência no cotidiano leva à necessidade de construir lugares de memórias, lugares que remetem às histórias, vivências e tradições (NORA, 1993).

Uma das razões para essa crise estaria no que Bauman (2001) chama de efeitos de uma modernidade líquida. Para ele, a sociedade moderna vive momentos de fluidez, de relações e acontecimentos governados pela efemeridade, pelo banal. Ao fazer uma analogia da realidade social com a liquidez, o autor explica que, o estado líquido, diferente do estado sólido, não suporta uma força tangencial ou deformante quando imóvel e assim sofre uma constante mudança de forma quando submetido a tensão. “O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade ” (BAUMAN, 2001, p.8).

Entendendo então a diferença entre os estados sólido e líquido posta pelo autor, a analogia da modernidade líquida, ilustra que a modernidade se caracteriza pela flexibilidade, pela inconstância e por um caráter heterogêneo. Na percepção do autor, o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade (BAUMAN, 2001, p.13).

Para Giddens (1991, p. 10), esse movimento de rompimento, de descontinuidade, esteve presente em várias fases do desenvolvimento histórico. Entretanto, os modos de vida desenvolvidos na modernidade “nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. ”

Pode-se afirmar que a ideia de tradição contrasta com a ideia de modernidade. No sentido empregado por Giddens (1991), a tradição é uma “maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes ” (GIDDENS, 1991, p. 37).

Observa-se que com o advento da modernidade, a tradição acontece com outras significações, “a rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o

passado, exceto na medida em que o que "foi feito antes" por acaso coincide com o que pode ser defendido de uma maneira proba à luz do conhecimento renovado ” (GIDDENS, 1991, p. 39).

Refletindo acerca da problemática que envolve a memória no cenário contemporâneo, Candau (2016), em tom conciliador, comenta que é preciso deter atenção não em um desaparecimento da memória coletiva, mas, na sua transformação; pois, mesmo que distanciada das formas tradicionais, essa memória não deixa de existir. E, portanto, caberá ao antropólogo contemporâneo, “fazer o inventário das novas formas com as quais se revestem as memórias mutáveis, móveis, eletivas, não tão grandes e menos fortes que as de antigamente, mas sempre vivas, tanto no presente como no passado, em nossa sociedade, como em outras ” (CANDAU, 2016, p. 194).

O que pode ser compreendido por meio desse breve olhar sobre os tempos da memória é que, na evolução das sociedades, desde os povos sem escrita até os domínios contemporâneos, a memória coletiva se transmuta e renasce a cada nova etnia e nova sociedade que se funda, bem como a cada nova ação do homem sobre os espaços. O que mais se sobressai a tudo isto, é que a memória acompanha e se adequa ao ritmo coletivo em que habita, como parte de um corpo social.

Com efeito, a memória é realmente um caso intrigante a se estudar. O exame feito por Le Goff (2003) e contemporaneamente por diversos outros autores, testemunham a favor da concepção que a memória está de tal forma imbricada à sociedade que não é possível dissociá-las, e tudo aquilo que afeta o construto social também irá afetá-la. Destarte, essas primeiras perspectivas históricas escolhidas para encaminhar os temas discutidos neste capítulo, denunciam que a memória é, sobretudo, dinâmica. E, por esta razão, existem diferentes maneiras de revisitar e compreender *Mnemosyne*.

## **2.2 As diferentes faces de *Mnemosyne***

No decorrer desta seção, reflete-se acerca de três principais faces ou perspectivas relacionadas à memória. Em um primeiro momento, aborda-se os estudos que apontam a memória sob o prisma das faculdades cognitivas do ser humano. Seguindo em outro direcionamento, apresentam-se os conceitos de memória coletiva e social, os quais situam a memória pelos quadros sociais. E, numa terceira abordagem, trata-se da memória objetivada e materializada nos suportes de registros do conhecimento.

De antemão, é necessário esclarecer que o intuito das discussões não está voltado a demonstrar uma supremacia de um conceito em detrimento de outro; busca-se, sobretudo, evidenciar a pluralidade de entendimentos e olhares que a memória recebe.

Todavia, antes de adentrar na seara das concepções da memória, torna-se necessário evidenciar algumas fronteiras conceituais no que tange à memória e à história, haja vista que, muitas vezes, esses termos são tomados como semelhantes, ou mesmo equivalentes. Essas demarcações conceituais são destacadas por Halbwachs (2003), para quem não se pode confundir memória e história, pois, segundo ele, a primeira pertence ao próprio movimento humano em seus atos de recordação vividos em um presente pelos indivíduos e grupos, permitindo que estes, a partir de seus pontos de vista, busquem no passado as suas lembranças, enquanto que,

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar nas memórias dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou decompõe a memória social. (HALBWACHS, 2003, p. 100)

Imbuído desse entendimento, Nora (1993) esclarece que a memória está enraizada em todos os processos que envolvem indivíduo e sociedade. Dessa forma, seria sempre viva, e independentemente do tempo cronológico. Enquanto que a história se debruça no que passou, no que está encerrado no passado, e que ela própria se incube de nomear como passado, como algo finito. Para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo ” (NORA, 1993, p. 9).

Pelas afirmativas de Halbwachs (2003) e de Nora (1993), as diferenciações entre memória e história residem na forma como, em geral, a primeira toma para si o labor (de caráter científico) de registrar e contar os fatos passados, obedecendo a uma ordem cronológica, dando especial foco àquilo que não foi vivenciado pelas gerações do presente. Essas afirmativas, permitem compreender que o que a história apresenta é uma memória daquilo que já passou; diferente da memória, que é relativa ao ato de rememorar fatos, sensações ou acontecimentos por meio de uma “busca” no passado, mas que acontece sempre em diálogo com o presente.

Voltando atenção para a memória e seus sentidos, tem-se como ponto de partida as considerações de Ricoeur (2007), que enquadra a memória sob dois principais olhares, o

primeiro advindo de uma tradição do olhar interior, originário das teorias de Santo Agostinho, e o segundo, em um olhar exterior, o qual será inaugurado pelo trabalho de Halbwachs, entre as décadas de 20 e 30 do século XX.

Visitando, inicialmente, o entendimento que pode ser considerado lugar comum quando remete-se ao termo memória, à tradição do olhar interior da memória. Recorrentes na linguagem do senso comum e nos estudos que se voltam aos aspectos psicológicos da memória, esse olhar costuma ressaltar, na reflexão de Ricoeur (2007), três principais traços. O primeiro deles encontra-se na singularidade da memória como algo inerente ao ser humano, vivenciado pelo sujeito e intransferível para outro indivíduo. Seguindo-se de um vínculo importante que a memória permite com o passado, a capacidade de relembrar eventos passados nos quais se situa o sujeito. E, o terceiro traço destacado, reúne discursos que indicam que é pela memória que o indivíduo se orienta quanto à passagem do tempo.

Nesse olhar interior, surgido com Santo Agostinho em *Confissões*, o filósofo contempla a memória sob o aspecto da recordação que se dá por meio da cognição humana, que o autor chama de os “vastos palácios da memória”. Em seus escritos, se refere às capacidades cognitivas como meios pelos quais pode-se realizar atos de reminiscências daquilo que foi sentido e vivenciado. Para o autor, essas lembranças são feitas de imagens que representam acontecimentos, fatos, informações e percepções contidas na mente. Todavia, nesse processo, algumas dessas lembranças se apresentam mais facilmente, e outras, só emergem após uma busca minuciosa, como destacado a seguir:

Chego aos vastos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou. Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 266-267)

Ao observar a memória em sua dimensão cognitiva, o filósofo Henri Bergson (2010) trará alguns elementos comuns às teorias de Santo Agostinho. Entretanto, falará da memória não somente como elemento cognitivo humano, mas, também como algo que opera de forma intrínseca ao contexto do indivíduo. Para o autor, existem duas formas de memória, a *memória-hábito* e as *imagens-lembranças*. A primeira seria a memória contida no corpo,

que se dá através dos movimentos motores, orientados por um sentido de natureza e, de certa forma, realizados inconscientemente pelo sujeito. Em outra direção, o segundo tipo de memória são as imagens-lembranças que o sujeito busca voluntariamente em sua mente, são lembranças “pessoais que desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo ” (BERGSON, 2010, p. 97).

As *imagens-lembranças* de Bergson (2010) se assemelham à descrição de Santo Agostinho (2000) acerca da memória, quando afirma que: “o que vêm à nossa memória não são os fatos em si, que já deixaram de existir, mas as palavras que exprimem as imagens dos fatos, que, através de nossos sentidos, gravaram em nosso espírito suas pegadas” (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 268).

O movimento de recordação nos dois autores é retratado como um ato em que se recuperam fragmentos de acontecimentos, de percepções, pertencentes ao tempo passado, mas que, pelo ato de recordação, voltam à superfície da cognição como imagens.

Reverberando em outros estudos, as reflexões realizadas por Bergson (2010) estarão presentes nas definições de memória de autores como Chauí (1994) e Candau (2016). Em Chauí (1994), a memória é identificada sob algumas tipologias, a saber: *memória perceptiva ou reconhecimento*, que permite reconhecer coisas, pessoas, lugares etc., e que é indispensável para a vida cotidiana; *memória-hábito*, que adquire-se por atenção deliberada ou voluntária e pela repetição de gestos ou palavras, até gravá-los e poderem ser repetidos sem que neles tenha que se pensar; *a memória-fluxo-de-duração pessoal*, que faz guardar a lembrança das coisas, fatos, pessoas, lugares, cujo significado é importante para o indivíduo, seja do ponto de vista afetivo, como do ponto de vista dos conhecimentos (CHAUÍ, 1994, p. 129).

Candau (2016) utiliza-se de uma taxonomia para identificar a existência de dois níveis de memória. O primeiro deles seria o da memória de baixo nível, ou *protomemória*, semelhante à concepção de memória-hábito de Bergson (2010), que funciona como “guia” do corpo para realização de movimento e ações, que podem ser realizados sem precisar refletir sobre a ação, ou seja, mecanicamente. No segundo nível, estaria a memória propriamente dita, quando se recorda algo, de forma voluntária ou não, seriam as imagens-lembranças de Bergson (2010). O autor adiciona ainda a essa taxonomia, a *metamemória*, que seria a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória. Ou seja, uma memória sobre a memória, quando se é capaz de discorrer sobre as particularidades que envolvem as recordações individuais e coletivas, como as lacunas, os esquecimentos, os interesses por trás da dinâmica do lembrar e esquecer.

À luz desses estudos, percebe-se que a memória, em sua concepção cognitiva e de ordem íntima, remete a outros tipos ou níveis de memória existentes. A memória-hábito/protomemória, relativa, por exemplo, a quando se anda de bicicleta, e se acionam mecanismos motores presentes na memória cognitiva que se traduzem em movimentos sem que precise perceber criticamente como este ato ocorre graças a uma memória-hábito. Existem também as imagens-lembranças, as quais se referem a momentos onde se evocam, por vontade própria ou não, lembranças que se apresentam na mente, como quando se recorda de um fato acontecido, uma lição apreendida, uma sensação, o que pode acontecer por escolha, ou porque algum elemento direciona a essa lembrança, como uma fotografia, uma fragrância, um livro.

Em contraponto à ideia da memória pertencente particularmente ao escopo da mente humana, a concepção de *memória coletiva*, inaugurada pelo sociólogo Maurice Halbwachs, coloca a memória sob a égide dos quadros sociais. Até então, esta era estudada principalmente sob o prisma do sujeito e suas estruturas psíquicas. Indo em outra direção, Halbwachs (2003) funda novas bases para se pensar a memória como “parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros ao longo de suas vidas a partir de estruturas sociais” (SANTOS, 2012, p. 39).

Com Halbwachs (2003), inicia-se a tradição do olhar exterior sobre a memória e, de acordo com Ricoeur (2007, p. 130), deve-se a este autor “a audaciosa decisão de pensamento que consiste em atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade.”

Nessa perspectiva, o principal atributo da memória seria a sua natureza coletiva, sua constituição social. Como aluno de Bergson e estudioso de Durkheim, Halbwachs (2003) terá nesses dois teóricos os fundamentos pelos quais fundam sua teoria da memória enquanto elemento social. Focando principalmente nos fatos sociais de Durkheim, o autor apresenta a tese de que “os indivíduos se recordam de acordo com estruturas sociais que os antecedem” (SANTOS, 2012, p. 40).

Para Halbwachs (2003), o homem, enquanto ser de natureza essencialmente social, não pode ter suas lembranças pensadas de forma isolada dessas estruturas. Segundo o autor, “é difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam” (HALBWACHS, 2003, p. 42).

Halbwachs (2003), no entanto, não nega a existência de uma memória individual que, segundo ele, seria aquela de ordem mais íntima, que o indivíduo carrega consigo. Não obstante, essa mesma memória não deixa de perpassar pelos grupos, de se tornar lembranças em comum. O autor reflete, ainda, que:

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2003, p. 69)

As lembranças de ordem íntima, percepções e sentimentos, serão aquelas com maior dificuldade de se recordar, ao passo que as memórias que se relacionam aos grupos podem ser mais facilmente lembradas. Conforme o autor, “os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno do comum, [...] porque podemos nos apoiar na memória dos outros ” (HALBWACHS, 2003, p. 66-67).

O trabalho de Halbwachs (2003) irá inspirar novos estudos (especialmente nas disciplinas ligadas às Ciências Humanas e Sociais) nos quais as memórias serão vistas como parte central nas discussões envolvendo as estruturas coletivas, os processos interativos e os quadros sociais (SANTOS, 2012). Com a constituição das Ciências Sociais, o entendimento da memória como elemento social ganha força e, “desempenha papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas ” (LE GOFF, 2003, p. 466).

Dentre esses estudos, vale destacar os de Pierre Nora (1993), que define a memória de forma bastante poética, fala da mesma como fenômeno sagrado, vivido em um eterno presente, cheio de recordações, de lembranças que emergem de “um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada ” (NORA, 1993, p. 9).

Partindo também das teorias de Halbwachs (2003), Candau (2016) explica que a adjetivação memória coletiva pode não se adequar a todos os tipos de memória grupais. Para o autor, as memórias coletivas estão ligadas às experiências que os membros de um grupo compartilham igualmente, pois, “não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação” (CANDAU, 2016, p. 48).



Entretanto, sem negar a memória enquanto elemento social, Candau (2016) diz que quanto menor e homogêneo for o grupo, mais chances de ali existirem memórias coletivas. Para ele, as “sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva do que as grandes megalópoles anônimas” (CANDAU, 2016, p. 45). Para os grupos maiores e de caráter heterogêneo, o autor afirma que, ao invés de um compartilhamento de memórias, existe uma socialização destas.

Quando diferencia a memória nas sociedades de tradição oral e de tradição escrita, Le Goff (2003) ressalta que o termo memória coletiva poderia ser melhor aplicado às primeiras, visto que, esses povos tinham na memória do grupo os elementos pelos quais se davam suas relações gregárias. Enquanto que, com a inserção da escrita na dinâmica social, as memórias serão confiadas muito mais aos suportes físicos do que aos membros dos grupos. Para a memória dessas sociedades, Le Goff (2003) afirma preferir a utilização da adjetivação *social*.

O que mais se destaca nessa concepção social/coletiva da memória é que ela é inerente aos homens, o que acontece porque estes são seres de natureza social. Para além dos antagonismos entre memória de ordem cognitiva ou social, presentes na literatura, é importante perceber, como reflete Santos (2012, p. 30), que “a memória excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é resultado de si mesma, ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações.” Ou seja, a memória é plural, ela é do indivíduo, ao mesmo tempo que é social e coletiva.

Na linha de pensamento sugerida por Ricoeur (2007), a polarização desses discursos sobre a memória (interior ou exterior) não pode ser compreendida unicamente por sua natureza antagônica, em que um deles seria o real detentor da memória verdadeira. Contudo, o autor sugere que os dois discursos possuem um campo intermediário, no qual se encontram *o eu*, *os coletivos*, e *os próximos*, pois, as memórias não podem ser dissociadas de uma atribuição individual, ao passo que também não podem ser vistas longe de uma relação do sujeito com os *próximos* que o rodeiam. O autor reflete, ainda, que o que deve importar ao investigador que enveredar pelos caminhos de *Mnemosyne* é, antes de tudo, saber sob qual contraponto a memória será estudada, pela “memória dos protagonistas da ação tomados um a um, ou a das coletividades tomadas em conjunto” (RICOEUR, 2007, p. 105).

Como anunciado na abertura desta seção, existe também uma terceira perspectiva pela qual a memória perpassa, que é a sua *materialização*. Le Goff (2003) considera essa concepção acerca da memória, como “memória artificial”, aquela que é realizada e fixada por

meio de suportes e mecanismos, como a escrita, e que hoje se realiza também através de computadores e demais técnicas e instrumentos.

No entendimento de Oliveira e Rodrigues (2011, p. 216) esse tipo de memória pode ser compreendida como uma “memória adicional possibilitada por recursos tecnológicos, ou um procedimento técnico que permite sua fixação e facilita sua recuperação.”

Para Umberto Eco (2014) esse tipo de memória poderia ser também percebida pelas características minerais e vegetais dos suportes em que ela é registrada. Advinda, principalmente da invenção da escrita, a memória mineral se faz nos primeiros signos que foram gravados e esculpidos em pedras, tábuas de argila, e nas próprias formas arquitetônicas, desde as pirâmides às catedrais. A memória denominada como vegetal, recebe esse nome pois os primeiros materiais desenvolvidos especialmente para a escrita, o papiro, o papel e, até mesmo o pergaminho, possuem origem vegetal.

Numa perspectiva semelhante, Candau (2016) considera que as formas de registro do conhecimento, supracitadas pelas palavras de Eco (2014), são maneiras de exteriorização da memória, ato esse que acompanha os homens desde suas origens, quando estes deixam traços de sua cultura por meio das gravuras pré-históricas. E concordando com Le Goff (2003), afirma que teria sido a invenção da escrita e, mais ainda a imprensa, que vem possibilitando uma maior socialização da memória.

Assim, essas considerações revelam – assim como o exame histórico da memória de Le Goff (2003) – que a escrita possibilitou novas formas de transmissão e socialização da memória coletiva. Ao passo que se intensificam os usos das formas de registros, as memórias, os testemunhos, os conhecimentos dos indivíduos e grupos passam cada vez mais a estarem confiadas às formas escritas, mais do que à memória humana, como ocorria nas sociedades de tradição oral. Sobre isso, Eco (2014) vem dizer que: “hoje, os livros são os nossos velhos. Embora saibamos que erram com frequência, em todo caso nós os levamos a sério” (ECO, 2014, p. 16).

Ainda sobre a memória no sentido material, é importante mencionar que os computadores e a internet trouxeram um caráter material à memória ainda mais dinâmico, multiplicador e socializante. Codificada e processada em *bits* e códigos de zero e um, a memória assumirá uma presença virtual, de certa maneira até abstrata e efêmera. A leveza que os computadores parecem lhe conceder, fizeram com que barreiras de espaço e tempo sejam mais facilmente vencidas quando se fala em uma socialização da memória.

Em síntese, compreende-se que as concepções da memória perpassam pensamentos que aparentam certa natureza antagônica, quando os discursos querem ora entendê-la sob um olhar focado no ser humano e sua capacidade cognitiva, e ora querendo lhe conferir um significado oposto, ao lhe dar como principais atributos sua pertença aos grupos e a sociedade. Ao superar essas dicotomias, é possível concordar com Nora (1993) e dizer que em essência a memória é plural e dinâmica. E, se tal como os gregos antigos, considerá-la por sua possibilidade de conectar ao passado, pode-se então reconhecê-la como *Mnemosyne*, a entidade divina que abre as portas para o passado.

Entre formas individuais e coletivas, é certo que a memória assume também um caráter material e físico; essa possibilidade de registro, transmissão e comunicação, como defendem os autores que citamos, foi de grande importância para os desdobramentos vividos pelas sociedades, tanto antigas, quanto modernas. Esse novo meio de apoio a recordação, insere nas sociedades novas maneiras de guardar, recordar e criar conhecimentos e informações.

Destarte, depois de evidenciada essa pluralidade de conceituações atreladas à memória, não surpreende vê-la como um objeto de estudo interdisciplinar que transita entre campos, tanto das ciências naturais como das ciências sociais e humanas. Detendo-se nessas últimas, e ainda, de maneira mais específica, na Ciência da Informação (CI), a próxima seção debruça-se no intuito de responder o seguinte questionamento: *que lugar a memória ocupa no campo da CI?*

### **2.3 Enlaces entre a memória e a Ciência da Informação**

Ao visitar as origens da Ciência da Informação apresentadas por diversos teóricos do campo, como Buckland e Liu (1998), Capurro (2003) e Hjørland (2003), percebe-se que muitos destes autores concordam no seguinte aspecto: a CI nasceu interdisciplinar. O que significa que o diálogo com outros campos do saber deverá ser não só uma realidade, mas, condição *sine qua non* em suas práticas científicas. Para citar alguns campos com os quais a CI estabelece comunicação teórica, pode-se indicar: Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação, Lógica, Psicologia, Estatística, História, Sociologia, Computação, entre outros (BENTES PINTO, 2007).

Contudo, o que caracteriza uma disciplina ou campo do saber como sendo interdisciplinar? Nas palavras de Japiassú (1976),

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. (JAPIASSÚ, 1976, p.75).

Também refletindo sobre esse tema, Olga Pombo (2008) diz que a interdisciplinaridade se dá por meio de três determinações, que são: a fecundação recíproca das disciplinas, pela transferência de conceitos, de problemas e métodos científicos; a aproximação das disciplinas pelo objeto de estudo, mesmo que esse objeto venha a ser visto em uma perspectiva diferenciada em cada campo; e a criação de novos objetos do conhecimento.

Desse modo, entende-se que para que uma ciência se caracterize como interdisciplinar, deve possuir com outros campos uma aproximação quanto às suas técnicas, métodos, formas de análise, partilhando também de objetos de estudo, como por exemplo, a memória, que, de acordo com Le Goff (2003), tem se constituído um elo entre os estudos de disciplinas pertencentes às Ciências Sociais e Humanas.

Voltando à CI, Bentes Pinto (2007) afirma que, o que caracteriza o referido campo são: “as possibilidades de estudar soluções para os problemas relativos à natureza, economia, produção, processamento, organização, gestão, disseminação, recuperação, recepção e uso da informação. ” (2007, p. 106). As afirmações dessa autora vão ao encontro da definição que Robredo (2003, p. 5) arroga a esta ciência, como sendo,

A disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação.

Nos estudos de Capurro (2003) e Højrlund (2003), é dito que a CI vem seguindo perspectivas de estudo que envolvem a informação enquanto elemento pertencente a um contexto social. Dessa forma, permite-se inferir que a CI assume estreitas relações com disciplinas como a Antropologia, a Sociologia, a Comunicação e a História.

Assim, neste estudo, o movimento de busca pelo lugar da memória na CI se baseia, inicialmente, no pressuposto de que seria por meio desse contexto interdisciplinar que a memória teria adentrado no campo da CI. Com isso, busca-se, nesta seção, articular discussões referentes à memória, à informação e à Ciência da Informação.

### 2.3.1 Entrelaçamentos conceituais

Pela nomenclatura “Ciência da Informação” pode ser vista de forma explícita a relação entre a CI e a informação, mas, e quanto à memória? É feita alguma discussão sobre ela na epistemologia da CI? Buscando responder a esses questionamentos, examina-se aqui algumas perspectivas conceituais envolvendo a informação, bem como, alguns dos paradigmas e abordagens presentes na referida área.

Assim como foi visto anteriormente com a memória, a informação possui diversas conceituações e entendimentos. A busca por sua definição tem sido tarefa complexa e vem sendo realizada há várias décadas com o apoio de teorias de diferentes áreas científicas. Parte-se aqui, de discussões que ocorrem no âmbito da CI.

Etimologicamente, o termo informação possui duas origens, uma latina e outra grega. Na primeira delas, o termo deriva do verbo *informare*, que significa dar forma, criar, e no grego, advém dos termos *morphe*, *morfo* e *eidos*, que significam, respectivamente, forma, ideia, aquilo que se vê. Assim, uma das características inerentes aos estudos sobre informação será as muitas faces de entendimento e definições que lhe são dadas. Wurman (1991, p. 42) chama atenção para este aspecto quando reflete que,

A palavra “informação” sempre foi ambígua e literalmente empregada para definir diversos conceitos. Os dicionários registram que a palavra tem sua raiz no latim *informare* [...] A definição mais comum é “a ação de informar, formação ou moldagem da mente ou do caráter, treinamento, instrução, ensinamento, comunicação de conhecimento instrutivo.

Capurro e Hjørland (2007) afirmam que o conceito de informação, cotidianamente, é usado no sentido de conhecimento comunicado. Na sistematização da conceituação de informação na CI, realizada por Capurro (2003), o autor relaciona o conceito do termo a três principais paradigmas, o **Físico**, o **Cognitivo** e o **Social**. O primeiro deles teve como marco a Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver (1949). Dessa teoria, surge o primeiro conceito de informação incorporado pela Ciência da Informação, o qual, “implica numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem, cujos aspectos semânticos e pragmáticos intimamente relacionados ao uso diário do termo informação são explicitamente descartados por Shannon” (CAPURRO, 2003, p.7).

Segundo Araújo (2012, p. 146), nessa primeira teoria acolhida pela CI, o significado de informação pode ser compreendido “como um fenômeno objetivo, com

existência independente dos sujeitos e dos contextos, algo possível de ser transmitido tal como é de um ponto a outro num processo de comunicação.”

De maneira semelhante, González de Gómez (2009) considera que as primeiras conceituações da informação na Ciência da Informação seguem em uma abordagem que a autora nomeia como *fisicalista*, que estaria relacionada ao que Capurro (2003) chamou de Paradigma Físico. Nessa abordagem, é dada ênfase ao caráter material e físico da informação, para tanto, dentre os seus estudos nessa temática, a autora lembra da designação *informação-como-coisa* apresentada por Buckland (1991).

Como contraponto à concepção física da informação, surge outra acepção para ela, que parte da proposta do sentido cognitivo da informação de Brookes (1977), a qual Capurro (2003) identifica como sendo pertencente ao Paradigma Cognitivo. Nesse momento, a informação passa a ser compreendida como algo com capacidade de modificar os estados cognitivos dos sujeitos, e passa-se a dar, “especial atenção às maneiras como os indivíduos percebem seus estados de lacuna cognitiva e as estratégias utilizadas por eles para buscar e usar as informações de que necessitam” (ARAÚJO, 2012, p. 148).

Assim, como no Paradigma Físico, que foi influenciado fortemente pela Teoria Matemática de Shannon e Weaver (1949), o Paradigma Cognitivo, de Brookes (1977), possui como teoria influenciadora, a teoria de Karl Popper, conhecida como os “Três Mundos de Popper”. Sobre esta, Capurro (2003, p. 8-9) destaca que,

A ontologia popperiana distingue três mundos, a saber: o físico, o da consciência ou dos estados psíquicos, e o do conteúdo intelectual de livros e documentos, em particular o das teorias científicas. Popper fala do terceiro mundo “como um mundo de objetos inteligíveis ou também de conhecimento sem sujeito cognoscente.”

No entendimento de Capurro (2003), no Paradigma Cognitivo considera-se a informação, “ou como algo separado do usuário localizado em um mundo numênico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano” (CAPURRO, 2003, p. 9).

Frohman (2006), quando discute a informação no âmbito da CI, argumenta acerca de um enfoque voltado à imaterialidade da informação. O autor relaciona, nesse enfoque, a perspectiva dos estudos cognitivos da informação, os quais chama, também, de abordagem *mentalista*, e sobre isto reflete que,

Considero conceito mentalista abstrato aquele no qual a informação é concebida como algo que está presente na mente em estado de compreensão, seja essa compreensão proveniente da leitura de um documento ou de outros meios. Essa ideia privilegia os estudos de informação focados nos indivíduos como agentes de atividades e práticas do interesse dos estudos da informação. (FROHMAN, 2006, p. 2)

Ainda sobre a concepção mentalista, González de Gomez (2009) diz que nas definições que envolvem essa aceção, “[...] encontrarão sustentação as enunciações acerca da intangibilidade da informação, ao deslocar o objeto dos estudos da recuperação de informação, de uma primeira ênfase nas fontes de informação e nos sistemas, em direção aos usuários” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p.118).

Considerando esse primeiro enfoque limitado, Frohman (2006) argumenta a favor de uma abordagem material e social da informação. Porém, o sentido material de que o autor fala não é o mesmo da abordagem física correlacionada ao Paradigma Físico, mas focado no caráter social que a informação assume através dos documentos, visto que, “através da documentação podemos identificar os campos de força – institucional, tecnológico, político, econômico e cultural – que configuram características públicas e sociais da informação em nosso tempo” (FROHMAN, 2006, p. 13).

Desse modo, pelos argumentos que defendem a informação como fenômeno inerente ao contexto social, surgem as perspectivas que Capurro (2003) aprecia através do Paradigma Social que, segundo ele, emerge da necessidade de se repensar a compreensão do processo informacional. Nesse paradigma, é a natureza social e coletiva da informação que é levada em consideração, o seu enraizamento em um determinado contexto e, ainda, o caráter ativo do sujeito. Esse paradigma surge devido à limitação existente no Paradigma Cognitivo, em que se considera o sujeito cognoscente muitas vezes dissociado do contexto social. O Paradigma Social seria uma integração do ponto de vista “individualista e isolacionista do Paradigma Cognitivo dentro de um contexto social no qual diferentes comunidades desenvolvem seus critérios de seleção e relevância” (CAPURRO, 2003, p. 11).

Baseada nas teorias contemporâneas que envolvem a informação principalmente pelo âmbito social, González de Gómez (2012) defende que,

A informação tem sido considerada, com maior frequência, associada à transmissão cultural e aos processos de socialização e formação de identidades. Hoje, porém, a informação remete aos modos e problemas da integração social, na medida em que aumenta a dependência e interdependência entre diferentes atores e contextos sociais, entre diferentes saberes, setores de atividade e funções de produção e de gestão. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p.28)

Observa-se, assim, que o entendimento acerca da informação transita entre abordagens que, ou se excluem ou se complementam. Podemos ver a existência de duas principais abordagens, de um lado, uma física, material, e, do outro, a abordagem cognitiva e mentalista. Entretanto, nota-se que, pela insuficiência de se conseguir contemplar a dinâmica informacional, torna-se necessária uma abordagem que contemple a dinâmica e os fluxos pertencentes aos processos informacionais em relação ao contexto, o que é perceptível através do Paradigma Social.

À luz dessa breve reunião de conceitos acerca da informação, que pontos em comum podem ser identificados entre informação e memória? Será que as abordagens aqui apresentadas possuem alguma proximidade com os enfoques conceituais relacionados à memória apresentados anteriormente?

Ao observar a primeira concepção de memória aqui exposta, numa perspectiva psicológica, percebe-se uma semelhança com a visão da informação como fenômeno cognitivo, o qual se observa no Paradigma Cognitivo de Capurro (2003), no enfoque imaterial de Frohman (2006) e na abordagem mentalista de González de Gómez (2009). Essas concepções possuem argumentos comuns às definições que tratam da memória sob um olhar interior, como faculdade mental, ou seja, centrada no sujeito.

Outro ponto de convergência perceptível entre as discussões que envolvem memória e informação, está no sentido material dado à primeira, que se encontra presente no Paradigma Físico de Capurro (2003) e na abordagem fisicalista de González de Gómez (2009). Veremos, também, na materialidade da informação de Frohman (2006), alguns pontos em comum com a materialização da memória (individual ou coletiva), através dos suportes de registro do conhecimento. Frohman (2006) chama atenção para o fato de que o documento (escrito, impresso, digital) passa a representar para a sociedade um forte poder de legitimação de acontecimentos, fatos e informações.

Concluindo essa relação entre os conceitos, pode-se inferir, ainda, que memória e informação têm em comum um sentido social e antropológico. O sentido visto na percepção da memória coletiva, advinda principalmente de Halbwachs (2003), é comum àquelas apresentadas nas abordagens que tratam a informação como um fenômeno social. Para os dois objetos, o atributo social é utilizado como a principal característica em suas definições e, desse modo, informação e memória seriam entendidas como produtos sociais que emergem de grupos.



Isto posto, é possível perceber a existência de aproximações teóricas entre informação e memória, que acontecem a partir das concepções relacionadas às esferas física, cognitiva e social, atribuídas a ambas. Evidenciar essas afinidades, entre as definições que envolvem os dois objetos de estudo, auxilia na identificação de mais um ponto de encontro entre a memória e a CI: suas abordagens conceituais.

### *2.3.2 Os estudos da memória na historicidade da Ciência da Informação*

Se a memória está entrelaçada à CI por seus atributos conceituais, é plausível pressupor que será possível encontrar também outras aproximações, desta vez, pelo contexto histórico deste campo. Perseguindo essa premissa, foram investigadas indicações na literatura da área sobre como a memória pode ser percebida no contexto histórico da CI.

Para dar início a essa busca, adota-se como base o exame histórico-epistemológico que Malheiro e Ribeiro (2011) realizam a partir dos Paradigmas **Custodial** e **Pós-Custodial**, nos quais indicam a presença da memória na história da Ciência da Informação e de seus campos correlatos: Documentação; Biblioteconomia; Arquivologia e Museologia. Os autores utilizam-se desses paradigmas para demonstrar as mudanças de abordagens nas práticas ligadas às disciplinas supracitadas.

O Paradigma Custodial se refere às práticas custodiais, de origem milenar, nas bibliotecas, arquivos e museus, as quais têm seu foco direcionado à guarda e custódia dos acervos, pois, na Antiguidade, momento em que estas instituições emergem, a finalidade de preservação da memória esteve imbuída de um fazer custodial. As sociedades antigas viam, na guarda dos registros do conhecimento, uma forma de perpetuação da sua memória e identidade e, também, como forma de demonstração de poder, a exemplo da Biblioteca de Alexandria, sobre a qual se discute mais adiante.

Na Idade Média, o sentido custodial permanece ainda muito forte nessas instituições, visto que a produção de manuscritos, nos quais se registravam o conhecimento da época, acontecia mediante um penoso labor manual, dentre outros fatores. No período do Renascimento e após a Revolução Francesa, a memória continua ligada ao sentido de identidade social e cultural das sociedades, uma vez que, com a queda do regime monárquico, o Estado vê na preservação da memória uma das funções das bibliotecas e arquivos públicos, como formas de reforçar a criação de uma identidade nacional em seu povo (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011).

Quanto ao Paradigma Pós-Custodial, Malheiro e Ribeiro (2011) afirmam que ele possui caráter “informacional e científico – fomentado e intensificado pelo desenrolar acelerado da Era da Informação (datável, genericamente, a partir de 1945) em que estamos e, em particular, pela conjuntura internacional da Rede” (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011, p. 13-14). Esse paradigma seria um contraponto, em relação ao paradigma da custódia, quanto à guarda e preservação dos acervos, que estaria ligada à razão de ser das bibliotecas, arquivos e museus. Entretanto, na passagem para uma nova abordagem, essa função não tem o mesmo significado, no entanto, ela não deixa de existir.

Nesse segundo paradigma, a função de custódia se ressignifica quando o acesso de conteúdos informacionais passa a ser uma prioridade das práticas dos profissionais da informação, pois, a guarda e preservação da informação devem ser feitas com o objetivo de que esta venha ser acessada (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011). Ao colocar a memória sobre a égide desse novo paradigma, pode-se dizer que o mesmo princípio deverá ser aplicado a esta, ou seja, a guarda da memória só será legítima se realizada com o intuito de que possa ser disponibilizada e acessada de forma democrática.

Ao apresentar as fronteiras entre os dois paradigmas, os autores afirmam que o surgimento da Ciência da Informação estaria imbricado a um caminhar para uma abordagem pós-custodial e informacional, que se inicia na busca dos profissionais da informação por novas práticas, quando a organização, armazenamento, acesso, mediação e uso da informação passa a ser o ponto central de suas atividades. Todavia, devido à relação próxima às disciplinas da Biblioteconomia, da Arquivologia e da Museologia, a CI herda, ainda, alguns traços do Paradigma Custodial, dentre eles, o papel de preservação da memória e da história através dos registros do conhecimento.

Para Malheiro e Ribeiro (2011, p. 72), a Ciência da Informação,

[...] congrega em si a herança disciplinar advinda de um tempo ou paradigma (custodial e patrimonialista), em que a preocupação central foi a de localizar, ordenar, descrever e recuperar documentos/objetos físicos, que interessava guardar e proteger como bens patrimoniais valiosos.

Nessa mesma perspectiva, Pinheiro (2005, p. 16) diz que o tema memória encontra-se na raiz da CI, pois, a Documentação, sua antecessora, teria um de seus focos voltado ao “registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização”. O *Traité de documentation*, de Otlet (1934), foi o marco fundador da Documentação e, nele, o objetivo de preservação da memória do conhecimento está implícito na ideia de preservação dos registros da informação (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009).

Nesse sentido, é possível perceber que a transição entre os paradigmas (ainda não finalizada) não implica na ruptura total com as práticas de origem custodial, relativas às áreas da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, as quais contribuíram para o surgimento da CI e que, hoje, são consideradas correlatas a ela (ARAÚJO, 2012). A mudança está, justamente, no foco dado a essas práticas: não mais aquele de restringir, mas o de disponibilizar a informação, a memória e o conhecimento.

Por meio da bibliometria acerca dos estudos sobre a memória na CI, Oliveira e Rodrigues (2011) indicam a existência de três principais perspectivas, sendo: a *memória humana*, que reúne estudos focados na capacidade mental humana, de reter dados, informações e experiências; a *memória artificial*, na qual o foco dos estudos está na possibilidade de materialização da memória através de suportes como livros, documentos, dispositivos eletrônicos, digitais etc.; e a *memória social*, aquela que se constrói socialmente e que pode ser percebida e estudada por meio dos registros informacionais.

Feita essa contextualização teórica e conceitual de entrelaçamento da memória e da informação na CI, permite-se refletir que, através de novas formas e significações, a memória continua atrelada às áreas da Biblioteconomia, da Arquivologia e da Museologia, pois, veio como herança dessas áreas. Contudo, a forma como a CI se direciona a esse objeto de estudo, herdado das abordagens custodiais, encontra-se atrelado a uma nova abordagem, mais dinâmica, que enxerga esse objeto de maneira a conferir-lhe caráter informacional, indo além do sentido da guarda e da preservação.

As aproximações teóricas das perspectivas, acerca da memória e da informação apresentadas, orientam para a ideia de que a memória tem sido inerente às práticas relacionadas aos campos da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, desde a Antiguidade. Além disso, essa relação permanece presente ainda com o surgimento da Documentação e, posteriormente, da CI.

A memória chega à Ciência da Informação como um campo fértil e rico de estudos filosófico, histórico, sociológico e epistemológico. Exemplo disso, são os estudos em que a memória social é posta sob um olhar informacional, o que possibilita a abrangência de diversos tipos de pesquisas, como os registros informacionais (como forma de conhecer e ter acesso à memória de indivíduos, grupos, cidades, países, instituições, dentre outros). Outro exemplo, é o estudo da capacidade dos suportes e das técnicas informacionais de preservação, acesso e difusão da memória.

A forma como a memória transita ao longo do tempo, entre abordagens custodiais e pós-custodiais, remete à reflexão de que o *dever* da memória parece resistir às mudanças do

tempo, cronológico e simbólico, como se ela fosse imortal. Halbwachs (2003) e Nora (1993), em suas reflexões, ensinam esse sentimento, de que a memória sempre será parte indissociável de uma sociedade, de uma cultura, das identidades, sejam elas coletivas ou individuais e, independentemente do tempo em que se encontram.

## **2.4 Memória e cultura na construção da identidade**

Nesta subseção, discorre-se como (conceitual e teoricamente) acontece a relação entre três dimensões: *memória*, *cultura* e *identidade*. A articulação destas se dará mediante estudos oriundos de um viés social e antropológico, os quais auxiliaram na reunião teórica dessas três dimensões.

A compreensão acerca da noção de memória, identidade e cultura é fundamental nos estudos ligados às áreas das Ciências Humanas e Sociais. Como foi visto, as pesquisas focadas nessa temática têm, desde a segunda metade do século XX, ganhado foco privilegiado nas discussões que envolvem as relações humanas na contemporaneidade, como bem destaca Candau (2016). Nesse sentido, apresentam-se, inicialmente, algumas perspectivas conceituais, que têm como foco a relação memória-identidade.

Antes de traçar os pontos que indicam essa relação, contudo, torna-se necessário compreender as definições que envolvem o termo identidade. Como já apresentado anteriormente, a concepção de memória tem dois principais núcleos em que se concentram as suas diversas definições, nos quais algumas se aproximam de uma perspectiva predominantemente cognitiva e outras a privilegiam como fenômeno social.

Através do estudo de Hall (2003), observa-se que, na construção do conceito de identidade, essa polarização também esteve presente. Entretanto, seus estudos demonstram que o entendimento acerca do que seria a identidade, perpassa, não por dois, mas, por três enfoques, os quais o autor sistematiza como: *sujeito do iluminismo*; *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*.

De acordo com Hall (2003), advindas do período do Iluminismo, as primeiras concepções de identidade surgem quando são criadas as teorias que colocam o homem no centro do discurso, ou seja, quando o ser humano passa a ser visto como um ser individual. O autor esclarece, entretanto, que “isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas, que a individualidade era tanto ‘vívda’ quanto ‘conceptualizada’ de forma diferente” (HALL, 2003, p.25).

As teorias modernas do filósofo René Descartes foram um dos marcos para a individualização do sujeito, as quais postulam a ideia de que o ser humano tem como

principal característica a capacidade de raciocinar. Por isso, suas palavras de ordem, “*penso, logo existo*” (do latim, *cogito, ergo sum*) exprimem bem essa ideia (HALL, 2003).

Dessa forma, entende-se que a identidade começa a ser pensada quando surgem teorias em que o homem passa a ser visto como sujeito de suas ações e que não mais busca todas as respostas em um Ser criador, que seria o grande responsável por todas as vidas na Terra. Ou seja, ao passo que os “holofotes” do Iluminismo e suas teorias modernas se direcionam ao indivíduo, surgem os questionamentos sobre quem é esse indivíduo e qual a sua identidade.

Com a criação das Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, surgem abordagens centradas no *sujeito sociológico*, nas quais, a questão da identidade passa a ser pensada, não mais sob uma individualização do sujeito, mas este como parte de um corpo social. Assim, essa perspectiva localiza “o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas” (HALL, 2003, p. 31). Sob a visão do sujeito sociológico,

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores”, e as identidades que esses mundos oferecem. ” (HALL, 2003, p. 11)

Logo, essa segunda abordagem segue uma perspectiva antagônica à primeira, uma vez que indica, para a identidade, um sentido não mais centrado no sujeito, de forma individual, mas na relação deste com a sociedade ou dos grupos dos quais participa.

Na terceira abordagem acerca da identidade, Hall (2003) indica um novo entendimento, que tem por referência o *sujeito pós-moderno*, que, em consequência da Globalização, terá contato com diversas culturas, o que resulta no “(...) processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2003, p.12).

Desse modo, o conceito da identidade na sociedade pós-moderna, em razão de um processo que seria – em referência a Canclini (2011) – uma hibridização das culturas, precisa ser pensado não mais no singular, mas no plural, pois esse sujeito é influenciado por diversas culturas. Assim, tem em si não uma, mas diferentes identidades.

Observando, portanto, que a divisão que Hall (2003) faz, acerca da construção do conceito de identidade, segue uma linha cronológica e histórica, que reflete como as discussões sobre a identidade do sujeito estão se transformando, por influência das alterações nas estruturas sociais. Logo, a ideia de que o indivíduo não pode ser pensado de forma isolada

de um construto social, está implícita na própria forma como o autor sistematiza essa construção conceitual.

Para Bauman (2005), a ideia de identidade perpassa o que ele chama de “crise do pertencimento”. O autor localiza a identidade principalmente pelo estabelecimento dos Estados Modernos, os quais, segundo ele, instituem a nacionalidade como um dos principais elementos identificadores de um indivíduo. Compara, ainda, o processo de identificação a um quebra-cabeça, que estaria sempre incompleto, pois, a identidade está em eterna construção, sempre presa a uma busca por responder a um questionamento principal: “Quem sou?”. Essa questão para ser respondida precisa também de outras perguntas, como: “Onde nasci?”; “A qual classe social pertenço?”; “Qual minha profissão?” e assim por diante.

Candau (2016) define a identidade como uma construção social, que acontece a todo momento e, em um processo dialógico com o *Outro*. A identidade liga-se, ao mesmo tempo, ao indivíduo e às estruturas sociais e, quando o movimento social muda, as identidades também se modificam. De tal modo, com base novamente em Hall (2003), compreende-se que,

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada. (HALL, 2003, p. 38)

O processo de identificação, indicado nas interlocuções acima reunidas, tem, segundo diversos teóricos, como um de seus principais elementos de apoio, a memória. Dentre os defensores dessa premissa, encontra-se Halbwachs (2003), que situa o processo de identificação do sujeito principalmente a partir das memórias coletivas, pois, segundo suas argumentações: “o social se confunde com o consciente, mas também deve se confundir com a rememoração em todas as suas formas. Matéria e sociedade se opõem; sociedade e consciência, e personalidade, estão implícitas uma na outra” (2003, p. 22).

Pelo olhar de Pollak (1992), no processo de construção da identidade, as memórias têm grande influência na constituição de identidades, sejam elas individuais ou coletivas. O trecho destacado abaixo evidencia as afinidades entre memória e identidade, defendidas pelo autor:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si. (POLLAK, 1992, p. 204)

A projeção que o sujeito tem de si terá sempre, em alguma medida, uma referência coletiva, pois, a ação de identificação do sujeito acontece por meio de negociações entre os indivíduos de um grupo, e são as memórias (vivenciadas ou não), que serão as responsáveis pelos elementos fundadores dessas identidades (POLLAK, 1992).

Independente de terem sido vivenciadas, as memórias são fatores constituintes das identidades. Essas recordações de fatos não vivenciados são chamadas por Pollak (1992) de “memórias herdadas”. De acordo com o autor, existem fatos acontecidos no passado que foram tão marcantes para um país, ou uma região, que as memórias ligadas a esses acontecimentos são transmitidas ao longo do tempo e, mesmo sem ter experienciado esses eventos, os indivíduos podem sentir uma identificação com eles, ao ponto de ser este, um dos marcos de referência na projeção que faz de si mesmo, e dos grupos de que faz parte.

Ao aludir à relação memória-identidade como uma construção social, Pollak (1992) toma, como referência, o conceito de memórias coletivas de Halbwachs (2003), o qual, como pôde ser visto anteriormente, defende que as identidades estão enraizadas nas memórias advindas sempre através de uma interação coletiva. Seguindo o mesmo exemplo, Candau (2016, p. 77) reflete que:

Esse trabalho da memória nunca é puramente individual. A forma do relato, que especifica o ato de rememoração, se ajusta imediatamente às condições coletivas de sua expressão, o sentimento do passado se modifica em função da sociedade. [...] Por isso, é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade.

Com o intuito de tornar a relação memória-identidade mais clara, apresentam-se, pois, dois exemplos. O primeiro deles refere-se ao relato de Bauman (2005) que, ao discorrer sobre a questão da identidade, recorda sua experiência ao ter sido obrigado a deixar seu país natal, a Polônia, por razão da perseguição dos nazistas aos judeus, no período da Segunda Guerra Mundial. Ao falar de sua identidade, o sociólogo conta que ao ser distanciado dos grupos e do contexto em que vivia, passa a ter uma maior consciência de sua identidade primeira e, de como esta se diferencia das identidades do país em que passou a residir, a Inglaterra. Porém, é quando fala sobre um episódio específico de sua vida que é possível visualizar como o autor compreende sua própria identidade.

O autor recorda de uma cerimônia em que lhe foi conferido o título de doutor *honoris causa*, pela Universidade Charles, de Praga. Na ocasião, costuma-se reproduzir o hino nacional pertencente ao país de origem do indivíduo agraciado pela honraria. O sociólogo relata que, o processo de escolha de qual hino seria reproduzido na celebração, revelou para ele alguns conflitos de identidade, pois, encontrava em si mesmo a identidade de polonês, de

onde se originavam as memórias de sua infância e juventude; e ainda, certa identidade inglesa, tendo em vista que foi na Inglaterra que continuou a viver e construir novas relações e memórias. Em dúvida sobre qual hino escolher, resolveu, então, escolher o hino da Europa, contemplando, dessa forma, os dois países, que segundo ele, tiveram grande influência em sua identidade.

O segundo exemplo, encontra-se no modo como Paulo Freire (1984), ao relatar sobre a sua identidade como leitor, realiza um ato de rememoração sobre a forma como se construiu sua personalidade leitora. O teórico da educação busca, nos seus “campos da memória”<sup>1</sup>, suas lembranças infantis: quando relembra que as suas primeiras palavras escritas tiveram como suporte o chão do quintal de sua casa, na cidade de Recife, no estado brasileiro de Pernambuco. O autor fala que, antes de ler a palavra escrita, ele aprendeu a ler a *palavra mundo*, e, neste mundo, estão incluídas as pessoas que o rodeavam; as histórias que contavam; as casas da cidade; as árvores de seu quintal e muitas outras coisas.

O que Bauman (2005) e Freire (1984) fazem, ao recordar suas histórias de vida, é um processo de reconstrução, que tem o intuito de revelar os elementos que formam suas identidades. Isso reflete no que Candau (2016, p. 76) destaca: quando o indivíduo realiza um ato de recordação sobre a sua história, “ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade do seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original”.

Do mesmo modo que a memória será elemento constituinte da identidade, outro importante elemento dessa constituição será a *cultura* – termo que tem em comum com a memória um grande leque de conceitos. Elucida-se aqui, os conceitos que podem auxiliar na compreensão da relação cultura-identidade.

Do ponto de vista antropológico, as definições de cultura surgem também de forma polarizada. Com Tylor, em 1871, a cultura é vista como um conjunto de práticas sociais, que podem ser compreendidas como fenômenos naturais, que possuem causas e regularidades, e dessa forma, podem ser analisadas de maneira objetiva, assim como acontece com os objetos de estudo das Ciências Naturais. Para esse autor, os mesmos pressupostos das teorias evolucionistas aplicadas aos seres vivos podem também ser aplicados à cultura. Tendo por base essas teorias, a cultura teria estágios evolutivos. Assim, algumas civilizações seriam mais evoluídas que outras, o que abre margem para a ideia de hegemonia de algumas culturas em relação a outras (LARAIA, 2000).

---

<sup>1</sup> Relembrando o que é dito por Santo Agostinho em *Confissões*.



Representando polo conceitual antagônico, Franz Boas, em 1896, apresenta uma abordagem multilinear e historicista da cultura. Para este autor, a cultura não pode ser analisada de forma objetiva, mas sim como um processo repleto de complexidades. Para ele, a cultura não segue leis comuns às da natureza, pois, é constituída de fenômenos, que devem ser analisados de forma individual. Assim, o estudo de uma cultura deve se dedicar a perceber as singularidades presentes em cada fenômeno, sem relativização a outros (LARAIA, 2000).

Desse modo, Boas (1896) inaugura a perspectiva da cultura como um fenômeno plural e dinâmico, que deve ser compreendido sob o ponto de vista histórico, como um elemento cultural único e repleto de singularidades. Esse segundo polo conceitual terá grande influência nas teorias modernas de cultura, as quais, Laraia (2000) sistematiza da seguinte maneira: a *cultura como um sistema cognitivo*, em que esta é vista como um sistema de conhecimento, que “consiste de tudo aquilo que alguém tem que conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável em sua sociedade”; a *cultura como sistemas estruturais*, inaugurado pela perspectiva de Lévi-Strauss, na qual a cultura repousa sob o entendimento de “um sistema simbólico cuja produção acontece de forma cumulativa pela mente humana”; a *cultura como sistemas simbólicos*, que tem como principais representantes Geertz (1989), para quem a cultura é vista para além de definições, mas, como um grande mecanismo de reprodução e partilha de significados. Para esse autor, a cultura está nos gestos, na linguagem, nos atos de nomeações das coisas, algo próprio do ser humano (LARAIA, 2000).

Tomando especialmente a corrente representada por Geertz (1989, p. 15), observa-se que o autor situa a cultura pelas relações sociais dos homens, como algo que envolve as suas práticas sociais, que se renovam, a todo o momento, pela capacidade que o homem possui de se comunicar, podendo assumir diversas formas. Assim, o autor defende o conceito de cultura da seguinte maneira:

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado as teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 15)

De forma similar ao que Geertz (1989) propõe, Caune (2014) afirma que as formas de comunicação possibilitadas pela linguagem, nos símbolos, signos, na língua, nos gestos, formam os diversos meios pelos quais a cultura acontece, se cria, se transforma, e se renova. O autor argumenta que,

A cultura pode ser interpretada como um conjunto complexo e diversificado de representações e objetos, organizados por relações e valores: tradições,

normas, religiões, artes etc. A transmissão de conhecimentos de geração em geração, assim como a difusão dos valores e, também, dos padrões de comportamento que se efetivam segundo os encadeamentos dos atos de comunicação. (CAUNE, 2014, p. 39)

Ao relacionar cultura e identidade, Caune (2014) reflete que a percepção do sujeito sobre si mesmo é resultado dos traços produzidos pela história e pela cultura. O autor diz que “entre a cultura e identidade há uma relação de significação: o traço cultural é um modo de existência da identidade” (CAUNE, 2014, p. 55).

Essa perspectiva se assemelha à ideia que Laraia (2000) apresenta ao dizer que a “cultura condiciona a visão de mundo do sujeito”, o que significa que o sujeito enxerga a si mesmo e aos outros a partir dos traços herdados e vivenciados em sua cultura. Sobre isso, o autor comenta que, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2000, p. 70).

Ainda sob o âmbito da identidade, da cultura e da memória, é importante que nos remetamos aos processos de mediação social, ou, de modo mais específico, da *mediação cultural*, tema recentemente debatido, mas que indica sobre o termo *mediação* um novo olhar, onde esta é vista sob a perspectiva de um “fenômeno relacional instaurado entre seres humanos, de modo dialógico, cuja característica primordial é a diversidade da coexistência nos espaços do cotidiano” (CAVALCANTE, 2015, p. 402).

Na perspectiva de Caune (2014, p. X),

A mediação cultural é bem mais do que uma organização das formas da cultura e da comunicação: ela é a estetização de apresentações, de atividades ou de representações, que têm materialidade de significantes e manifestantes e que constroem um sentimento de pertencimento em um contexto de referência.

Desse modo, pode-se ponderar que a cultura acontece por meio das relações gregárias entre os indivíduos, nas quais estão inclusas as formas de pertencimento, que, por sua vez, terão como ponto de apoio as memórias coletivas, como defendem Halbwachs (2003), Pollak (1992) e Nora (1993).

Entre as argumentações e definições aqui reunidas, infere-se que as grandes personagens desta seção são: memória, cultura e identidade e estas se encontram no terreno comum das relações sociais humanas. Esses três elementos estão fortemente imbricados e, compreender isso, é demasiadamente relevante quando se busca conhecer e falar sobre as

estruturas sociais. À luz dessas interlocuções teóricas, memória e cultura podem ser vistas como *alimentos* da identidade, tanto em nível individual, como coletivo.

Reunidas pelo tecido social, essas personagens se transformam juntamente com as mudanças que ocorrem nas sociedades. Entretanto, essas sociedades sempre buscarão formas pelas quais possam revisitar suas memórias e culturas, para assim conseguir uma ideia mais clara de sua identidade. Dentre essas formas, estão os lugares destinados à recordação, os quais constituem o objeto da próxima seção.

## **2.5 Lugares de recordação e identificação: a memória e a biblioteca**

Produtos da necessidade humana de exteriorização da memória, de realizar registros, as bibliotecas têm sobre si, uma função memorial que está imbricada em seus conceitos e nas formas como os indivíduos as representam. O ato de recordação do homem, como pôde ser observado ao longo das discussões aqui realizadas, vai além de uma característica cognitiva: é, sobretudo, uma expressão deste enquanto ser social.

Jacob (2008) sugere uma definição de biblioteca que tem como principais núcleos a memória, a informação e o conhecimento. A memória seria, dentre estes, a base que fornece os insumos para a revisitação do conhecimento humano, subsidiando a criação de outros conhecimentos. Além do sentido do saber, existem ainda os fatores culturais e identitários, ligados à concepção de biblioteca, pois, os textos, documentos, objetos e livros são portadores não somente de informações, mas de traços culturais e identidades coletivas, pois contam a história das diferentes culturas, como se destaca no trecho a seguir:

Lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. (JACOB, 2008, p. 9)

As bibliotecas, assim como os arquivos e museus, surgem porque os homens criam formas de registro de suas memórias. Mesmo os registros mais arcaicos são resultados de um desejo de colocar a memória em um plano exterior ao homem, o que já ocorria pelas formas orais de comunicação, mas, que se materializa quando o homem, de alguma forma, passa a registrá-la. Com a evolução dessas formas de registro e a acumulação delas, necessita-se, assim, reservar espaços que tenham, por função, guardar a memória.

Ligadas, então, por um mesmo fio condutor, que é a memória, o surgimento das bibliotecas ocorre pelo sentido de conservação e preservação do conhecimento humano, e

essas instituições “dissimulam uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo” (JACOB, 2008, p. 10). Entretanto, de acordo com Le Goff (2003), a inclinação do homem por construir lugares de recordação antecede a difusão da escrita e à criação de bibliotecas e arquivos.

Para Le Goff (2003), entre as primeiras formas de materialização das memórias coletivas estão os chamados monumentos, termo que se origina na palavra latina *monumentum*, que significa “fazer recordar”. Esses objetos eram criados com o intuito de relembrar e perpetuar acontecimentos ou certas personalidades, podendo assumir formas como uma obra arquitetônica, esculturas, troféus, marcos funerários, dentre outros. Dessa maneira, a criação desses elementos tem como principal intuito a *perpetuação*, deixar um legado da memória coletiva dos indivíduos que os constroem.

Como visto anteriormente com Malheiro e Ribeiro (2011), a função custodial esteve, por muito tempo, ligada à razão de ser das bibliotecas, pois, a estes lugares destinava-se aquilo que era considerado o ato sagrado de proteção da memória artística e intelectual humana. Ao remeter ao caráter memorial das bibliotecas, tem-se a ilustre Biblioteca de Alexandria, como um dos marcos referenciais desse período.

Fundada por Ptolomeu Sóter, soberano e sucessor de Alexandre, O Grande, por volta do século III a.C., a referida biblioteca recebeu o nome da cidade em que se localizava, uma cidade grega em solo estrangeiro, o Egito. A Grande Biblioteca, como também é conhecida, refletia a supremacia de Alexandria que era, naquele período, um centro hegemônico de poder econômico, político e militar. Porém, o domínio, que a biblioteca ostentava, dava-se sobre o saber humano, assumindo para si a missão de reunir toda a memória intelectual e artística existente. Para Jacob (2008), a empreitada assumida pela “biblioteca, por excelência”, como o autor a chama, é a “expressão de uma vontade simbólica de poder, em que Alexandria, novo centro do mundo, afirma seu predomínio sobre a totalidade do mundo habitado” (JACOB, 2008, p. 49).

No texto de Anne e Patrick Poirier (2008, p. 273), os autores contam, em tom de narrativa literária, um pouco da história da Biblioteca de Alexandria:

Era no bairro situado perto do porto que se erguia a massa sombria do que fora a Grande Biblioteca. Era a maior que jamais existira, e os melhores arquitetos do mundo conhecido haviam ferozmente disputado entre si a honra de construí-la. Tinham concebido um edifício de rara complexidade, capaz de responder a sua função de imenso receptáculo do saber universal.

Assim, essa nobre biblioteca exercera para sua cidade a função de demonstrar que, além de possuir sobre os demais povos uma supremacia militar e econômica, também possuía

o domínio sobre seus saberes e memórias. A biblioteca teria o poder de garantir que as memórias coletivas, artísticas e intelectuais dos povos fossem preservadas ou esquecidas, visto que, ao selecionar, registrar e guardar os conhecimentos e as expressões artísticas de determinados povos, a biblioteca garantiria a perpetuação dessas memórias e identidades.

Desse modo, os povos sobre os quais nada se registrou foram, de certa forma, condenados ao esquecimento e ao anonimato. Anne e Patrick Poirier (2008) discorrem justamente sobre isso, quando afirmam que “eles pensavam possuir todo saber do mundo, e toda sua memória. Tinham-se arrogado este direito: serem os guardiões e os senhores da Memória e do Esquecimento dos povos da Terra” (2008, p. 274).

Estruturada pelos ideais gregos, a Biblioteca de Alexandria atuava como um Liceu, onde se reunia “uma comunidade de intelectuais, que se dedica à pesquisa e ao ensino e encontra na biblioteca um de seus instrumentos de trabalho, em domínios tão diversos quanto a poética, as ciências, a história e, naturalmente, a filosofia” (JACOB, 2008, p. 46). A memória escrita presente na biblioteca, era a porta de acesso para o conhecimento dos intelectuais que ali se congregavam. Os registros do conhecimento nela presente possibilitavam visitar e revisitar o conteúdo intelectual produzido no passado, subsidiando a criação e registro de novos conhecimentos, como se fosse um tipo de “fermento” criador (JACOB, 2008).

Com base nisso, pode-se, então, inferir que o fogo, assim como as outras formas de destruição investidas contra a Biblioteca de Alexandria, ao longo do tempo (POIRIER; POIRIER, 2008), causaram não só a destruição das estruturas prediais, livros, documentos, objetos e peças artísticas, mas também apagou e condenou ao esquecimento inúmeras memórias, conhecimentos, culturas e identidades presentes ali. Assim, o incêndio e a destruição da biblioteca privou as civilizações que a sucederam e as sociedades contemporâneas de conhecerem os tesouros artísticos e intelectuais, dos quais os arqueólogos encontraram apenas pequenos vestígios, que tentam interpretar, para assim chegar a uma ideia de como foram essas culturas, que, de certa forma, jazem “esquecidas”.

Dessa forma, o exemplo de Alexandria, auxilia em uma melhor compreensão acerca da relação de dependência que a memória exerce sobre a identidade, como evidenciaram Halbwachs (2003), Pollak (1992) e Candau (2016). Esse exemplo também ajuda a visualizar o papel que as bibliotecas desempenham nas dinâmicas sociais da memória, e que isto tem ocorrido desde a Antiguidade, continuando a acontecer em outros períodos da história da humanidade.

Murguia (2010) localiza a memória sob três principais elementos, a saber: *seus discursos, seus agentes e suas instituições*. Detendo-se especialmente nesses últimos, o autor diz que instituições, como bibliotecas, arquivos e museus, são os lugares em que os discursos da memória se entrecruzam.

Entendidas, por Murguia (2010, p.11-12), como “agenciamentos”, as bibliotecas são consideradas “associações no sentido de que em torno delas, se congregam a favor ou contra diversos grupos ou indivíduos”. O que esse autor defende assemelha-se à forma como a Biblioteca de Alexandria fora utilizada para simbolizar a grande supremacia de uma cultura sobre outras. Da mesma maneira, outras bibliotecas estão também associadas ao discurso social vigente, no contexto em que se inserem, o qual está sempre em movimento, e condicionados, muitas vezes, por interesses políticos e econômicos.

Atreladas aos discursos sociais, essas instituições podem ser utilizadas como instrumentos legitimadores de novos regimes políticos. Murguia (2010) recorre a um exemplo e, assim como Malheiro e Ribeiro (2011), menciona como, após a Revolução Francesa, as bibliotecas, museus e arquivos franceses (não mais submetidos ao controle da monarquia e, por isso, disponíveis para acesso público) foram utilizados para fins de legitimação das ideias nacionalistas e republicanas do novo regime político e, ainda, como meios de possibilitarem identificação e pertencimento dos indivíduos com as novas formas de governo.

Em uma perspectiva social moderna, Malheiro e Ribeiro (2011, p.66) refletem que essas instituições se encontram, muitas vezes, intrínsecas “à estratégia de um nacionalismo identitário [...] Lugares da memória úteis ao Poder liberal e capitalista, que se firma na Europa Ocidental e no Novo Mundo”. Essa perspectiva nos remete ao que Nora (1993) discorre acerca dos lugares de memória, os quais, como pudemos ver anteriormente, possuem um forte caráter simbólico, criados por uma vontade de memória, que servirão, muitas vezes, como ponto de apoio para as identidades contemporâneas. O autor inclui, na concepção desses lugares e instituições como bibliotecas, arquivos e museus (desde que se encontrem imbuídos por essa vontade simbólica de memória).

Como forma de complementar as discussões apresentadas nesta seção, trazemos o trecho abaixo em que Silveira (2010) fornece uma síntese daquilo que discutimos nos argumentos até aqui reunidos:

[...] embora se apresentem como lugares mistos e, em ampla medida, perpassados por tensões ideológicas, paradoxos e contradições, os mais de 6000 (seis mil) anos de história das bibliotecas lhes conferem o status de espaços privilegiados do saber, nos quais o patrimônio, a memória coletiva e a herança cultural dos homens encontram solo profícuo para edificarem as bases onde seus vínculos identitários se constituem, se nutrem e se

valorizam. Ou seja, captar, conservar, preservar e compartilhar o conhecimento do mundo e de nós mesmos são alguns dos poderes (e perigos) que as bibliotecas nos oferecem. (SILVEIRA, 2010, p. 69)

Portanto, além de lugares destinados à guarda, registro e acesso ao saber, as bibliotecas são também locais de entrecruzamento de memórias individuais e coletivas. São, portanto, reflexos de uma cultura, de uma identidade nacional, ou local e, também, de organizações e instituições, sejam elas públicas ou privadas.

O *corpus* teórico tecido nessas interlocuções objetivou evidenciar algumas das principais definições e discussões acerca da memória, além de seus aspectos históricos e a forma como esta se relaciona aos conceitos de cultura e identidade; bem como, ao campo de estudo da Ciência da Informação. Fundamentados, então, nesses conceitos e relações, buscamos no próximo capítulo perceber como a memória coletiva, a cultura, e a identidade operam sob o âmbito da comunidade e, de um tipo específico de instituição, a biblioteca comunitária.

### 3 COMUNIDADE E BIBLIOTECA: convergências de memórias e saberes

*[...] a biblioteca não é somente o lugar da sua memória, onde você conserva o que leu, mas o lugar da memória universal, onde um dia, no momento fatal, será possível encontrar aqueles outros que leram antes de você.*

*(Umberto Eco)*

No trecho acima destacado, Umberto Eco (2014) enseja um pensamento: a biblioteca é lugar de encontro, onde se reúnem memórias, as quais, mais cedo ou mais tarde se encontram pelas linhas de um livro, em uma conversa sobre uma obra literária, ou mesmo numa conversa qualquer, sobre a vida, o dia, a chuva. É como se a biblioteca formasse em si uma espécie de *comunidade*, onde se encontram acervos diversos e nela, além de documentos, há linguagens que se manifestam nas memórias e vozes das pessoas, identidades, culturas e saberes.

Ao falar em comunidade, parece comum que esse termo remeta ao sentimento de pertencer a algo ou a algum lugar. O sentimento de estar protegido por uma instância coletiva, a qual, em troca da liberdade de ser sujeito *individualizado*, presenteia com a segurança de estar em um grupo, no entanto, a comunidade não se liga somente a isso, pelo contrário, ela adentra as questões acerca dos contrastes dos modos de vida atuais. O *desejo de comunidade* tem sido um tema cuja discussão já envolve um caráter filosófico e sociológico da realidade contemporânea.

Falar de biblioteca não seria diferente, pois ela, também, está impregnada de simbolismos e representações, que se voltam, muitas vezes, ao lugar comum do “templo do saber” do “lugar da cultura”. Representações essas que são verdadeiras, já que a biblioteca é inegavelmente ambiência, onde se pode encontrar tanto o conhecimento, como a cultura. Todavia, esse saber e cultura estão geralmente ligados a uma cultura erudita ou literária, ou a um conhecimento científico e técnico, os quais parecem em nada dialogar com os saberes da vida *ordinária*, utilizando a expressão de Michel de Certeau, historiador e erudito francês.

A biblioteca sobre a qual se fala neste capítulo (e que compõe o objeto desta pesquisa) é aquela que contrasta com essas representações, que pode oferecer tanto o conhecimento erudito, como a sabedoria do conhecimento popular. É uma biblioteca cuja expressão se confunde com a própria comunidade onde se insere, pois, incorpora sua cultura, tradições e memórias. Por isso, ela tem a biblioteca e a comunidade no nome: é a *biblioteca*



*comunitária*. Assim, neste capítulo, a atenção se volta à forma como comunidade, biblioteca e memória estão articuladas e entrelaçadas. Para isso, perpassa-se por questões conceituais e teóricas envolvendo especialmente a comunidade e a biblioteca comunitária, promovendo, junto a estas, interlocuções que as aproximam de questões ligadas à memória, à cultura e à identidade, personagens que foram destaque no capítulo anterior.

### **3.1 Comunidade: reflexões conceituais e contemporâneas**

No sentido presente nas discussões elucidadas por Bauman (2003), em sua obra “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, a palavra *comunidade* evoca sentimentos agradáveis, remetendo a uma sensação de pertencimento e segurança. Segundo ele, este tema tem estado em voga como um objeto de desejo de uma sociedade caracterizada por sua agenda de diluição das instituições das quais esses sentimentos antes emanavam.

Como dito há pouco, falar de comunidade leva a algumas discussões situadas nos campos filosóficos e sociológicos, e permite, ainda, entrar no centro de discussões que parecem preocupar os estudiosos, que se detêm nas particularidades do cenário contemporâneo, o qual muitos deles relacionam aos efeitos da modernidade e da globalização (BAUMAN, 2003; HALL, 2003).

Quando se reflete sobre o entendimento do que é comunidade, é comum a existência de uma percepção voltada a uma referência espacial, a um *locus* territorial, onde se situa ou convive um grupo de pessoas. Porém, a conceituação de comunidade vai muito além desse entendimento, envolvendo, por vezes, diversos pontos de vista. O consenso entre as enunciações que envolvem esse objeto encontra-se no sentido das relações sociais humanas, por esta razão, este tem sido um conceito debatido, principalmente, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

O ato de conceituar tende a traçar especificidades de um dado objeto, o que é feito, muitas vezes, por meio de uma diferenciação deste em relação a outro. Definir é, em alguns casos, apontar aquilo que o objeto a ser definido não possui como atributo. Seguindo essa linha discursiva, Max Weber (2010), teórico considerado um dos fundadores da Sociologia, define *comunidade* a partir de uma distinção desta em relação à *sociedade*. Para o autor, a primeira pode ter por base qualquer espécie de ligação emocional, afetiva ou tradicional, e indica como exemplos: uma irmandade espiritual, um relacionamento erótico e o companheirismo em uma relação familiar.

Aponta, também, que não são as características comuns que identificam uma comunidade, mas sim, as ações mútuas de solidariedade. Assim, Weber (2010, p. 77) a define como, “uma relação social quando e na medida em que a atitude na ação social – no caso particular, ou na média ou no tipo puro – se funda na solidariedade sentida (afetiva ou tradicional) dos participantes”. No que se refere à sociedade, reflete que esta seria decorrência de uma relação social “quando e na medida em que a atitude na ação social se baseia no ajustamento de interesses por motivos racionais (de carácter axiológico ou teleológico), ou também numa união de interesses por motivos idênticos” (WEBER, 2010, p. 77).

Os argumentos de Weber (2010) fazem perceber que a comunidade se encontra ligada a aspectos mais específicos do que a sociedade, que se orienta por meio de leis comuns, de associação de entendimentos. Por sua vez, a constituição de um grupo não se dá somente pelas semelhanças de seus participantes, mas pelo envolvimento destes em um movimento em comum, movidos por um mesmo horizonte de ação.

Seguindo essa mesma premissa, Chauí (1994, p.377) situa o conceito de comunidade ao mesmo tempo em que realiza uma diferenciação entre dois tipos de cultura, no qual, um estaria relacionado à comunidade e o outro à sociedade. Para a autora, os traços marcantes de uma comunidade advêm de uma relação situada na convivência cotidiana, “onde as pessoas se conhecem, tratam-se pelo primeiro nome, possuem contatos cotidianos cara a cara, compartilham os mesmos sentimentos e ideias e possuem um destino comum.” Enquanto que,

Uma sociedade é uma coletividade internamente dividida em grupos e classes sociais e na qual há indivíduos isolados uns dos outros. Seus membros não se conhecem pessoalmente nem intimamente. Cada classe social é antagônica à outra ou às outras, com valores e sentimentos diferentes e mesmo opostos. As relações não são pessoais, mas sociais, isto é, os indivíduos, grupos e classes se relacionam pela mediação de instituições como a família, a escola, a fábrica, o comércio, os partidos políticos e o Estado. (CHAUÍ, 1994, p. 377)

A autora traz como exemplo os agrupamentos indígenas que são, em sua essência, unos e indivisos. Nesse tipo de relação social, o tempo possui um ritmo diferente, corre mais lentamente e suas transformações advêm, em geral, de uma influência exterior ao grupo. De forma contrária, a sociedade tem uma essência histórica, é marcada por transformações frequentes, que acontecem devido a conflitos internos, advindos de grupos ou classes sociais presentes no interior da sociedade (CHAUÍ, 1994).

De forma semelhante, Caune (2014) discorre acerca da relação entre indivíduo e grupo, no qual o autor irá relacionar a distinção entre comunidade e sociedade, a qual,

segundo ele, envolve uma discussão que já possui *status* clássico na Sociologia. O autor sintetiza os atributos de cada uma delas da seguinte forma:

A comunidade se define por fortes ligações afetivas, por um pertencimento dificilmente revogável, pela dedicação dos esforços individuais em benefício da comunidade, bem como por valores comuns. A sociedade, ao contrário, define-se por interesses individualizados, por contratos revogáveis e, ainda, por ligações afetivas frágeis. (CAUNE, 2014, p. 47)

Do ponto de vista histórico, Le Goff (2003) localiza a base da comunidade centrada nos mitos fundadores e nas narrativas que contam sua história, a exemplo das sociedades de tradição oral, que “cultivavam” e mantinham suas relações gregárias por meio de suas memórias coletivas (LE GOFF, 2003).

Similarmente, Chauí (1994) afirma que o mito irá agir como unificador do tempo comunitário, ou seja, são as histórias e tradições comuns que orientam esse tipo de relação social. Segundo a autora “os mitos capturam o tempo e oferecem explicações satisfatórias para todos sobre o presente, o passado e o futuro” (CHAUÍ, 1994, p. 377). De forma oposta, a sociedade tem diferentes bases históricas para cada grupo e classe social, nela “os grupos dominantes narram a história da sociedade de modo diferente e oposto à narrativa dos grupos dominados” (CHAUÍ, 1994, p. 377).

Desse modo, é sob a dualidade instaurada entre comunidade e sociedade, que se situam inicialmente as discussões aqui apresentadas acerca do conceito de comunidade. Essas leituras ensejam o entendimento de que a comunidade transcende o sentido da referência espacial. Ela se caracteriza, por vezes, nos sentimentos de pertencimento, solidariedade e afetividade entre seus membros enquanto a sociedade seguirá um caráter unificador e individualizante, enxergando o indivíduo como um ponto dentro de um sistema maior, e não como partícipe de uma coletividade.

Através de Bauman (2003), é possível contemplar o conceito de comunidade junto a um processo de ressignificação ocasionado pelas diversas mudanças sociais advindas da modernidade. Revisitando os conceitos iniciais em Tönnies e Heidegger, Bauman (2003) sugere que, na gênese das primeiras formas de comunidade, um de seus principais atributos está em um *entendimento compartilhado entre seus membros*, o que, segundo ele, não pode ser confundido com um consenso, pois, este se embasa em um acordo alçando.

O entendimento em comum, a que Bauman (2003) se refere, é aquele de ordem casual, marcado por um sentimento recíproco, pela “vontade real e própria daqueles que se unem; e é graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento que na comunidade as

“pessoas permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam” (BAUMAN, 2003, p. 16).

Em suas discussões acerca do cenário contemporâneo, Bauman (2003) apresenta os diversos tipos de comunidade, os quais podem ser mapeados em seu texto seguindo dois direcionamentos. O primeiro deles refere-se à caracterização do termo em sua essência, ou, como o autor denomina a “comunidade real” e, numa segunda direção, mapeia os tipos de comunidades posteriores às mudanças ocasionadas pela modernidade, no caso, seriam as “comunidades artificiais”.

A comunidade real (ou tradicional) é baseada em um entendimento compartilhado, de tipo natural e tácito, que flui naturalmente. É também autônoma e homogênea, entretanto, essa homogeneidade não se refere aos membros da comunidade em si, mas, em um mesmo pensamento, ou sentimento comunitário que os movem para um mesmo direcionamento e objetivos. Quanto menor a comunidade, mais chances de ali existir um sentimento comunitário, autônomo e forte (BAUMAN, 2003).

Subjacentes às comunidades artificiais, existem, segundo o autor, outras tipologias, as quais nomeiam como “comunidades-cabides”, “comunidades cercadas” e “comunidades estéticas”. Essas variações se caracterizam de forma contrária a comunidade em sua forma “pura”, haja vista que não se fundam de forma natural, mas, por meio de interesses mútuos e que seguem uma lógica individual muito mais que coletiva e, por isso, as bases que sustentam esses tipos de comunidade são bem mais frágeis do que àquelas tradicionais (BAUMAN, 2003).

Assim, localizada em uma análise histórico-conceitual, nota-se que, de maneira similar à memória e à identidade, a comunidade sofre também os efeitos das mudanças nas dinâmicas sociais. As discussões conceituais elucidadas por Bauman (2003) direcionam ao sentido tradicional do termo, como visto em Weber (2010), Chauí (1994) e Caune (2014), o qual remonta a um tipo de comunidade que parece pertencer a outro tempo.

No cenário contemporâneo, esse entendimento passará por embates e outras personificações, resultantes dos processos ligados à modernidade e à globalização. Hall (2003) situa essas mudanças como produtos das culturas nacionais advindas das novas estruturas do Estado-Nação. Segundo esse autor, a profusão dessas novas estruturas acontece especialmente no período moderno, pairando, junto a ela, a ideia de uma *comunidade imaginada*, e em suas argumentações afirma que,

[...] as culturas nacionais são uma forma distintamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais

tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. (HALL, 2003, p. 49)

Perdura, por muito tempo, a ideia de nação como uma comunidade simbólica, cuja cultura será homogênea, universal e unificadora. A noção seria que essa unificação se daria mediante as narrativas, a história, a literatura nacional, os eventos nacionais e também pela cultura popular. Para Hall (2003) essa visão de que a nação seria um “teto” sob o qual habitaria uma massa homogênea deve ser refutada, pois, as nações são compostas por diversas classes sociais e grupos étnicos.

Eagleton (2003) traçará uma discussão com elementos semelhantes aos expostos por Hall (2003), ao apontar que o deslocamento das formas tradicionais de sociedade pode ser visto pelo o que ele chama de *guerras culturais*. Segundo o autor, por meio da modernidade e do estabelecimento dos Estados-nação, passa a existir um conflito acentuado entre dois tipos de cultura: a cultura universal e individualizante, característica do Estado-Nação; e a cultura em um sentido particular, referente às identidades e etnias pré-modernas. Porém, Eagleton (2003) reflete que, mesmo com suas características antagônicas, os dois tipos de cultura não estão assim tão distantes, pois, a cultura universal se utiliza da cultura particular para legitimar-se, da mesma maneira que esta cultura identitária passa a absorver alguns dos aspectos da cultura universalizante.

Bauman (2003), de forma semelhante à discussão tecida por Hall (2003) acerca da identidade, localiza a crise das estruturas comunitárias, inicialmente pelas teorias de individualização do sujeito e, posteriormente, pelo movimento da industrialização e do capitalismo moderno. No tocante a este último, o autor argumenta que, quando os indivíduos passaram das formas habituais de trabalho cotidianas (que de modo geral, se situavam em contextos comunitários) para habitar o “chão das fábricas”, modificou-se fortemente a dinâmica social deles próprios. Desse modo, quando “destruídos os laços comunitários que a mantinham em seu lugar, essa maioria viria a ser submetido a uma rotina inteiramente diferente, ostensivamente artificial, sustentada pela coação nua e sem sentido em termos de dignidade, mérito e honra” (BAUMAN, 2003, p. 33).

Indo por um caminho similar aos aspetos elucidados por Bauman (2003), Caune (2014, p. 47) afirma que,

A sociedade industrializada provoca uma deslocalização das comunidades; ela é caracterizada por uma cultura cuja força de coesão se degrada e por modelos de comunicação maciços que distanciam os indivíduos. Tem-se como resultados o enfraquecimento dos vínculos sociais subjacentes as microculturas, que envolvem as comunidades sempre prontas a compartilhar

uma solidariedade afetiva e efetiva, o que não é mais oferecido pela sociedade em seu todo.

Entretanto, mesmo nessa nova conjuntura, que parece inferir embates ao sentido e lógica comunitária tradicional, a comunidade não deixa totalmente a cena, pois as fábricas se utilizaram do sentimento de coletividade para fazer com que seus empregados se sentissem pertencentes ao seu novo ambiente, para que nele possam melhor produzir e, por consequência, fazer com que esses estabelecimentos aumentem seus lucros. Exemplo disso, são as indústrias, que construíram ao seu redor ambientes como escolas, hospitais e lojas, tornando a vida comunitária também embutida na realidade que rodeia a fábrica (BAUMAN, 2003).

Enquadrados no movimento da modernidade, esses acontecimentos remontam ao início da liquidez da Era Moderna (BAUMAN, 2001). Os derretimentos iniciados com a modernidade teriam sido o gatilho para as diversas mudanças ocorridas nas estruturas sociais, que permeiam principalmente o século XX, e que iriam ganhar ainda mais força na segunda metade do século com outro movimento, denominado “Globalização”. Definida por Hall (2003, p. 67) como um processo de dimensão global, esta agiria “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado”.

De acordo com Hall (2003), a globalização teria vindo cercada também de uma ideia de unificação, a qual transcenderia a nação em nível particular. Porém, contraditoriamente ao que se esperava e anunciava, passa a haver não uma unificação, mas o fortalecimento de identidades locais, bem como a produção de novas identidades. Em suas argumentações, o autor afirma que “as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importante” (HALL, 2003, p. 75). Complementando esse pensamento, reflete também que,

[...] a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2003, p. 87, grifo do autor)

De forma semelhante, Eagleton (2003) destaca que, na pós-modernidade, os limites entre a cultura universal e particular parecem estar ainda mais indistintos, fato esse que o autor também atribui à globalização. Existe, segundo ele, a volta das particularidades de uma cultura local, a qual, nessa nova realidade, está entrecruzada com alguns dos aspectos da

cultura individualizada do estado moderno. Assim, a cultura pós-moderna seria um tipo de particularismo universalizado.

Nesse tocante, infere-se que a pós-modernidade parece querer de volta as raízes de uma cultura particular, passando a ter um fascínio pelas identidades locais e uma grande estima pela vida gregária. Para Bauman (2003), o surgimento das novas formas de comunitarismo, ou de *comunidades artificiais* é, sobretudo, produto de uma necessidade latente de pertencer a uma comunidade em um mundo pós-moderno, cuja dinâmica tem impelido aos indivíduos, o sentimento de insegurança e de constante deslocamento de suas identidades e, desse modo,

Parece cada vez mais claro que o conforto de uma existência segura precisa ser procurado por outros meios. A segurança, como todos os outros aspectos da vida humana num mundo inexoravelmente individualizado e privatizado, é uma tarefa que toca cada indivíduo. A “defesa do lugar”, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão de bairro, um “assunto comunitário”. Onde o Estado fracassou, poderá a comunidade – a comunidade local, uma comunidade corporificada num território habitado por seus membros e ninguém mais (ninguém que “não faça parte”) – fornecer aquele “estar seguro” que o mundo mais extenso claramente conspira para destruir?” (BAUMAN, 2003, p. 102)

Ademais, Bauman (2003, p. 133) indica que as lutas dos grupos, no cenário atual, devem residir em “transformar o destino dos indivíduos *de jure* em indivíduos *de facto*”. Ou seja, por meio de suas próprias práticas comunitárias, os indivíduos possam ter uma maior consciência de seu papel como um sujeito, não só de direitos, mas, que também possa interferir em sua realidade social.

Essas interlocuções vão ao encontro do que é dito também por Certeau (2014), cujo trabalho lança um olhar sobre as culturas populares e suas “artes de fazer”. O referido pensador francês advoga em favor do pensamento de que, mesmo no modelo moderno de sociedade, as culturas sociais populares ainda possuem grande representatividade e, por isso, defende que “não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operatórios de uma cultura popular. Eles existem no coração das praças-fortes da economia contemporânea” (CERTEAU, 2014, p. 82).

Destarte, essa breve reunião de perspectivas acerca da comunidade e sua “participação” nesse cenário pós-moderno revelam que, mesmo com todos os embates enfrentados, ela não deixa de ser personagem de destaque no imaginário social contemporâneo. Pelo contrário, viver coletivamente parece um grande privilégio, um sonho de consumo, pelo qual é preciso pagar um preço – a liberdade de ser indivíduo *individualizado*, para tornar-se indivíduo *coletivo*.

Ao refletir sobre esse movimento de querer pertencer e fazer parte de um grupo, pode-se remeter ao que Halbwachs (2010), Nora (1993) e outros cientistas sociais indicam: querer pertencer a uma instância coletiva faz parte da própria essência do ser humano. E, como esses mesmos autores salientam, a vida gregária não será destituída de memórias, mas, fecundada por laços pelos quais a lembrança em comum será o “nó” que une e dá sentido a uma coletividade.

### 3.2 As marcas da memória na comunidade

O capítulo anterior evidenciou que a memória abre diversas possibilidades de estudo. Continuando em companhia de *Mnemosyne*, aborda-se aqui como a memória também se encontra atrelada aos contextos cotidianos e comunitários. Para tanto, será adotada como premissa inicial que a memória se inscreve e “vive” nos lugares, que ela é o elo com o lugar onde habitamos e com as pessoas com as quais nele convivemos.

No texto de Michel de Certeau, “A Invenção do Cotidiano: as artes do fazer”, de 2014, o autor mostra, justamente, que os contextos cotidianos estão “povoados” de memória. Nesse sentido, essa subseção busca evidenciar argumentos que identifiquem a forma como a memória se inscreve nos contextos comunitários, sendo essa discussão dividida em dois momentos. No primeiro, aborda-se a memória que se materializa e habita nos espaços e, no segundo, reflete-se acerca da memória como elemento constituinte das relações comunitárias.

Na linha discursiva defendida por Certeau (2014), percebe-se que a memória age como grande mediadora das transformações nos espaços. Quando se refere à memória, o autor fala em um sentido bastante similar às atribuições dadas a ela por autores como Halbwachs (2003) e Nora (1993), ou seja, a memória entendida sempre em uma relação com o outro.

Talvez a memória seja aliás apenas essa “rememoração” ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo há muito tempo alterado já mais sem o saber. Essa escritura originária e secreta “sairia” aos poucos, onde fosse atingida pelos toques. Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro. (CERTEAU, 2014, p. 151)

Em suas discussões acerca dos contextos cotidianos, Certeau (2014) confere relevante importância à memória que se materializa pelo espaço, e cuja influência pode ser percebida nos sentimentos de pertencimento dos indivíduos com o lugar, ou com o contexto em que vivem. Dessa forma, as memórias que se materializam nas casas, praças, calçadas, ruas, formando o que Certeau (2014) chama de histórias sem palavras, ou,



[...] histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado quebracabeça, enigmas. (CERTEAU, 2014, p. 176)

Contudo, as discussões envolvendo a relação entre memória e espaço não são recentes: elas já haviam sido discutidas anteriormente por Halbwachs (2003) que, ao correlacionar as lembranças aos ambientes coletivos, defende que os objetos e os locais possuem sobre a memória coletiva uma forte influência, funcionando, muitas vezes, como pontos de apoio no movimento de recordação e união de um grupo. Logo, o autor reflete que objetos materiais, que estão ao nosso redor, possuem um significado intrínseco de recordação e, assim, pode-se dizer que “eles estão em volta de nós como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porque tem um sentido que familiarmente deciframos” (HALBWACHS, 2003, p. 158).

O espaço material tem em si uma aura memorial que advém das relações que os indivíduos e grupos estabelecem com esses lugares, formando um importante ponto de referência nas memórias coletivas e nas dinâmicas sociais dos grupos e sociedades. Halbwachs (2003) conjectura que as relações estabelecidas em uma comunidade (no sentido local) forjam muitas das características dos espaços materiais que a compõe, ao mesmo tempo que são também influenciadas por esses ambientes.

Segundo o autor, o indivíduo “permanece sujeito à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio” (HALBWACHS, 2003, p. 154). Assim, os significados que um lugar evoca no sujeito pertencem ao mesmo domínio de sua vida cotidiana e de suas relações com os outros que, de forma conjunta, agem sobre os espaços, nos quais caminham suas lembranças e onde são tecidos sentimentos tanto de pertencimento, como de continuidade.

Halbwachs (2003) ressalta que essa dinâmica pode ser diferente a depender do tipo de local, como, por exemplo, as cidades grandes e com maior fluxo de habitantes, nas quais mudanças corriqueiras parecem fazer parte do próprio cenário e da dinâmica social. De modo contrário, considera que “as cidadezinhas memores, um pouco afastadas dos grandes centros, ou nos países orientais, onde a vida ainda é regrada e ritmada como era entre nós a dois séculos, as tradições locais são mais estáveis” (HALBWACHS, 2003, p. 162).

É claro que as diferenças entre as dinâmicas sociais de uma cidade grande e de cidades de zonas interioranas ou rurais não permanecem as mesmas dinâmicas da época em que o autor escreveu sua obra datada entre as décadas 20 e 30 do século passado. Conquanto, não se pode deixar de perceber que essa ainda é a realidade de muitos contextos, principalmente em países e localidades com economias menos desenvolvidas.

Seguindo linha discursiva semelhante, Paul Connerton (1993) enfatiza que as lembranças não estão destituídas de referências espaciais, mas que, o movimento de recordação evoca, muitas vezes, imagens de lugares e objetos, desse modo,

[...] é para os nossos espaços sociais – aqueles que ocupamos com os nossos passos, a que temos sempre acesso e que, a todo o momento somos capazes de reconstruir mentalmente – que devemos voltar nossa atenção, se queremos que nossas recordações ressurgam. As nossas memórias estão localizadas no interior dos espaços materiais e mentais do grupo. (CONNERTON, 1993, p. 45)

Dessa forma, é possível relacionar as argumentações desses autores às tendências contemporâneas de conservar a materialidade dos locais como bens patrimoniais, e que exercem o papel de mediadores de uma memória que é, diversas vezes, relativa a um passado que não foi vivido por aqueles que o querem conservar. Pode-se ver esse desejo, ou vontade de memória (NORA, 1993), por meio do tombamento patrimonial de casas e prédios antigos, ou quando se guardam objetos que não possuem utilidade prática, já que sua utilidade passa a ser fazer recordar ou conhecer uma memória. Sobre essa resistência de se desvencilhar de certos objetos ou lugares, Halbwachs (2003, p. 163) discorre da seguinte maneira:

[...] elimine, agora, elimine parcialmente ou modifique em sua direção, sua orientação, sua forma, sua aparência, essas casas, essas ruas, esses becos, ou mude apenas o lugar que eles ocupam em relação com o outro. As pedras e os materiais não oferecerão resistência. Os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos.

Isto posto, entende-se que o espaço, e a memória que dele emana, ocupa lugar de importância no processo de constituição de uma comunidade e das relações que ali se instalam. Inspirado pelas teorias de Halbwachs (2003), Nora (1993) também atribui aos lugares elevada importância quando se refere às memórias coletivas. Entretanto, o contexto temporal e social do discurso desse segundo autor se situa dentro de uma problemática em que as formas tradicionais de memória coletiva não são aquelas do tempo vivido pelo primeiro.

Pela perspectiva de Nora (1993), o “apego” a certos lugares e objetos reside em um sentido de preservá-los para não perder um ponto de referência memorial e de identidade. Seria, nesse sentido, que se criam os lugares de memória e, por isso, de acordo com o autor, serão, antes de qualquer coisa, “a forma externa onde subsiste uma consciência comemorativa, [...] que secreta, veste, estabelece, constrói e mantém pelo artifício e pela vontade, uma coletividade fundamentalmente envolvida” (NORA, 1993, p. 13).

O que Nora (1993) problematiza é que, à guisa de todo cenário estabelecido pela modernidade, que “transfigura” as formas sociais da memória, os lugares terão um

simbolismo ainda maior. Não obstante, isso testemunha a favor de que, mesmo que a memória não esteja revestida pelos mesmos sentidos tradicionais de outrora, ela possui ainda estreitas relações com os espaços cotidianos.

Com efeito, os lugares não podem ser vistos apenas como tais (assim como um objeto dentro de um contexto não é só um objeto), pois eles carregam lembranças que formam o elo dos indivíduos com esses espaços e com o grupo do qual fazem parte. As comunidades e os lugares por si só são mediadores de memórias coletivas; terrenos, cuja materialidade de seus espaços, são pontos de referência para uma identificação do sujeito com o grupo, ou grupos dos quais participa. Ao direcionar um olhar para o contexto contemporâneo, é possível concordar tanto com Nora (1993) quanto com Candau (2016), afirmando que, nesse período em que as identidades “flutuam” por diversos ambientes, lugares e objetos podem fornecer uma conexão com um passado (vivido ou não pelos sujeitos) que tem, de alguma maneira, relação com a realidade social.

Adentrando ao segundo momento anunciado nesta subseção, no qual, discute-se que, para além do âmbito da referência espacial, os atos de recordação terão grande importância nas relações entre os sujeitos e o sentimento de pertencimento coletivo, ou seja, a memória é o alimento das sensações de identificação entre os participantes de uma comunidade. Dessa maneira, torna-se pertinente voltar, mais uma vez, à questão das identidades coletivas, junto à premissa de que o processo de reconhecimento dos sujeitos sobre sua identidade perpassa por “crenças, religiões, culturas, políticas, ideologias, comportamentos etc., muitas vezes geradores de semelhanças, assimilação, mas também de diferenças e conflitos” (CAVALCANTE, 2015, p. 405).

Para Paul Zumthor (1993, p. 21), a voz ocupa lugar importante nesses processos, isso porque, segundo “uma longa tradição de pensamento, é verdade, considera e valoriza a voz como portadora da linguagem, já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes”.

Na discussão sobre o processo de identificação dos sujeitos, Candau (2016) apresenta, como ponto importante, os traços culturais inscritos nos contextos dos grupos. Para o autor, esse processo não ocorre mediante um conjunto estável e definido de traços culturais, que são, segundo ele, “vinculações primordiais – mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situação, contexto, circunstâncias – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’, identitárias ou étnicas” (CANDAU, 2016, p. 27). Isto é, a construção de identidades, sejam elas individuais ou coletivas, não acontece segundo regulamentações e ordem estáticas, mas

sim, em um processo dinâmico que, por sua vez, pertence a um processo maior, no qual a grande mediadora será a cultura.

Trazendo a cultura novamente à cena, volta-se a ela em companhia de Certeau (2014) que, na descrição dos artifícios constituintes do cotidiano, delega à cultura forte influência sobre as formas cotidianas. Por sua interlocução, pode-se comparar a cultura a um enredo, no qual, ela seria a mente criadora e a significadora dos fatos ali presentes. De forma semelhante, pode-se fazer referência, também, à metáfora da teia de significação de Geertz (1989), a qual elucida a força que a cultura exerce sobre os contextos. Entretanto, a cultura e os sujeitos caminham por uma via dupla de influências, isto é, o sujeito é tanto influenciado pela cultura, como esta também será pelo sujeito, já que ele é o possuidor da habilidade de dar significado às coisas, tecendo, assim, a teia que é a própria cultura.

Logo, aplicando isto à dinâmica da comunidade, compreende-se que a cultura opera sobre esta, assim como os indivíduos em suas “artes do fazer” criam os significados que legitimam a existência do contexto comunitário. Ao congregar as perspectivas apresentadas até aqui, percebe-se que a memória e a cultura desempenham papéis fundamentais na constituição da comunidade. A cultura seria o próprio enredo no qual esta se encontra enquanto a memória seria a grande instância que permite que os indivíduos reconheçam, por meio de suas lembranças, as nuances que formam esse capital cultural, fazendo parte desses hábitos, crenças, leis etc.

Nesse enredo, é preciso dar destaque aos moradores ou participantes da comunidade, pois serão eles, mais do que quaisquer outros, cientistas ou pesquisadores, que poderão testemunhar acerca das particularidades de seu cotidiano. Cada morador tem papel sobre a memória e a cultura onde vivem. Entretanto, é preciso dar destaque à memória dos idosos, pois estes “testemunharam tempos em que não vivemos e que precisam ser conhecidos para que entendamos melhor o nosso presente e o que se pode esperar do nosso futuro” (FEITOSA, 2014, p. 115). Negar o reconhecimento dessas memórias é análogo a privar-se de conhecer a própria cultura, ou nas palavras do referido autor “é desejar que esta caia no esquecimento” (FEITOSA, 2014, p. 115).

Candau (2016) destaca três elementos que funcionam como mediadores de memórias e culturas: a tradição, a comemoração e a memória ligada às tragédias. O autor descreve a tradição como a transmissão memorial, na qual estão inclusas manifestações, gestos, práticas e a linguagem dos indivíduos no interior de um grupo. Sempre em diálogo com o passado, a tradição é “um universo de significações coletivas no qual as experiências

cotidianas, que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos, são reportadas a uma ordem imutável, necessária e preexistente aos indivíduos e grupos” (CANDAU, 2016, p. 121).

Segundo Bauman (2000), a tradição não deve ser confundida com hábito ou costume, pelo contrário, ela é aquilo que buscamos para fundamentar e justificar as escolhas no presente. No que se refere aos contextos comunitários, Hobsbawm (1984) acredita que a tradição será responsável por manter a união e é nela que os indivíduos buscam argumentos que justifiquem suas decisões e atitudes. Alerta, porém, que as lideranças políticas, conscientes do poder da tradição e da influência que ela exerce, podem utilizar a tradição em benefício próprio, uma prática que o sociólogo chamará de “tradição inventada”.

Dessa maneira, a tradição será de grande importância no jogo identitário e na perpetuação de memórias e culturas. Sendo importante considerar que os atos pertencentes a uma tradição não podem ser esvaziados de um sentido intencional de dar continuidade e de legitimar uma determinada cultura.

A tradição não pertence unicamente ao passado: ela é, na verdade, um diálogo sempre atualizado entre passado e presente. Logo, “o ato de memória que se manifesta no apelo à tradição consiste em expor, inventando se necessário, “um pedaço de passado” moldado, à medida do presente, de tal maneira que possa se tornar uma peça do jogo identitário” (CANDAU, 2016, p. 122). Portanto, pode-se inferir que a tradição é a própria memória se movimentando no tempo: os atos ligados a uma tradição seriam a personificação da memória em rituais, cerimônias etc., os quais formam aquilo que Certeau (2014) denomina como as “artes do fazer” do cotidiano de culturas populares, e que se apresentam também em outros tipos de sociedade.

No que se refere ao segundo elemento mediador de memórias coletivas, os atos de comemoração, que podem também ser decorrentes de tradições, desempenham forte função organizadora das memórias coletivas e na identificação dos sujeitos. De acordo com Candau (2016, p. 149), o ato de comemorar “trata-se de inscrever o acontecimento comemorado no quadro dos jogos identitários aos quais devem fazer frente ao grupo”.

Pode-se considerar atos de comemoração aniversários, datas festivas, festejos populares (inseridos ou não nos calendários oficiais), etc. Esses atos, entretanto, nem sempre estão isentos de certo grau de intenção manipuladora, pois, a “máquina de remontar o tempo”, que é a comemoração, esconde muitas vezes o desejo de “moldar” o futuro e esquecer certos aspectos negativos acontecidos. As minorias étnicas, as mulheres e classes populares ficam, muitas vezes, excluídas do sistema de comemorações oficiais, o que faz com que esses grupos

criem suas próprias celebrações, que são por vezes mais espontâneas do que as comemorações ligadas a um sistema oficial (CANDAU, 2016).

Quando as comemorações não possuem mais sentido, e pouco a pouco deixam de existir, esse fato pode ser considerado como um sintoma de que um grupo ou sociedade encontra-se em crise identitária. (CANDAU, 2016). Isso significa dizer que, quando o projeto da recordação, que é a comemoração, deixa de se fazer presente em um grupo, a memória coletiva torna-se fragilizada, influenciando diretamente na identidade do próprio grupo.

Há, ainda, que se considerar, além das tradições e das comemorações, aquilo que os grupos não querem lembrar, o que querem submergir no esquecimento, que são, de modo geral, os acontecimentos ligados às tragédias. Esses acontecimentos, mesmo que negativos, terão grande influência nas memórias do grupo e também na constituição de sua identidade. Isso acontece porque “essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujo parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades” (CANDAU, 2016, p. 151).

A afirmativa de Candau (2016) faz relembrar o que foi dito por Pollak (1992): as memórias relacionadas às tragédias poderão estar fortemente imbricadas no sentimento de identidade dos indivíduos, pois são memórias herdadas e que, mesmo não vivenciadas, comporão a percepção dos indivíduos acerca de sua história e do sentimento de pertencimento a determinado grupo ou sociedade.

Falar de comunidade, efetivamente, leva a caminhos nos quais nos encontramos sempre em um terreno plural e dinâmico, onde memória, identidade e cultura permeiam e dão significados às linguagens, tradições, comemorações e acontecimentos ali instituídos. É também lugar singular, pois nele existirão aspectos que não serão encontrados em nenhum outro; é como se fosse uma obra de arte que remonta ao cotidiano, na qual, seus partícipes serão os autores da obra. E, como uma obra de arte geralmente situa-se em um lugar responsável por fazer a mediação dela com seu público, discorre-se a seguir acerca da biblioteca comunitária, como mediadora de informação, cultura e memória para sua comunidade.

### **3.3 Biblioteca Comunitária: reflexões acerca das discussões conceituais**

As discussões envolvendo a biblioteca comunitária estão entrelaçadas às dinâmicas sociais contemporâneas, nas quais, questões como inclusão social e informacional estão fortemente presentes. Essas bibliotecas são fruto de iniciativas populares, localizadas, na

maioria dos casos, em zonas periféricas ou rurais, cuja localização encontra-se, diversas vezes, distante de equipamentos culturais, como, a biblioteca pública, surgindo justamente do desejo desses grupos de ter acesso à biblioteca, ao livro e à informação.

Ademais, esses projetos têm em comum o sentido de luta e fortalecimento local, no que diz respeito à possibilidade de acesso à leitura e à informação. Dessa forma, as bibliotecas comunitárias podem ser compreendidas como terrenos profícuos cujas ações estão voltadas aos aspectos culturais, sociais e educacionais de uma comunidade.

Aferindo ao contexto brasileiro, especialmente das últimas décadas, a biblioteca comunitária tem se constituído como objeto de estudo situado, sobretudo, nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, áreas nas quais têm brotado diversas pesquisas voltadas à discussão de seu conceito; suas principais características e serviços, assuntos abordados no decorrer desta seção.

### *3.3.1 A construção do conceito*

Estabelecer um conceito sobre um dado objeto é, além de uma descrição de características, o ato de torná-lo único por meio de atributos a ele conferidos e que não pertencem a nenhum outro. Logo, refletir sobre o conceito de biblioteca comunitária é, ao mesmo tempo, descobrir o que caracteriza essa biblioteca e o que a faz diferente de outros tipos.

É importante considerar que um dos principais fatores que define a tipologia de uma biblioteca é o tipo de público para o qual irá direcionar seus serviços. A biblioteca universitária, por exemplo, atende de modo primordial à comunidade discente, docente e funcionários da instituição a que pertence, seja ela pública ou privada. O mesmo fato irá ocorrer com uma biblioteca especializada que, atrelada aos interesses da instituição, focará nas demandas dos especialistas e técnicos desta. No caso das bibliotecas públicas, e de modo particular, no contexto brasileiro, essas bibliotecas são concebidas como espaços públicos que estão diretamente ligados a órgãos governamentais e atendem, “as demandas da população que reside ou frequenta a região em que está localizada. São criadas para atender as necessidades informacionais de um ou mais comunidades, ou seja, seu público é heterogêneo” (MACHADO, 2009, p. 85).

Ao considerar a biblioteca comunitária pela tipologia do público que atende, ela seguirá os mesmos aspectos de uma biblioteca pública, pois também se constitui como espaço público, atendendo à comunidade de que faz parte, com o objetivo de democratizar o acesso à

informação. Por essa razão, os conceitos de biblioteca pública e biblioteca comunitária são, em geral, confundidos como semelhantes, ou mesmo equivalentes. Tendo isso em vista, Machado (2008) apresenta algumas diferenças entre elas, auxiliando assim na percepção das particularidades que envolvem a biblioteca comunitária.

Segundo a autora, as características diferenciadoras residem em: enquanto a biblioteca pública é vinculada a uma entidade governamental, a biblioteca comunitária é um projeto político social, podendo ou não ter parcerias ou apoio de órgãos públicos ou privados. Além disso, a estrutura da biblioteca pública segue uma hierarquia rígida, com funcionários oriundos da administração pública, que possuem pouca autonomia, enquanto a biblioteca comunitária possui uma estrutura flexível e sua equipe é composta por indivíduos da localidade.

Machado (2008) sintetiza essas diferenciações em um quadro comparativo entre os dois tipos de bibliotecas, o qual pode ser visto logo a seguir:

Quadro 1 – Comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias

<b>Características</b>	<b>Bibliotecas Públicas</b>	<b>Bibliotecas Comunitárias</b>
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados.
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima - Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade.
Equipe interna – Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado (2009, p. 89)

A concepção de biblioteca comunitária esteve envolta, por muito tempo, a uma confusa e nebulosa diversidade de concepções e nomeações que irão variar conforme a região ou país em que se inserem. Por exemplo, os relatos de experiências em países desenvolvidos, demonstram que o termo biblioteca comunitária é empregado, na maioria dos casos, para designar tipos de bibliotecas públicas, ligadas, de alguma forma, a órgãos governamentais e que atuam, de modo geral, em zonas periféricas, rurais ou áreas de risco social. Já as iniciativas oriundas de países em desenvolvimento constituem-se, em boa parte dos casos, em projetos “que se formam a partir de ações coletivas, baseadas em atitudes criativas, solidárias



e lideradas por grupos que tomam para si o desafio de solucionar a carência da leitura e do acesso à informação, numa luta contra a crescente exclusão social ” (MACHADO, 2008, p. 16).

Bastos, Almeida e Romão (2011) realizaram um levantamento desses relatos referentes às experiências em países desenvolvidos e países em desenvolvimento, de modo a revelar algumas diferenças na natureza desses projetos. No Quadro 2, podem ser vistos os relatos de ações referentes a três países desenvolvidos.

Quadro 2 – Bibliotecas Comunitárias de Países Desenvolvidos

<b>País</b>	<b>Ações das Bibliotecas Comunitárias</b>
<b>EUA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento de ações com imigrantes que vivem nos Estados Unidos e muitas vezes não falam a língua oficial ou mesmo se encontram em condição ilegal no país e não conhecem absolutamente nada do novo país;</li> <li>• Oferecimento de cursos de ensino e aperfeiçoamento de inglês;</li> <li>• Fornecer informações de interesse da comunidade;</li> <li>• Fornecer locais de reunião e tomada de decisões para a comunidade;</li> <li>• Instituir espaços onde seja reunida a informação acerca da comunidade, verdadeiros centros de informação das comunidades;</li> <li>• Serviços de orientação jurídica;</li> <li>• Assistência na alfabetização e melhoria do rendimento educacional dos alunos;</li> <li>• Serviços de entrega de livros em casa.</li> </ul>
<b>Reino Unido</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhos de estímulo à leitura, principalmente com crianças;</li> <li>• Fomentar o interesse dos sujeitos de regiões menos ricas das cidades em que existem;</li> <li>• Horários de atendimento interessantes para os sujeitos-leitores que trabalham.</li> </ul>
<b>Suécia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilização de material informacional nos principais idiomas dos estrangeiros que vivem no país;</li> <li>• Disponibilização de informações oficiais e incentivo de sua consulta por parte da comunidade.</li> </ul>

**Fonte:** Bastos, Almeida e Romão (2011, p. 90)

Da mesma maneira, os autores buscaram relatos ligados a países em desenvolvimento (Quadro 3), contemplando também três países, nos quais existem experiências que se relacionam, em vários casos, a ações que visam a melhoria local de aspectos sociais das comunidades em que se inserem.

Quadro 3 – Bibliotecas Comunitárias de Países em Desenvolvimento

<b>País</b>	<b>Ações das Bibliotecas Comunitárias</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Auxiliando no desenvolvimento das ações de alfabetização dos indígenas;</li> <li>• Horário de atendimento interessante para a população trabalhadora;</li> <li>• Fomento a participação dos sujeitos nas decisões de suas comunidades;</li> <li>• Tem um objetivo maior que apenas alfabetizar os sujeitos que a utilizam, faz isso através do oferecimento de atividades de interesse da comunidade, como palestras</li> </ul>

<b>Nepal</b>	<p>sobre criação de gado, gravidez, investimento financeiro, saúde da mulher e outros assuntos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeto em comunidades rurais;</li> <li>• Auxiliar na efetiva diminuição da porcentagem de analfabetos do Nepal, local onde a maioria da população vive;</li> <li>• Oferecimento de informações importantes para cada comunidade;</li> <li>• Atuar com a casta dos intocáveis, público marginalizado no país;</li> <li>• Informação permitindo a melhoria de vida das mulheres, um grupo socialmente excluído;</li> <li>• Comunidade sentindo-se unida e favorecendo uma melhor relação dos sujeitos;</li> <li>• Melhorias econômicas provenientes de um fornecimento de possibilidades de práticas que favoreçam os trabalhadores que usam essas bibliotecas, um exemplo é o trabalho com os apicultores dessas comunidades.</li> </ul>
<b>Nicarágua</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho com temáticas que afetam essas comunidades, como as drogas, trabalho infantil e a violência;</li> <li>• Promoção da leitura;</li> <li>• Influenciando no desenvolvimento econômico ao fornecer informações que permitem o aperfeiçoamento de pessoas e práticas, um exemplo é o uso das informações sobre turismo;</li> <li>• Incentivo de ações com Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, permitindo o desenvolvimento de práticas interessante, um dos exemplos é a criação de um programa de rádio “La biblioteca tiene”.</li> </ul>
<b>Quênia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilização de materiais de leitura para as comunidades locais;</li> <li>• Melhoria das condições de alfabetização e sociais;</li> <li>• Bibliotecas oferecendo seus serviços em locais antes difíceis, fazendo uso de meios tais como barcos e ônibus;</li> <li>• Fornecimento de informações sobre problemas sociais importantes, tais como: a Acquired immune deficiency syndrome – AIDS, e o Human immunodeficiency vírus - HIV;</li> <li>• Oferecimento de serviços informacionais para deficientes, como a disponibilização de obras em braile;</li> <li>• Auxílio e contribuição para os estudantes das comunidades;</li> </ul>

Fonte: Bastos, Almeida e Romão (2011, p. 93)

Observa-se que a natureza das ações dessas bibliotecas irá diferir de acordo com o tipo de necessidade existente nos países em que se encontram. Em países desenvolvidos, essas bibliotecas funcionam como ambientes de apoio local e como uma extensão da atuação do Estado. No caso dos países em desenvolvimento, tanto a criação como o desenvolvimento de suas ações estão diretamente relacionados às problemáticas sociais de suas localidades, acontecendo, por vezes, independente de qualquer iniciativa governamental.

No que se refere ao Brasil, o termo biblioteca comunitária foi utilizado, pela primeira vez, na literatura brasileira, em 1978, por Carmina Nogueira de Castro Ferreira. Na ocasião, a autora se refere à experiência americana de integração entre biblioteca pública e

biblioteca escolar, no início de século XX. Porém, o primeiro relato de experiências, sobre as bibliotecas comunitárias em território brasileiro, ocorre, em 1984, por meio do trabalho de Tôdeska Badke, no qual, a autora descreve o caso da Biblioteca do Parque Residencial das Laranjeiras. No entanto, para se referir a essa experiência, a autora utiliza tanto o termo biblioteca comunitária, como também a designação biblioteca popular (MACHADO, 2009).

Alves, Salcedo e Correia (2016) realizaram um mapeamento das formas como as discussões situadas na literatura brasileira vêm designando experiências dessa natureza. Como resultado, a pesquisa demonstra que existem três principais formas sob as quais estas têm sido nomeadas, a saber: biblioteca popular, biblioteca alternativa e biblioteca comunitária.

No conjunto de interlocuções reunidas pelos autores, a biblioteca popular pode ser entendida como projetos surgidos de certa interação entre biblioteca e comunidade, mas que, de certa forma, possuem a intervenção do Estado, localizando-se, de modo geral, em zonas periféricas e economicamente desfavorecidas. Perspectiva que vai ao encontro do que diz Machado (2009) sobre a criação de bibliotecas populares como um movimento proveniente de iniciativas do governo ou de projetos sociais ligados a ações de extensão da biblioteca pública. Segundo a autora, os objetivos desses projetos serão semelhantes aos da biblioteca pública.

Ainda sobre a utilização do termo biblioteca popular, é importante destacar que um marco do uso dessa designação na literatura brasileira, refere-se ao pensamento de Freire (1994), ao falar da importância do ato de ler; discutindo acerca do valor da biblioteca popular e defendendo-a como um projeto social, que poderá auxiliar na fecundação da consciência crítica nos grupos populares e oprimidos, através da leitura, tanto do texto escrito, como dos contextos cotidianos.

A biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação ao contexto. Daí a necessidade de uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupos, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando aprender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 1984, p. 38)

De forma menos expressiva, mas também presente na literatura da área, a designação biblioteca alternativa é utilizada para se referir às ações localizadas em zonas periféricas das grandes cidades ou que se encontrem distantes de bibliotecas públicas, caracterizando-se, assim, como uma alternativa de acesso à biblioteca para as populações residentes nesses locais (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2016).

Na perspectiva apresentada por Almeida Júnior (1997), as bibliotecas alternativas seriam projetos sociais cuja finalidade encontra-se em modificar a ideia existente das bibliotecas públicas tradicionais. Ou seja, suas ações serão direcionadas a oferecer alternativas de acesso ao livro e leitura à população, no sentido de suprir a carência deixada pela biblioteca pública.

Quanto ao uso da expressão biblioteca comunitária, Alves, Salcedo e Correia (2016) identificaram a recorrência do termo em alguns estudos, todavia, será mediante a pesquisa intitulada “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil”, de Elisa Machado (2008), que será formada a primeira definição e estabelecimento das características desse tipo de biblioteca. Em sua análise, a autora chega a seguinte conceituação:

Um projeto social que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, liderados por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, a leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p. 64)

A autora confere também algumas particularidades e atributos para as bibliotecas comunitárias que, segundo ela, residem: na sua forma de constituição, visto que são formadas e criadas pela comunidade a que pertencem; no combate conjunto à exclusão informacional, como forma de possibilitar a igualdade e justiça social; no processo de articulação dos indivíduos da comunidade; na localização dentro de uma comunidade e no fato de não estarem ligadas diretamente a órgãos governamentais (MACHADO, 2008).

O conceito de biblioteca comunitária, pensado por Machado (2008), auxiliou no fortalecimento da fundamentação teórica de variadas pesquisas envolvendo essa temática, dentre essas, destaca-se o estudo realizado por Cavalcante e Feitosa (2011, p. 123), no qual, as bibliotecas comunitárias são compreendidas como espaços coletivos “frutos das práticas sociais e culturais do cotidiano para o enfrentamento da falta de acesso à informação e à leitura”.

Destaca-se, ainda, as discussões realizadas por Cavalcante (2014, p. 30), cuja definição de biblioteca comunitária segue o seguinte direcionamento:

São espaços informacionais, fruto da ação coletiva ou individual, legitimados pelos moradores a partir do diálogo, da partilha, observações, necessidades e negociações entre os envolvidos. A gestão ocorre de modo dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa. Seus acervos são constituídos, na maioria das vezes, de doações, assim como o mobiliário, o prédio e os recursos para a realização das atividades. Como são espaços criados pela ação comunitária voltam-se principalmente para o

compartilhamento das ações culturais, o empréstimo de livros e a mediação da leitura de modo criativo e autônomo.

Em consonância com essas conceituações e conforme o resultado do mapeamento das discussões situadas sob a temática biblioteca comunitária, Alves, Salcedo e Correia (2016) fornecem a seguinte síntese conceitual acerca dessas:

[...] as bibliotecas comunitárias são espaços que surgem da iniciativa popular, que as criam e as mantêm ou de iniciativas externas à comunidade que buscam atender suas demandas. São originadas por idealizadores individuais ou coletivos, em regiões urbanas ou rurais, geralmente distantes do centro que alegam como principal motivo de criação uma alternativa a inexistência de espaços culturais e bibliotecas públicas nessas comunidades. (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2016, p.43)

Mediante reunião desses conceitos, percebe-se que a concepção de biblioteca comunitária transita especialmente pelos aspectos da gestão autônoma e participativa; pela inserção em uma comunidade e pela promoção da leitura e inclusão informacional. A gestão participativa acontece por meio da intervenção e participação dos indivíduos nas ações e no planejamento da biblioteca.

A inserção em um espaço comunitário pode ser entendida (para além de uma referência territorial) também pelos significados que a palavra *comunidade* evoca, como o sentimento de pertencimento, de lutas em comum, de laços afetivos e familiares. A promoção da leitura e a inclusão informacional podem ser compreendidas como os principais objetivos dessas bibliotecas. Portanto, é possível identificar que a concepção de biblioteca comunitária revela uma forte função social por trás de seus atributos, o que faz com que essa função reverbere na sua forma de atuação, nos serviços e nas ações desenvolvidos por esses espaços no local onde se insere.

### *3.3.2 Os serviços e os usuários da biblioteca comunitária*

As questões conceituais acerca da biblioteca comunitária evidenciam forte dimensão social, cultural e educacional a ela atrelada. Tais dimensões influenciam diretamente na constituição de seus serviços, bem como na caracterização de seu público. No que tange aos serviços, identifica-se que esses, por vezes, serão o reflexo das demandas locais, fazendo assim com que sua atuação seja bastante diversificada. Porquanto, os relatos ligados a essas experiências evidenciam que suas ações se voltam, de modo geral, ao fomento da leitura, às ações educativas e às atividades culturais das comunidades.

Em análise acerca das práticas relativas às bibliotecas comunitárias no Brasil, Machado (2008) identifica que, nesses espaços, existe a ocorrência, principalmente, de atividades como: mediação de leitura, saraus literários, cursos de capacitação e aperfeiçoamento, palestras, seminários, concursos de poesia, oficinas, além daqueles serviços tradicionais, tais como, empréstimo e pesquisa local.

De modo semelhante, Cavalcante (2014a) indica também a possibilidade desses espaços atuarem como centros de informação e desenvolvimento local. Caracterizando-os como espaços dinâmicos e sustentáveis que podem favorecer a comunidade com:

- a) Acervos atualizados constituídos por livros, revistas, folhetos, jornais, CDs, DVDs, filmes, músicas etc. Devendo ser o mais variado possível para ensejar o interesse de crianças, jovens e adultos;
- b) Acervo contendo a memória da comunidade, com fotos e objetos pessoais de seus moradores, das atividades produtivas, da cultura local etc.;
- c) Lugar agradável e amplo para a realização de encontros, cursos, reuniões e assembleias para os moradores;
- d) Realização de atividades culturais como cursos, oficinas de leitura, contação de histórias, rodas de poesias, exibição de filmes, gincanas etc.;
- e) Realização de cursos de capacitação profissional, palestras e outras possibilidades para estimular a economia solidária e a agricultura familiar (CAVALCANTE, 2014a, p. 30-31).

Cavalcante (2014a) indica alguns aspectos positivos, nos quais, a comunidade poderá ser beneficiada em decorrência dessas ações, por exemplo: na tomada de decisões relativas à solução de problemas do cotidiano; na implantação de pequenas empresas comunitárias; no fortalecimento de suas associações, sindicatos e cooperativas, ajudando a resolver problemas jurídicos; no desenvolvimento local e na união contra qualquer tipo de dominação, reconhecendo seus direitos e deveres.

Não obstante, algumas das atividades citadas pelas duas autoras serão encontradas em outros tipos de biblioteca, como a biblioteca pública. Contudo, será a intenção por trás dessas ações que as tornarão diferentes, haja vista, que o processo de criação dessas atividades seguirá demandas específicas de sua localidade; frutos de uma interação dialógica entre biblioteca e comunidade, e não segundo metas e leis pré-estabelecidas por uma instância privada ou governamental.

Cabe ressaltar a existência de semelhanças entre as ações das bibliotecas comunitárias brasileiras e àquelas destacadas no quadro desenvolvido por Bastos, Almeida e Romão (2011), o qual se refere aos países em desenvolvimento, o que demonstra que, em países que enfrentam elevados problemas socioeconômicos, como é o caso também do Brasil, a atuação desses espaços seguirá direcionamento similar.

No tocante aos usuários dessas bibliotecas, Machado (2008) indica que, de modo geral, esses podem ser constituídos por diversos grupos, como crianças, jovens, adultos e idosos. Essa diversidade de público se justifica pelo fato de que as bibliotecas comunitárias se mobilizam em um esforço conjunto para o atendimento das necessidades educacionais e culturais locais. Todavia, a autora afirma que, em alguns casos, essas bibliotecas podem direcionar os esforços para grupos específicos, devido a alguma necessidade particular que ali se apresenta.

Tendo isso em vista, pode-se, então, considerar que a comunidade como um todo possui *status* de usuário potencial da biblioteca e que os indivíduos que compõem esses locais, ao mesmo tempo em que formam diversos grupos, possuem também diferentes necessidades e demandas informacionais. Para conhecer essas demandas, estudos de comunidade e de usuários tornam-se, por isso, imprescindíveis.

De acordo com Figueiredo (1994, p. 7), os estudos de usuários são investigações realizadas com o intuito de descobrir o que “os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários [...] estão sendo satisfeitas de maneira adequada”. Em sintonia com os aspectos elucidados por Figueiredo (1994), Costa (2016) apresenta uma perspectiva atual da definição desses estudos como sendo,

[...]o conjunto de conhecimentos, ou disciplina, pertencente à área da Ciência da Informação para compreender, por meio de investigações, e detectar o que o usuário necessita em matéria de informação, buscando interação entre usuário e informação, ampliando e interferindo na sua produção. (COSTA, 2016, p. 68)

No tocante à realização desses estudos em contextos locais, é importante ter em mente que as necessidades e fluxos informacionais presentes neles assumem naturezas bastante diversas. O que indica que essa sondagem precisa acontecer de forma dialógica, pois, os usuários da informação em contextos locais desejam, muitas vezes, não somente dados informacionais, mas também processos comunicacionais de informação (CAVALCANTE, 2014b).

Não obstante, os usuários em contextos locais são, como destaca Cavalcante (2014, p.262), “tão híbridos em suas demandas quanto às informações que desejam receber e as muitas que podem produzir sobre seus contextos, memórias e identidades comunitárias”. Diante desse princípio, observa-se que, diferentemente de outros tipos de bibliotecas, as necessidades e demandas presentes no âmbito das bibliotecas comunitárias serão tão diversas quanto os grupos das comunidades em que se inserem, por conseguinte, os serviços e ações ofertados deverão ser pensados com foco nas demandas desses locais.

Ademais, compreende-se que os estudos de grupos e dos usuários podem vir a auxiliar a biblioteca comunitária no desempenho de sua missão e dos objetivos na comunidade em que se insere. Combinando estudos que levem em consideração os aspectos supracitados e as dinâmicas e fluxos informacionais, a biblioteca estará progressivamente mais próxima do cumprimento de sua missão e do alcance de suas finalidades. Em síntese, esse conjunto de interlocuções acerca da biblioteca comunitária enseja a compreensão de que, amparada pelo *status* autônomo que possui, essa biblioteca tem o potencial de atuar como um centro cultural e informacional, sendo reflexo da comunidade da qual é parte.

Diferentemente das bibliotecas ligadas a órgãos governamentais, públicos ou privados, as bibliotecas comunitárias possuem a autonomia de construir e seguir um projeto político-social criado de forma participativa e colaborativa. No entanto, é importante considerar que, para alcançar seus objetivos de promoção da leitura e inclusão informacional, torna-se necessário o conhecimento do público e do espaço no qual está localizada, que deve ser realizado de forma dialógica, levando em consideração o contexto social e as necessidades e interesses de seus indivíduos. Nesse mérito, é importante destacar que, ao situar-se em contextos comunitários sempre plurais, a biblioteca comunitária terá em seu território uma riqueza de vestígios de cultura e memórias, a qual deve estar sempre em evidência, mediante seus serviços, acervos e ações.

### **3.4 A biblioteca comunitária no território da memória**

Em essência, a biblioteca tradicional tem como objeto de seu labor a salvaguarda da memória coletiva e, como foi visto, na maioria dos tipos de bibliotecas, será a memória científica, técnica e da cultura erudita que, geralmente, se escolhe para preservar e disseminar. Contudo, esse não será o caso da biblioteca comunitária que, se pensada e efetivada sob os moldes conceituais elucidados anteriormente, terá maior liberdade para criar seu próprio caminho de atuação, constituindo-se como um espaço de mediação de cultura, informação e



memória para sua comunidade.

É justamente sobre esse tipo de biblioteca que Feitosa (2014, p. 14) reflete, quando discorre sobre uma biblioteca que “não só deve conhecer os livros, mas também a vida. Uma biblioteca que pode até lidar com o conhecimento erudito de uma Dona Benta, mas que deve também se entregar aos conhecimentos de vida e os imaginários de um Tio Barnabé”. Vista por esse sentido, a biblioteca comunitária pode incutir em sua constituição e ações tanto os conhecimentos eruditos, como os conhecimentos populares, ou seja, seria um espaço que promove a cultura ligada às identidades e culturas locais.

Uma biblioteca que terá maior liberdade em focar nas “artes do fazer” cotidiano e que reflete a *práxis* sociocultural de onde se insere. Atuando dessa maneira, a biblioteca comunitária se inscreve mais fortemente em seu contexto, tornando-se, assim, partícipe deste, pois, como se observou no decorrer dessas interlocuções, partilhar memórias significa fortalecer o sentimento de pertencimento nos grupos. É, então, sob esse prisma, que surge a possibilidade de se pensar a biblioteca comunitária como território de memória, lugar que “além do livro e da leitura que se constituem nos seus principais suportes físicos e intelectuais, incorpora também outras atividades socioculturais, políticas, desportivas e/ou recreativas das comunidades usuárias” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 11).

Contemplando o conceito de lugares de memória de Nora (1993), sobre o qual falamos anteriormente, Prado e Machado (2008) afirmam que ao aplicá-lo às bibliotecas comunitárias, seu entendimento se atualiza, haja vista, que a memória ligada a essa biblioteca advém de um empreendimento comunitário, cuja missão volta-se a tornar essa memória sempre viva e presente.

Os autores, desse modo, conferem à biblioteca comunitária a condição de lugar de memória, mas, de forma que ela vá além do entendimento explicitado por Nora (1993), que trata do mesmo conceito, sob os olhos da crise da memória e do esquecimento dela. O lugar de memória, na perspectiva da biblioteca comunitária, defendido por Prado e Machado (2008), se reveste de um entendimento desta como um lugar onde memória, cultura e identidade ainda vivem e emanam do *lócus* em que reside, o que deve ser sempre perceptível em suas ações e acervos.

Freire, na década de 1980, já havia atentado para a perspectiva da biblioteca popular atuar como mediadora dos processos culturais e sociais. Para o autor, essa biblioteca teria a tarefa de preservar o passado local e promover ações de difusão dessa memória, contribuindo, assim, para a formação de cidadãos conscientes de sua história e que podem se posicionar como sujeitos históricos (FREIRE, 1984).

Mesmo se referindo às bibliotecas populares, e não especificamente à biblioteca comunitária, o autor enseja a perspectiva de que, ao trabalhar as questões das memórias de sua comunidade, a biblioteca comunitária abre caminho para a construção e fortalecimento das identidades dos seus sujeitos, estes como personagens ativos em sua história. Para o autor, a informação e a leitura terão papel de destaque na construção da consciência cidadã das classes populares. Não obstante, confere grande relevância aos conhecimentos que o sujeito precisa ter do contexto em que se insere, ou seja, a história e a memória do lugar em que habita.

Sob essa perspectiva, é importante perceber que a biblioteca comunitária, como território de memória, irá conjugar valores da memória e identidade de sua comunidade, os quais participam e são “disputados em conflitos sociais e intergrupais de conflitos que opõem grupos políticos diversos” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 6). Ou seja, atuar como espaço de promoção da memória poderá significar assumir posicionamentos políticos e/ou de luta.

Ao colocar a promoção da memória e cultura local na agenda de suas ações, a biblioteca comunitária poderá contribuir também no sentido de desenvolver “um fluxo de democratização da informação que seja recíproco entre elas e suas respectivas comunidades, a consolidação de um sistema autônomo e de integração sociocultural e desenvolvimento local se tornará possível” (PRADO, 2009, p. 381).

Feitosa (2014) apresenta alguns dos aspectos que compõem o cenário comunitário e que podem estar incluídos na dinâmica de atuação da biblioteca comunitária, como: a *cultura* ou *imaginário cultural*, que são as teias de significação que estão envoltas no cotidiano da comunidade; as *memórias*, como fator de grande importância no tecido social que compõe a vida comunitária, e que se perpetuam mediante tradições, imaginários e identidades; as *identidades*, que são resultados da cultura, tradições, e hábitos; as *tradições*, entendidas como o movimento sempre renovado da cultura e da memória, ao longo do tempo, e que irão influenciar nas dinâmicas, tanto do presente quanto do futuro do grupo; os *cotidianos*, sendo estes os espaços nos quais a cultura acontece; os *sotaques e dicções*, ou seja, as linguagens pertencentes ao contexto, o que abrange o modo de falar, as danças, etc., o que inclui também *os modos de comunicação*, os diálogos e as formas de dialogar que são próprios do local; os *patrimônios* que se constituem dos indivíduos (especialmente os idosos), das casas, das ruas etc.

Congregando esses aspectos, a biblioteca comunitária estará atuando como um território de articulação entre a memória e a cultura, tornando-se, assim, “um *lócus* de leitura e também de criação, de inventividade; um lugar de encontro, de convivência e de produção do saber, da memória, da tradição e da cultura” (FEITOSA, 2014, p. 117).

Prado e Machado (2008) elencam alguns pontos que podem auxiliar a melhor compreender como uma biblioteca comunitária poderá se configurar no conceito de lugar ou território de memória, são eles:

1. Considerar a biblioteca comunitária como território de memória (ou de cidadania); o espaço material dinâmico que se transforma mediante as ações sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas concretas de quem dela participa;
2. Ter um passado histórico de atuação que revele características socioculturais e políticas que transcendam ao seu acervo existente;
3. Estar localizada em regiões periféricas seja na zona urbana ou na zona rural;
4. Ter sido criada horizontalmente, *pela* e não *apenas* por uma pessoa física ou jurídica da comunidade. Em outras palavras, pela vontade e iniciativa própria da comunidade;
5. Apresentar-se como um espaço público, aberto à participação ampla e democrática da comunidade e ao acesso à informação, à leitura, ao livro e a quaisquer outros instrumentos informacionais nela existentes;
6. Atuar como um centro cultural local com evidente valorização da ação cultural;
7. Não ser uma instituição governamental e nem ter subordinação direta com a esfera pública tanto municipal, quanto estadual ou federal, a não ser de parcerias formais;
8. Não deve ter vínculo, nem tampouco restrição a qualquer tendência política, ideologia e/ou religiosa, e sobretudo não ser utilizada exclusivamente para benefício próprio de um indivíduo ou do grupo que a dirige;
9. Deve seguir os princípios da gestão participativa, estabelecendo articulações locais no sentido de fortalecer sistematicamente os vínculos com a comunidade (PRADO; MACHADO, 2008, p. 10)

Nos pontos elencados pelos autores, pode-se perceber que os aspectos necessários para a caracterização da biblioteca comunitária, como território de memória, se misturam aos atributos conceituais dados a ela, aqueles anteriormente aqui elucidados. O que demonstra que para esses autores, as questões ligadas à memória e à cultura local encontram-se presentes na própria constituição do sentido de biblioteca comunitária. Isso significa dizer que, se a biblioteca comunitária retira de sua agenda de atuação os aspectos ligados à memória e à cultura local, ela caminha para um esvaziamento de sua própria identidade como um projeto

social oriundo de iniciativa comunitária.

Machado (2005), ao relatar a experiência da Biblioteca Comunitária de Heliópolis, localizada em uma favela da cidade do Rio de Janeiro, apresenta o exemplo de um projeto de implantação de biblioteca comunitária, pensado para ser, além de um espaço privilegiado de intervenção social, de acesso à informação e à leitura, também um lugar de “criação de um novo projeto de sociedade, na busca de identidade de grupos marginalizados pelo e do sistema dominante” (MACHADO, 2005, p.116).

Na metodologia do referido projeto, a autora destaca que é dada especial atenção à questão da memória comunitária e dentre as atividades propostas, estão previstas a coleta e a organização de depoimentos dos moradores acerca da história local. De acordo com Machado (2005), essas ações teriam o intuito de preservar e recuperar a memória local, além de “colaborar para o reconhecimento e o fortalecimento dos laços dessa comunidade por meio da própria identificação com o seu passado” (MACHADO, 2005, p.119).

Nesse exemplo dado por Machado (2005), encontra-se aplicada a potencialidade de atuação da biblioteca comunitária como espaço de memória coletiva, a qual é defendida pela própria autora, assim como por Prado (2009), Feitosa (2014), Cavalcante (2014) e Freire (1984). Desse modo, ao acompanhar o pensamento desses interlocutores, permite-se entender que a atuação da biblioteca comunitária permeia, enquanto espaço promotor e difusor da memória da comunidade, alguns aspectos que envolverão, principalmente, uma atuação guiada pelo desejo de conhecer a memória da localidade em que atua. Para além desse desejo, encontra-se também uma vontade de *identificação* com a comunidade e sua história.

À guisa das discussões aqui tecidas acerca da comunidade e da biblioteca comunitária, percebe-se o quão fecundo e rico de memória, cultura e identidade são cada um desses elementos. Combinar memória e cotidiano pelas bibliotecas comunitárias é promover a perpetuação de culturas, saberes e identidades populares que, por vezes, são esquecidos por poderes dominantes. A despeito disso, esses mesmos grupos encontram formas criativas e independentes de não deixar que suas culturas jazam no esquecimento, a exemplo da própria biblioteca comunitária.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

*Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto.*

*(Michel de Certeau)*

Percorridas as abordagens teóricas, é propício falar do modo como foram percebidos, junto ao objeto de estudo, as formas de articulação entre memória, biblioteca e comunidade. Assim, esse espaço do estudo destina-se a elucidar os pressupostos metodológicos que guiaram o processo empírico de construção deste trabalho, o qual, como evidenciado na Introdução, tem como intuito: investigar de que maneira as Bibliotecas Comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança, situadas nos bairros Jardim Iracema e Presidente Kennedy, respectivamente, na cidade Fortaleza/Ceará, têm atuado como espaços promotores da memória coletiva e se são reconhecidas, dessa forma, pelos moradores desses locais.

A natureza deste objetivo suscitou a necessidade de um empreendimento de imersão nesses locais, para assim compreender aquilo a que se propõe a investigação, o que gerou uma forte aproximação com uma abordagem metodológica em específico, a *etnografia*. Por meio dessa abordagem, foi realizada a leitura e a interpretação dos contextos das bibliotecas comunitárias em estudo e sua ligação com o fomento e promoção da memória. Para tanto, teve-se como elemento norteador aquilo que Certeau (2014, p. 35) se refere no trecho destacado acima, o qual diz que ao adentrar na pesquisa dos contextos sociais e culturais, torna-se importante “reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto. ” Desse modo, nesta pesquisa, os processos investigativos, observações e análise ocorreram de forma a contemplar a natureza de seu objeto.

Antes, porém, de adentrar nos elementos componentes do método, é oportuno falar acerca da natureza da pesquisa aqui empreendida, a qual é sustentada por uma abordagem qualitativa, tendo em vista que o estudo se propõe a investigar as dinâmicas sociais atreladas à biblioteca comunitária e à memória coletiva. Para Richardson (1985), esse tipo de abordagem é indicado a estudos que se direcionem à investigação de características complexas ou estritamente particulares de um ou mais grupos sociais. Segundo esse autor,

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. [...] O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, não obstante perderem seu caráter qualitativo, quando são transformados em dados quantificados na tentativa de se assegurar a exatidão no plano dos resultados. (1985, p. 38)

Adjacentes a esse enfoque, articulam-se ainda a combinação de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, haja vista a necessidade de aprofundamento teórico em temas intrínsecos ao estudo, como a memória, cultura, identidade, comunidade, e a biblioteca comunitária, dentre outros mais. De acordo com Gil (2008) uma pesquisa de tipo exploratória,

[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...) são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral do tipo aproximativo, acerca de determinado fato. (...). O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p. 27)

No que concerne à pesquisa bibliográfica, de acordo com Bentes Pinto e Cavalcante (2015, p. 15) “sem essa etapa da pesquisa, é impossível conhecer o estado da arte dos temas que motivaram a escolha do objeto em estudo. ” Para as autoras, o processo de pesquisa bibliográfica, além de ajudar no descobrimento teórico acerca do objeto pesquisado, contribui também para a escolha do método que melhor se aplicará à pesquisa realizada.

Tendo em vista as perspectivas de pesquisa supracitadas, foi realizado um estudo bibliográfico disposto em relação à três principais temáticas: a memória, a comunidade e a biblioteca comunitária, as quais foram tecidas nos capítulos anteriores. Mediante levantamento bibliográfico (Quadro 4), realizou-se a estruturação e a fundamentação teórica dessas temáticas, norteadas por esses três principais temas, e outras temáticas a eles relacionados, assim como os principais autores que subsidiaram a realização das interlocuções teóricas.

Quadro 4 – Quadro Teórico da Pesquisa Bibliográfica

REFERENCIAL TEÓRICO	Tema Principal	Subtemas e correlações	Principais autores estudados
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Concepções: Memória Social; Memória Cognitiva; Memória Física.</li> <li>Contexto histórico e contemporâneo</li> </ul>	Halbwachs (2003); Nora (1993); Candau (2016); Ricoeur (2007); Santos (2012) Agostinho (2010); Bergson (2010); Chauí (1994); Eco (2014); Le Goff (2003).

	<b>Memória</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informação e Memória</li> <li>• Ciência da Informação (CI)</li> <li>• CI e Memória</li> </ul>	Capurro (2003); Capurro e Hjørland (2007); Fromann (2008); González de Gómez (2009; 2011); Malheiro e Ribeiro (2011); Oliveira e Rodrigues (2009; 2011) Pinheiro (2005)
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura</li> </ul>	Geertz (1994); Laraia (2000); Caune (2014); Canclini (2011).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identidade e Memória</li> </ul>	Hall (2003); Bauman (2005); Candau (2016); Halbwachs (2003); Pollak (1992).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biblioteca e Memória</li> </ul>	Jacob (2008); Murguia (2010); Poirier (2008); Malheiro e Ribeiro (2011); Silveira (2010)
	<b>Comunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceito de comunidade</li> </ul>	Bauman (2000; 2001; 2003); Weber (2010); Chauí (1994).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto contemporâneo</li> </ul>	Bauman (2000; 2001; 2003); Hall (2003); Eagleton (2003).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunidade e Memória</li> </ul>	Certeau (2014); Halbwachs (2003); Connerton (1993).
	<b>Biblioteca Comunitária</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceito e Características</li> </ul>	Machado (2008; 2009; 2005); Cavalcante (2014); Bastos e Almeida (2011); Alves, Salcedo e Correia (2016).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Serviços e Usuários da Biblioteca comunitária</li> </ul>	Machado (2008); Cavalcante (2014; 2015); Almeida e Romão (2011).
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Biblioteca Comunitária e Memória Coletiva/Social</li> </ul>	Prado (2009); Padro e Machado (2008); Nora (1993); Machado (2005); Freire (1984); Feitosa (2014); Cavalcante (2014).

Fonte: elaborado pela autora.

Mediante a discussão das temáticas evidenciadas no quadro acima, tornou-se possível fortalecer o entendimento acerca dos temas correlatos ao objeto em estudo, auxiliando também nas perspectivas de aplicação do método etnográfico, tendo em vista que este se baseia numa observação e interpretação crítica e profunda dos contextos culturais e os significados intrínsecos a estes.

#### 4.1 A etnografia: aspectos conceituais e teóricos acerca do método

A etnografia encontra-se entre os métodos preferenciais para os estudos voltados a conhecer e interpretar as culturas enraizadas nos contextos sociais e populares. Segundo Geertz (1989), ela deve fazer parte da *práxis* de todo cientista social que esteja comprometido com o desejo de conhecer de modo profundo o objeto e os significados embutidos em seu campo/contexto. Para esse autor, a etnografia é uma prática que irá se traduzir em “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante ” (GEERTZ, 1989, p. 4). Também afirma o autor, que para além desses procedimentos técnicos, a etnografia é, sobretudo, um

empreendimento investigativo focado em descrição densa do campo de estudo, desse modo, ela assume *status* de uma teoria interpretativa, que pode ser aplicada aos estudos da cultura em suas diversas formas.

Ainda na perspectiva de Geertz (1989), quando se realiza uma análise etnográfica, escolhe-se dentro de estruturas de significação (comunidades, grupos, contextos sociais), gestos, acontecimentos, signos etc., os quais são interpretados dentro da base social em que esses estão inscritos, ou seja, o olhar dado aos elementos encontrados dentro do campo de estudo deve ser sempre voltado a encontrar a significação desses em relação ao meio dos quais emergem. Geertz (1989) ressalta ainda, que a análise etnográfica não é pura e simplesmente um estudo de um *lócus*, mas sim, uma investigação *dentro* desse lugar. Desse modo, o foco de uma pesquisa etnográfica não se encontra especificamente no local, mas, na interpretação das “teias de significação” que operam naquele contexto.

De modo similar, Angrosino (2009) apresenta a etnografia como o ato de descrever um povo, “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (2009, p. 30). Todavia, para além do sentido da descrição, o autor também destaca esse método de pesquisa social como uma interpretação de contextos sociais, a qual deverá estar em sintonia com os reais aspectos e significados a eles pertencentes.

No tocante ao percurso histórico, Angrosino (2009) afirma que a etnografia teria surgido por volta no final do século XIX e início do século XX, devido à busca de antropólogos insatisfeitos com as formas tradicionais de pesquisas realizadas por filósofos sociais da época, as quais não davam conta de compreender o fenômeno social em sua complexidade. Na Inglaterra, os principais precursores da etnografia foram os antropólogos Redcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski. Nos Estados Unidos, os estudos etnográficos começaram a ser utilizados com fins de entender a cultura dos grupos indígenas americanos. No contexto americano, o antropólogo mais influente foi Franz Boas que, assim como o britânico Malinowski, se tornaria grande defensor da pesquisa realizada através da inserção do pesquisador em campo (ANGROSINO, 2009).

Consolidando-se como um dos principais métodos adotados em pesquisa sociais, o método etnográfico passou a influenciar em diversas teorias e disciplinas como o funcionalismo, o interacionismo simbólico, o feminismo, marxismo, a etnometodologia, a teoria crítica, os estudos culturais e o pós-modernismo (ANGROSINO, 2009). No que diz respeito à Ciência da Informação, a etnografia vem sendo utilizada para “compreender a



relação entre indivíduos e informação, tomando por base os espaços sociointerativos engendrados pelas tecnologias de informação ” (NUNES; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 52).

Utilizada também em estudos de cunho histórico e culturais, a etnografia é vista como “um campo que examina como as vidas das pessoas é moldada por estruturas repassadas historicamente de geração a geração ” (ANGROSINO, 2009, p. 28). Com relação aos estudos ligados às memórias coletivas, Candau (2016) indica que esse método vem fazendo parte de um conjunto de pesquisas, compondo forte movimento contemporâneo de busca pelas memórias e identidades coletivas, aquilo que o autor chamou de *febre pela memória*.

Angrosino (2009) define algumas características que nos auxiliam na diferenciação da etnografia em relação a outros métodos pertencentes ao âmbito da pesquisa em ciências sociais, sendo elas: a pesquisa realizada em campo; a personalização do método pelo pesquisador no dia a dia e muito próximo ao objeto; a multiplicidade de ferramentas para coleta de dados, o compromisso a longo prazo, a dialogicidade e a descrição precisa e interpretativa do grupos em estudo.

Diante dessas características, nota-se que a etnografia é um método cujas formas de aplicação e realização da pesquisa se darão mediante a observação dos aspectos pertencentes ao contexto em estudo e sua interligação com suas teias de significação. Geertz (1989) defende que, numa análise etnográfica, o pesquisador deverá estar atento tanto aos aspectos que compõem o cenário do estudo, quanto à realização de uma interpretação destes, articuladas as nuances e lógicas próprias desse cenário. Desse modo, a descrição etnográfica deverá ser interpretativa de discursos e traços sociais concebidos sempre numa relação ao contexto a que pertencem. Além da observação, o pesquisador poderá recorrer a outras formas de coleta das informações sobre os contextos pesquisados, como por exemplo, entrevistas, depoimentos, análise documental, dentre outros.

## **4.2 O processo de coleta de dados**

Os caminhos trilhados no processo da coleta de dados tiveram início em setembro de 2017, ocorrendo até dezembro do mesmo ano. Durante esse período, foi possível observar de perto como ocorrem os processos de atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, bem como as principais características dos contextos em que elas estão inseridas.

Tendo em vista os pressupostos do método etnográfico, buscou-se adequar os procedimentos de coleta de dados de modo a contemplar o objetivo principal da pesquisa, assim como seus objetivos subjacentes. Nesse sentido, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação participante, entrevistas focalizadas com os gestores das bibliotecas analisadas, bem como a realização de oficinas com os moradores adultos e idosos participantes das ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias. No Quadro 5, situado logo a seguir, apresenta-se a forma como ocorreram as aplicações metodológicas junto aos objetivos do estudo.

Quadro 5 – Aplicações Metodológicas aos Objetivos da Pesquisa

<b>Método</b>	<b>Objetivos da Pesquisa</b>	<b>Forma predominante de coleta de dados</b>
<b>Etnografia</b>	a) Traçar um perfil das comunidades em que se inserem as bibliotecas comunitárias;	Observação Participante
	b) Fazer levantamento nos acervos das bibliotecas comunitárias Criança Feliz e Sorriso da Criança para verificar a existência de obras que auxiliem nas discussões sobre memória e a sua importância para a comunidade;	Observação Participante
	c) Identificar a existência de ações realizadas pelas bibliotecas pesquisadas que promovam as memórias das comunidades em que se inserem;	Observação Participante e Entrevistas
	d) Investigar como se dá a interação entre as bibliotecas e as comunidades, bem como a percepção dos moradores, especialmente os mais antigos, acerca da biblioteca e de sua contribuição para a preservação e difusão da memória local;	Observação Participante e Oficinas
	e) Verificar, junto aos usuários das bibliotecas, como ocorrem as relações de pertencimento e apropriação da biblioteca.	Observação Participante e Oficinas

Fonte: elaborado pela autora.

Como pode ser visto no quadro acima, a observação participante esteve interligada a todos os processos e objetivos da pesquisa. Na etnografia, a observação apresenta-se como instrumento de coleta de dados inerente ao estudo. Porém, quando situada no âmbito desse método, a observação não deve ser realizada de modo passivo, mas, como um movimento de imersão no grupo ou local no qual deve-se “perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo ” (ANGROSINO, 2009, p. 56).

Nesse sentido, durante a pesquisa de campo procurou-se observar e participar dos movimentos realizados pelas bibliotecas comunitárias, bem como, perceber como ocorre o cotidiano delas junto às suas comunidades. Nesse cenário, foi possível investigar acerca da história, questões sociais e principais aspectos do cotidiano. Para isso, no período do estudo, buscou-se diversificar os dias da semana e os horários das visitas às bibliotecas e

comunidades, para assim ter uma melhor perspectiva das dinâmicas ocorridas nesses contextos. Durante esse processo foi mantido um diário de campo, em que foram registrados os principais pontos identificados.

A análise dos acervos das bibliotecas ocorreu com o auxílio dos seus gestores. Por meio deste levantamento foram identificados pontos como: os tipos de materiais, os principais assuntos das obras e a forma de organização dos acervos. Ademais, outros elementos norteadores da análise dos materiais presentes nesses espaços corresponderam também: a existência de obras com tema relacionado à cultura e à memória local, bem como a utilização destas obras nas ações de promoção da memória local.

Para aprofundar nossa pesquisa quanto às bibliotecas e às comunidades, foram realizadas entrevistas focalizadas com os gestores e responsáveis por elas, as quais foram direcionadas a identificar aspectos ligados às comunidades, à história de atuação das bibliotecas comunitárias, principalmente no que se refere à promoção da memória local. No Apêndice A pode ser visto o roteiro norteador das entrevistas.

De acordo com Angrosino (2009) ao ser articulada ao método etnográfico, a entrevista deve possuir natureza interativa, aberta, sendo realizada em profundidade. E, segundo o autor, esse tipo de entrevista “flui interativamente na conversa e acomoda digressões que podem bem abrir rotas de investigação novas, inicialmente não aventadas pelo pesquisador” (ANGROSINO, 2009, p. 62).

Na pesquisa foram realizadas ao todo sete entrevistas (Quadro 6). Na Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança (BCSC) tivemos como participantes a gestora do Projeto Sorriso da Criança e duas mediadoras de leitura da biblioteca. Na Biblioteca Comunitária Criança Feliz (BCCF), os informantes foram: a gestora do Projeto Comunitário Criança Feliz, a arte-educadora do projeto, a bibliotecária e a mediadora de leitura da biblioteca. A escolha desses informantes foi direcionada pelo seu envolvimento direto com as bibliotecas e as atividades desenvolvidas por meio delas.

Quadro 6 – Relação dos Participantes das Entrevistas

<b>Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança</b>	
Entrevista 1 (E1)	Diretora do Projeto Sorriso da Criança
Entrevista 2 (E2)	Mediadora de Leitura
Entrevista 3 (E3)	Mediadora de Leitura
<b>Biblioteca Comunitária Criança Feliz</b>	
Entrevista 4 (E4)	Diretora do Projeto Criança Feliz

Entrevista 5 (E5)	Arte-educadora
Entrevista 6 (E6)	Bibliotecária
Entrevista 7 (E7)	Mediadora de Leitura

Fonte: elaborado pela autora.

Em primeiro momento, se planejou realizar o estudo junto aos moradores adultos e idosos também por meio entrevistas focalizadas. Contudo, tendo em vista as observações realizadas nos contextos, compreendeu-se que a investigação poderia alcançar maior profundidade através da realização de oficinas discursivas junto aos moradores.

O uso de oficinas como ferramentas metodológicas, configura-se pela perspectiva de criação de “espaços dialógicos de trocas simbólicas e a construção de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas” (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33). Porquanto, segundo os autores, o efeito dessas atividades não se limita ao uso que os pesquisadores farão dos dados coletados, mas volta-se também para as potenciais transformações nas práticas discursivas que podem surgir nos contextos. Ademais, os autores definem as oficinas discursivas como práticas que “compreendem maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos sobre fenômenos a sua volta e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 34).

Nessa perspectiva, a utilização de oficinas discursivas como instrumento de coleta de dados junto aos moradores foi guiada por duplo objetivo, em que primeiro corresponde à investigação das percepções dos moradores quanto à biblioteca comunitária e a forma como esta atua no sentido de promoção da memória e cultura local. Enquanto que o segundo, diz respeito à possibilidade de, através das discussões promovidas nesses momentos, ensinar também diálogos e a sensibilização dos moradores quanto a essas questões.

Assim, foram realizadas uma oficina em cada biblioteca, cujo público participante foi composto por moradores adultos e idosos. Na BCSC, os participantes foram quatorze alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na BCCF, o público da oficina contabilizou nove participantes do grupo de bordadeiras “Convivência e Arte” do PROCIF. A escolha desses grupos foi motivada pelo histórico de participação destes nas ações de memória e cultura desenvolvidas pelas bibliotecas, bem como pelo fato deles corresponderem ao principal público-alvo das referidas ações.

A programação das oficinas (Apêndice B), foi dividida em duas partes, na primeira delas buscou-se introduzir o tema memória nas discussões de forma relacionada à temas cotidianos. Nesse momento, foi realizada uma dinâmica em que foram distribuídos

temas diversos aos participantes, os quais foram escritos em papel cartolina. Entre os papéis distribuídos, estavam temas como música, comunidade, infância, família, objetos, entre outros; por meio dos quais os moradores realizaram partilhas de suas recordações e memórias. Na segunda parte, foram realizadas discussões em grupos acerca da percepção quanto à biblioteca comunitária e sua contribuição para o fomento da memória e da cultura local. Na BCSC, como forma de identificação, os grupos receberam nomes de sentimentos: Esperança, Amor, Gratidão e Alegria. Enquanto que na BCCF, os grupos receberam nomes de três tipos de flores, sendo elas: Rosa, Margarida e Girassol. Ademais, no momento de realização da oficina contamos com o auxílio e o apoio das mediadoras de leituras das bibliotecas.

Tendo em vista os aspectos éticos da pesquisa, – que orientam para a garantia de liberdade de participação e de anonimato em pesquisas realizadas com seres humanos – foi solicitado aos participantes das entrevistas e das oficinas que pudessem ler e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). Em observação a esses aspectos, ressalta-se que os nomes dos participantes das entrevistas e oficinas foram mantidos em sigilo.

De maneira articulada aos instrumentos acima descritos, utilizou-se também a técnica da história oral. A escolha de tal técnica se justifica pelo fato desta ser indicada como instrumento ideal para perceber as histórias que geralmente são silenciadas, dos homens e mulheres comuns, ou seja, a história do cotidiano, a história local enraizada (FRANÇOIS, 2014).

De modo específico, a história oral foi utilizada no sentido de identificar questões ligadas aos percursos históricos, às memórias e identidades das comunidades em que as bibliotecas comunitárias estão localizadas, as quais foram percebidas mediante as narrativas dos moradores realizadas durante as ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas. A história oral foi utilizada também por meio da realização das entrevistas com os gestores das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, por meio das quais, foram identificados não só os aspectos ligados à gestão, mas também à história das bibliotecas. Ademais, a história oral esteve presente na realização das oficinas com os moradores adultos e idosos, de modo a explorar juntos a estes, suas memórias individuais e coletivas, bem como a percepção deles quanto à atuação das bibliotecas em relação à memória e cultura local.

É importante ressaltar que, diferente de outros recursos metodológicos, o produto da história oral pode ser apresentado em discursos sem que haja uma linearidade lógica ou temporal, como em depoimentos ou entrevistas, pois, como afirma Connerton (1993),

A história oral dos grupos subordinados irá produzir um outro tipo de história, no qual não só a maioria dos pormenores será diferente, mas em que também a própria construção de formas de sentido obedecerá a um princípio diferente. Irão surgir pormenores diferentes, porque estão incrustados, por assim dizer, numa espécie diferente de ambiente narrativo. Para se reconhecer a existência de uma cultura dos grupos subordinados é essencial vermos que se trata de uma cultura em que as histórias de vida dos seus membros tem um ritmo diferente. (CONNERTON, 1993, p. 24)

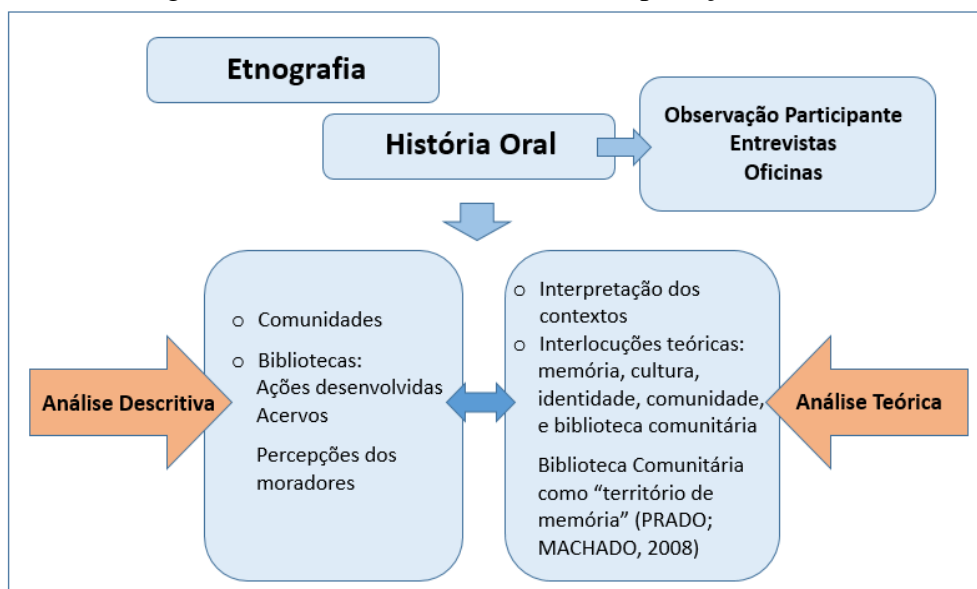
Nesse sentido, ao combinar os aspectos da história oral junto às narrativas dos moradores, das observações e informações coletadas mediante a realização de entrevistas e oficinas, pôde-se encontrar nos fios narrativos de nossos informantes, aspectos relacionados à história e cultura local das bibliotecas comunitárias analisadas. Além desses aspectos, pode-se observar a forma como esses espaços atuam no sentido de promover a memória e a cultura de suas respectivas comunidades.

### **4.3 Apresentação e análise dos dados**

Nas pesquisas de cunho etnográfico, a análise de dados pode nem sempre seguir um modelo específico. Contudo, Angrosino (2009) apresenta duas formas principais de análise de dados que podem ser utilizadas. A primeira delas é a análise descritiva, que seria o processo de “tomar o fluxo de dados e decompô-lo em suas partes constitutivas, em outras palavras, identificar que padrões, regularidades ou temas emergem dos dados ” (2009, p. 90). A segunda forma apresentada, seria a da análise teórica, que se constitui como o processo no qual identificamos nas partes e padrões que encontramos na análise descritiva, os pontos em comum entre os temas e assuntos identificados, bem como as convergências com os aspectos teóricos relacionados ao objeto de estudo.

No tocante a esse estudo, foi utilizada uma combinação dos aspectos de uma análise descritiva e interpretativa, e os pontos pertencentes à base teórica da pesquisa. Na Figura 1, é apresentado um esquema no qual se identifica a forma como as abordagens da análise descritiva e da análise teórica, se fizeram presentes no processo de descrição e interpretação dos dados coletados.

Figura 1 – Processos da Análise e Interpretação dos Dados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa perspectiva, a análise descritiva se ocupou de aspectos como: as comunidades, apresentando de modo específico as características relacionadas à história, questões sociais e informações demográficas dos cenários da pesquisa; as bibliotecas comunitárias analisadas, sobre as quais se averiguou questões relacionadas à história, processos de gestão, os serviços, acervos e ações desenvolvidas – em especial aquelas cujo objetivo volta-se à promoção das memórias locais; e à percepção dos moradores quanto à atuação das bibliotecas.

Entremeada a análise de cunho descritivo, a análise teórica buscou perceber os principais padrões e questões dos contextos pesquisados. Do mesmo modo, foram realizadas interlocuções teóricas junto às nuances, narrativas e informações percebidas no estudo empírico, as quais produziram momentos de diálogo com aspectos conceituais relacionados à memória, cultura e identidade, bem como com o conceito de biblioteca comunitária como “território de memória” de Prado e Machado (2008).

A apresentação da análise foi realizada em dois capítulos, no primeiro deles, o objetivo foi introduzir os contextos dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema, e as principais características das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. No capítulo seguinte, aborda-se acerca do encontro entre memória, biblioteca e comunidade mediado por essas bibliotecas.

## 5 OS CENÁRIOS DA PESQUISA: as comunidades e as bibliotecas comunitárias

*Da terra sai um cheiro bom de vida  
E nossos pés a Ela estão ligados*

*(Ariano Suassuna)*

Em um mundo com características tão globalizantes, a frase destacada na epígrafe deste capítulo parece contrastar com os ares modernos em que as fronteiras se apresentam cada vez mais próximas e interligadas. Contudo, mesmo com todas as tendências atuais, é possível perceber que a liga que nos une à terra, de que Suassuna fala, nada mais é que a cultura e as memórias.

Paulo Freire já dizia que é preciso antes de mais nada lançar um olhar sobre o que está ao nosso redor, estar atento aos cenários e contextos, pois estes “contam” sobre as particularidades e singularidades de cada local, a identidade de cada contexto. Assim, investigar os modos de atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, no que diz respeito à promoção da memória social, ensejou, primeiramente, o conhecimento acerca da história e características das referidas bibliotecas e comunidades no qual estão inseridas.

Sob esta perspectiva, o intuito deste capítulo volta-se a introduzir aos “terrenos” em que ocorrem os encontros entre memória, biblioteca e comunidade, mediados pelas bibliotecas comunitárias objetos desse estudo. Uma vez realizada a introdução aos cenários, será lançado um olhar sobre como ocorrem os processos de promoção da memória e cultura local através desses espaços.

### 5.1 As comunidades dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema

As informações presentes nesta subseção fazem parte dos dados coletados durante a pesquisa participante realizada nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. As referidas bibliotecas estão localizadas, respectivamente, nos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema, ambos situados em regiões periféricas da cidade de Fortaleza. Nesse momento, serão apresentadas as características ligadas à história, às questões sociais, bem como aos dados demográficos dos bairros pesquisados.

Sabe-se que cada bairro, cada comunidade, possuem características próprias que resultam de todo um processo social e histórico. No decorrer da pesquisa nos bairros



Presidente Kennedy e Jardim Iracema, foi possível perceber que cada local carrega em si histórias que se refletem ainda hoje nos aspectos sociais presentes em seus ambientes.

No bairro Presidente Kennedy, duas antigas moradoras revelaram que a localidade já foi chamada de Monte Picuí e pertencia ao distrito da Parangaba. Segundo elas, a formação se deu há aproximadamente sessenta anos, através da ocupação ilegal de um terreno particular. De acordo com uma das moradoras: *“os terrenos eram apossados (ocupados) e só tinha mato. Antes, o problema era a educação porque tinha muita gente e pouca escola. Hoje as dificuldades são as drogas e a falta de segurança.”*

No mesmo sentido, a diretora do Projeto Comunitário Sorriso da Criança também comenta acerca da complexidade que envolve a história do bairro, segundo ela: *“é um bairro tão complexo, porque ele vem de uma ocupação né. A princípio tudo isso aqui é de um único dono, o chão, a terra, então, ninguém tem registro de imóvel.”*

As primeiras casas faziam parte do conjunto habitacional Castelo Branco (Imagem 1), que segundo os testemunhos dos moradores e das responsáveis pela BCSC, tiveram como primeiros moradores, indivíduos migrantes que vieram de zonas rurais do Estado, principalmente de regiões mais afetadas pela seca. Segundo os moradores, no início do bairro não existia calçamento, saneamento e quase nenhum acesso à luz elétrica.

Imagem 1 – Conjunto Habitacional Castelo Branco, Presidente Kennedy



Fonte: Projeto Comunitário Sorriso da Criança (1966).

No capítulo seguinte, ao explorar as memórias compartilhadas nas ações da BCSC, percebe-se que alguns dos moradores participantes desses eventos trazem, ainda, as marcas das histórias vividas no sertão. Sobre esse aspecto, uma das mediadoras de leitura da BCSC conta que, em uma atividade realizada com os alunos do curso EJA, a qual teve como

tema a vida do poeta Patativa do Assaré. Segundo ela, as memórias do passado de alguns dos alunos vieram à tona junto com as cenas de um documentário<sup>2</sup> sobre o poeta:

*[...] eu trouxe a história do Patativa do Assaré, a vida dele, e foi horrível, uma parte desse filme era muita seca, era muita miséria, era muita fome, menina quando eu olhei só tinha uns quatro alunos na sala, eles saíam e já saíam chorando, lembrando do que tinham vivido. [...] um deles disse: tudo aquilo eu vivi. Disse que tinha uma parte lá do filme que lembrava o pai, que era tudo muito seco e ele saía atrás de trazer o alimento pra família, e ele disse que “tava” vendo o pai ali. (Mediadora de Leitura da BCSC, E3)*

Assim, é possível perceber a marca dessa história refletida nas memórias dos moradores. Durante as narrativas realizadas nas ações de memória realizadas pela BCSC, observou-se, ainda, que tais marcas continuam incorporadas às “artes do fazer” e no cotidiano da comunidade. No entanto, se identificou também, que as dinâmicas cotidianas parecem incorporar novos significados, frutos da nova realidade e questões sociais locais.

Com relação à história do bairro Jardim Iracema, foi possível descobrir que ele só foi reconhecido oficialmente no ano de 2010, entretanto, sua história remonta há aproximadamente cinquenta anos. O bairro já foi conhecido pelo nome de Sítio Santo Amaro, e posteriormente Paulistinha. Seu nome atual é uma homenagem à índia Iracema, personagem do escritor cearense José de Alencar.

A história do Jardim Iracema se mistura com a história do seu vizinho, o bairro Padre Andrade. Ao falar sobre a história dos bairros, durante a realização de um dos encontros do projeto Histórias e Quintais, um antigo morador revela que até hoje os limites e fronteiras (territoriais e identitárias) entre estes dois bairros são difíceis de precisar, como pode ser visto no seguinte trecho de seu relato:

*Vocês sabem porque ali se chama Padre Andrade? Porque tinha um padre aqui que se chamava Padre Andrade, ele rezava as missas nos fins de semana, debaixo do velho cajueiro, fazia os casamentos e os batizados. Quando o Padre Andrade morreu afogado, os moradores foram na prefeitura trocar o nome de Buenos Aires pra Padre Andrade. Aí, dois anos depois foi criado os loteamentos do Jardim Iracema, antes era só um nome, foi há uns quatro anos que passou a existir o bairro Jardim Iracema. Uma parte do Jardim Iracema passou a ir até o Padre Andrade. É tanto que uns moradores aqui mais antigos com cinquenta e sessenta anos não querem perder a identidade. (Participante do Histórias e Quintais, dezembro 2017)*

---

<sup>2</sup> Patativa do Assaré: Ave Poesia. Ano de lançamento: 2009.

A narrativa do morador refere-se a forma como a mudança na divisão dos limites entre os bairros Padre Andrade e Jardim Iracema após o reconhecimento oficial deste último, fez com que uma parte do Padre Andrade passasse oficialmente a se chamar Jardim Iracema. Segundo o morador, para os mais antigos essa mudança não reflete na identidade deles, pois, independente do nome discriminado em suas correspondências, se identificam como habitantes do bairro Padre Andrade. O que auxilia em um entendimento acerca daquilo que Candau (2016) reflete sobre a importância da nomeação nos processos da memória e da identidade, segundo o autor, “a mudança de nome é com frequência uma prova real para o sujeito cuja identidade se vê, ao mesmo tempo, ameaçada e colocada em questão.” (CANDAU, 2016, p. 69).

Igualmente às mudanças de nome ao longo de sua história, o cenário do bairro foi passando também por diversas alterações. O morador supracitado revela, ainda, um pouco sobre as características do bairro quando nele chegou em 1958:

*Por aqui tinha muita horta, muito jumento e jegue. Aqui era um lamaçal tão grande, era uma coisa medonha, era quase impenetrável entrar aqui no inverno. Aqui tinha vários campos de futebol. Aqui tinha muito campo e casa de taipa<sup>3</sup>, muita casa de taipa. (Otto, Histórias e Quintais, dezembro de 2017)*

Imagem 2 – Antiga Feira do Jardim Iracema



Fonte: Projeto Comunitário Criança Feliz (1970).

De modo semelhante à história do bairro Presidente Kennedy, a arte-educadora do PROCIF conta que a formação do Jardim Iracema e do bairro vizinho Padre Andrade, ocorreu

<sup>3</sup> Também conhecido como “pau a pique”, uma antiga técnica de construção que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo.

principalmente através da migração de pessoas do interior, segundo ela, os moradores mais antigos,

*[...] falam muito das lembranças que trazem do interior pra cá. E no início esse bairro era um interior, as casas eram de taipa, tinha muito mato, então tudo que elas trouxeram de memória, “tava” tudo lá. Depois teve a chegada de mais gente, foram matando (desmatamento), fazendo as estradas, dando nome às ruas, mas antes o chão era de terra, os preá (roedores) passavam, essa coisa toda né. (Arte-educadora do PROCIF, E5)*

Desse modo, percebe-se que a história dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema está relacionada aos movimentos migratórios no Ceará. Ademais, as falas dos informantes, dialogam com o cenário histórico apresentado no Relatório de Desenvolvimento Econômico do Ceará, o qual informa que nas últimas décadas, entre os anos de 1980 e 2010, houve clara evolução de migrações no Ceará. Iniciando no período da década de 1980, uma nova onda de êxodo rural no estado se direcionou para cidades de médio e grande porte, tendo como destino principal a capital Fortaleza, que no ano de 1991 detinha 1.768.637 de habitantes e, em 2010, esse número passou a ser 2.452.185 (IPECE, 2014).

Esses locais possuem em seu histórico diversas questões sociais e problemáticas que advêm desde a fundação. Segundo os moradores, a estrutura inicial desses bairros era bastante diferente das áreas mais desenvolvidas da capital, sendo semelhante ao cenário de muitas cidades do interior, com casas feitas de taipa, ruas sem pavimentação, saneamento básico, água encanada e luz elétrica.

Em razão dessa e outras problemáticas ligadas à educação, saúde e alimentação, na década de 1980, os bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema, passaram a receber apoio e assistência de projetos sociais oriundos de programas como o *ChildFund* Brasil. Desde o ano 1986 esse programa vem atuando em parceria com cinco projetos comunitários de diferentes bairros da cidade de Fortaleza, são eles: Projeto Comunitário Sorriso da Criança (Presidente Kennedy); Projeto Comunitário Criança Feliz (Jardim Iracema); Projeto Frente Beneficente para Criança (Aerolândia); Projeto Bem-estar Comunitário (Jardim das Oliveiras); Projeto Alegria da Criança (Jurema).

O *ChildFund* Brasil, também conhecido como Fundo Cristão, atua no Brasil desde 1966 como uma organização de desenvolvimento social articulado a projetos sociais com vistas à promoção e o desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens, famílias em situação de risco social. Através de um sistema de apadrinhamento<sup>4</sup>, direciona sua atuação

---

<sup>4</sup> Sistema no qual alguém se dispõe a “apadrinhar” uma criança doando valores mensais que são destinados a um fundo coletivo, o qual é investido em melhorias para a comunidade da criança apadrinhada.

para locais que enfrentam problemas como pobreza, exclusão social, falta de infraestrutura básica, entre outros.

Fundados em 1986, os projetos comunitários “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, localizados, respectivamente, nos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema, vêm atuando de modo articulado ao *ChildFund* Brasil e outras entidades como SESC, SENAC, Instituto C&A de Desenvolvimento Social e a Secretária de Cultura do Ceará. Configurando-se como organizações sem fins lucrativos, esses projetos possuem gestão autônoma, composta por conselhos gestores, formação de quadro de funcionários que prioriza a inserção de moradores do bairro, assim como, a participação das lideranças comunitárias e de voluntários.

A missão do Projeto Comunitário Sorriso da Criança intenciona contribuir para a formação de cidadãos saudáveis e responsáveis, capazes de se reconhecerem como sujeitos de direitos e de transformação. Entre os serviços oferecidos, estão as aulas de karatê, capoeira, violão, canto, dança, artes visuais e informática; e também, a mediação de leitura realizada pela biblioteca comunitária, cursos profissionalizantes e oficinas com temáticas pontuais.

Quanto ao Projeto Comunitário Criança Feliz (PROCIF), sua missão se constitui em: contribuir para o desenvolvimento humano, através da arte-educação, como meio de transformação e formação de valores, envolvendo a comunidade na atuação pela busca de uma cultura de paz. O projeto oferece os seguintes serviços e ações: aulas de balé, violão, flauta, coral, informática, apoio pedagógico, contação de histórias, grupos de bordado e artesanato, o projeto Histórias e Quintais, entre outros.

Segundo a diretoria desses projetos, entre as décadas de 1980 e 1990, o foco de atuação deles esteve voltado para questões assistenciais básicas, como saúde, moradia, educação e alimentação. Sobre esse aspecto, a diretora do Projeto Sorriso da Criança informa que: “*como não tinha nada, há quarenta anos atrás, então se dava tudo, dava comida, dava o médico, dava o remédio.*” E de forma semelhante, a diretora do PROCIF comenta que:

*Na década de 1980 nós trabalhávamos muito com o assistencialismo, com a vinda de demandas da comunidade com origem na saúde, educação, então o projeto lidava muito com essas questões de trabalhar com as necessidades da comunidade, dificuldade de alimentos, medicamentos, fardamento, até casa, habitação.* (Diretora do PROCIF, E4)

De acordo com as entrevistadas, com o passar dos anos, entre a década de 1990 e início dos anos 2000, essas questões foram amenizadas mediante a atuação desses projetos, bem como pela inserção de políticas assistenciais do governo, como o “Bolsa Escola” e o “Bolsa Família”. Desse modo, os projetos comunitários passaram a priorizar a realização de

ações voltadas à educação e à cultura local, dessa forma, neste período surgem as bibliotecas comunitárias presentes hoje nos dois projetos, bem como outras atividades de cunho educacional e cultural, as quais serão abordadas mais adiante.

No cenário atual desses espaços, a problemática do aumento da violência e insegurança tem requerido maior atenção dos projetos. Durante os quatro meses de realização da pesquisa de campo, relatos de ocorrências envolvendo tráfico de drogas e facções do crime organizado, podiam ser ouvidos de forma recorrente entre os moradores e os participantes dos projetos comunitários.

Em busca de mudanças nesses contextos, a missão e os objetivos dos projetos supracitados têm se voltado principalmente ao combate da violência, mediante a promoção da educação, da valorização dos aspectos culturais de suas localidades e pelo fortalecimento dos vínculos comunitários. De modo interligado a esses objetivos, as equipes gestoras dos projetos e bibliotecas comunitárias, informam ainda que: através das ações busca-se promover o senso crítico, a autoestima, a aquisição de novos conhecimentos, bem como os sentidos de integração e corresponsabilidade social.

O posicionamento desses projetos junto às comunidades, enseja a percebê-los como expressões coletivas unidas pelo desejo comum em relação ao desenvolvimento social e segurança em suas localidades. O que faz lembrar a seguinte reflexão de Bauman (2003) acerca da forma como a insegurança existente no mundo pós-moderno fez com que o pertencimento a uma comunidade seja ainda mais necessário.

Parece cada vez mais claro que o conforto de uma existência segura precisa ser procurado por outros meios. A segurança, como todos os outros aspectos da vida humana num mundo inexoravelmente individualizado e privatizado, é uma tarefa que toca cada indivíduo. A “defesa do lugar”, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão de bairro, um “assunto comunitário”. Onde o Estado fracassou, poderá a comunidade [...] fornecer aquele “estar seguro” que o mundo mais extenso claramente conspira para destruir? ” (BAUMAN, 2003, p. 102)

O trabalho conjunto de moradores e funcionários dos projetos e bibliotecas comunitárias analisadas refletem também um dos aspectos que, segundo a perspectiva de Caune (2014, p. 47) caracterizam a existência de uma comunidade, a “dedicação dos esforços individuais em benefício da comunidade, bem como por valores comuns.”

Ademais, essas expressões coletivas parecem formar um tipo de comunidade dentro de outra comunidade, configurando-se como “comunidades simbólicas” ou “artificiais” (BAUMAN, 2003), cujas práticas objetivam fazer com que os indivíduos possam – além de



possuir melhor qualidade de vida – ter maior consciência de seu papel como um sujeito não só de direitos, mas, que também podem interferir em seu contexto social.

O estudo do cotidiano desses bairros conduziu à percepção acerca das diferentes dinâmicas de seus contextos. No decorrer do dia, no Jardim Iracema, pode-se ver apenas a movimentação regular de moradores, enquanto que no Presidente Kennedy, devido à proximidade de avenidas que dão acesso ao terminal de ônibus e também pela presença de um centro comercial de grande porte, foi possível observar grande fluxo de transeuntes no bairro. No final da tarde, porém, em ambos locais, o cenário era bastante semelhante, nas ruas era comum ver moradores (especialmente os idosos) sentados nas calçadas conversando. Rotina essa que, segundo os participantes da pesquisa, vem sendo alterada de forma progressiva pelo contexto de violência que cresce nessas comunidades.

Essa realidade produziu alguns dos desafios presentes na realização desta pesquisa, entre eles, destaca-se a dificuldade da pesquisadora, muitas vezes, de transitar por algumas ruas, o que só foi viável com a companhia de algum funcionário dos projetos comunitários. Vale ainda destacar que, como via de proteção, os funcionários e demais participantes dessas organizações buscavam estar sempre com roupas que identificassem sua pertença ao projeto.

Imagem 3 – Rua Planalto, Presidente Kennedy



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Imagem 4 – Rua Gaudioso de Carvalho, Jardim Iracema



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Destarte, carregadas de muitos outros significados, as comunidades dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema possuem várias particularidades. No capítulo que segue, aprofunda-se um pouco mais acerca dos traços da memória e história desses bairros, reveladas a partir das expressões da memória, cultura e identidade permeadas pela atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”.

No que tange aos dados demográficos, nas informações contidas no último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, a população do Presidente Kennedy correspondia a aproximadamente 23.004 habitantes, distribuídos em cerca de 7.188 domicílios. Com uma quantidade aproximada ao Presidente Kennedy, o bairro Jardim Iracema possuía em torno 23.184 de população habitante, em cerca de 6.878 domicílios. (IBGE, 2010)

Revelando, assim, características populacionais semelhantes, os bairros possuem o maior número de sua população concentrada na faixa de idade entre 20 a 39 anos, grupo esse que corresponde a 36% da população do bairro Presidente Kennedy e 35% no Jardim Iracema. Em seguida, vem os habitantes com idade entre 49 a 64 anos, que correspondem a 28% e 26% no Presidente Kennedy e Jardim Iracema, respectivamente. A faixa etária com menor concentração de habitantes é a de pessoas com 80 anos ou mais, que concentra cerca de 2% da população em cada um dos bairros. (IBGE, 2010)



Quadro 7 – Faixa Etária da População dos Bairros

FAIXA ETÁRIA POPULAÇÃO/Nº DE HABITANTES							
Bairro	1 a 9	10 a 19	20 a 39	40 a 64	65 a 79	80 anos e +	Total
<b>Presidente Kennedy</b>	2.688 (12%)	3.764 (16%)	8.194 (36%)	6.445 (28%)	1.467 (6%)	446 (2%)	<b>23.004</b>
<b>Jardim Iracema</b>	3.249 (14%)	4.047 (17%)	8.230 (35%)	6.014 (26%)	1.294 (6%)	350 (2%)	<b>23.184</b>

Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE (2010)

Os dados da pesquisa realizada pela Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza acerca do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nos bairros da cidade, informam que o IDH do Presidente Kennedy é de 0,42 correspondendo à posição 39 entre os bairros capital. Quanto ao bairro Jardim Iracema, seu IDH é de 0,29 ocupando assim a posição 74 quanto aos demais bairros de Fortaleza. (CEARÁ. Secretaria municipal, 2014)

Este índice corresponde às informações referentes à renda mensal, à educação e à longevidade. Quanto a este último, pode-se perceber no Quadro 6, que em ambos os bairros existem queda na população acima de 65 anos de idade; e que a maioria da população destes locais concentra-se nas idades entre 10 a 64 anos de idade.

No que diz respeito à renda, na pesquisa realizada no ano de 2012 pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), informa-se que a renda média mensal do bairro Presidente Kennedy era de aproximadamente R\$ 778,11. No bairro Jardim Iracema, a renda média mensal corresponde a R\$ 448,19. Nesse período, o índice de extrema pobreza desses locais encontrava-se com porcentagem de 3% no Presidente Kennedy e 4% no Jardim Iracema (IPECE, 2012).

Sobre os índices de alfabetização nesses bairros, as informações do censo realizado no ano de 2010 revelam que, acima dos 10 anos de idade, 95,1% da população do Presidente Kennedy e, 94,2% dos habitantes do Jardim Iracema, encontram-se alfabetizadas. (IBGE, 2010).

No que se refere às atividades econômicas, o bairro Presidente Kennedy possui, principalmente, atividades ligadas a pequenos e grandes comércios, e fábricas de vestuário. Com a chegada recente de um centro comercial de grande porte, a localidade tem passado por diversas mudanças e investimentos mobiliários, principalmente com a construção de apartamentos e condomínios, o que gerou aumento no fluxo de movimentação de pessoas de outros locais no bairro.

Quanto ao Jardim Iracema, suas principais atividades econômicas são os pequenos comércios e confecções de vestuários. Diferente do bairro Presidente Kennedy, o Jardim

Iracema não possui grandes centros comerciais, assim como investimentos imobiliários de grande porte, e dessa forma, configura-se como um bairro essencialmente residencial.

O bairro Presidente Kennedy possui como equipamentos sociais: o Projeto Comunitário Sorriso da Criança; a BCSC; 2 escolas municipais; 1 centro de saúde; 1 quadra de esporte; o campo de futebol Ceará Mirim; e atividades sociais com idosos. No Jardim Iracema, esses equipamentos correspondem ao: Projeto Comunitário Criança Feliz; à BCCF; 5 escolas municipais; 1 creche; 1 centro de saúde; 1 quadra esportiva; e ao Projeto União dos Moradores do Bairro Jardim Iracema.

Entre os equipamentos sociais supracitados, os projetos comunitários Sorriso da Criança e Criança Feliz e suas respectivas bibliotecas, se destacam especialmente pelos âmbitos educacionais e culturais. As discussões que se seguem, orientam a percepção de que a despeito de todo clima de insegurança, de dificuldades e do descaso das entidades governamentais, principalmente no se refere ao incentivo à cultura, essas bibliotecas têm desenvolvido diversas atividades que perpassam os aspectos sociais, educacionais e culturais de suas comunidades.

## **5.2 As bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”**

A literatura acerca da biblioteca comunitária indica quais os principais pontos que caracterizam e dão forma ao conceito desse tipo de biblioteca. Não obstante, as discussões que envolvem o tema, evidenciam que o modo de atuação destas instituições se atualiza de acordo com as dinâmicas e as necessidades intrínsecas ao cenário no qual estão inseridas.

Para nortear a análise e apresentação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, teve-se como ponto de referência o conceito de biblioteca comunitária decorrente da pesquisa de Machado (2008), de modo a promover diálogo com as principais características desses espaços, nas quais estão inclusos os aspectos da criação, gestão, serviços e objetivos desses projetos. No entanto, entendendo a complexidade que envolve cada cenário, foram analisadas, também, outras nuances encontradas nas bibliotecas, a fim de descobrir a dialética de atuação de cada uma.

### **5.2.1 Os caminhos percorridos**

Conhecer os caminhos trilhados por uma biblioteca comunitária oferece a oportunidade de compreender de fato a natureza e a identidade desse tipo de biblioteca. Ao investigar a história de fundação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança

Feliz”, foi possível compreender não somente como se deram seus processos de fundação, mas também a forma como elas se inserem nos aspectos históricos de suas comunidades.

A história da Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança (BCSC) teve início no ano de 2005, no qual, de forma similar a diversas outras bibliotecas comunitárias pelo Brasil, surge como espaço de leitura e de suporte para atividades sociais e educacionais locais. De acordo com uma das entrevistadas, esse espaço surgiu de uma iniciativa do Projeto Sorriso da Criança, sendo descrito por ela como: *“aquela biblioteca que tinha mais livro didático, como tinha reforço escolar então era mais um suporte, para atividade, porque aí os meninos faziam trabalhos escolares.”* (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1).

Segundo a referida entrevistada, foi a partir do ano de 2009 que a BCSC passou a incorporar em sua agenda de atuação, ações de mediações de leitura, teatro e outras atividades de cunho cultural. Em reconhecimento a essas atividades, a biblioteca recebeu os prêmios “Ponto de Leitura” e “Pontinho de Cultura” do governo estadual do Ceará.

O início do percurso da Biblioteca Comunitária Criança Feliz (BCCF) ocorreu de maneira semelhante ao da BCSC. Criada em 1994, a BCCF foi pensada inicialmente como um espaço de promoção de leitura e lazer para o bairro Jardim Iracema e vizinhança, oferecendo também serviços de reforço escolar articulado ao Projeto Comunitário Criança Feliz (PROCIF). A composição do acervo se deu através de doações da própria comunidade, assim como por campanhas de doações de livros, articuladas com o curso de Comunicação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). No ano de 2010, a biblioteca recebeu o prêmio “Ponto de Leitura”.

Desse modo, percebe-se que ambas as bibliotecas são oriundas de iniciativas coletivas internas aos bairros, as quais já atuavam em suas localidades na forma de projetos sociais e comunitários. De acordo com as diretoras desses espaços, a formação das bibliotecas resultou da necessidade de os projetos comunitários ampliarem sua forma de atuação, visando incorporar atividades voltadas à promoção da leitura e cultura, conforme nos revela a gestora do PROCIF: *“a biblioteca surgiu como uma maneira de poder trabalhar um legado maior para a comunidade, legado de educação, de cultura”* (Diretora do PROCIF, E4).

Os responsáveis pela BCSC e a BCCF, indicam como um divisor de águas na história dessas bibliotecas, a criação e participação na Rede de Leitura Jangada Literária, criada em 2012 a partir do edital do programa “Prazer em Ler” do Instituto C&A de Desenvolvimento Social. Atualmente, a rede é composta por dez bibliotecas comunitárias, sendo uma delas situada na cidade de São Gonçalo do Amarante, região metropolitana de Fortaleza.

A partir daí as bibliotecas passaram por diversas mudanças, iniciando pelos seus respectivos acervos, que passaram a privilegiar a inserção de obras literárias, de cunho cultural e informacional. A gestão participativa e a articulação de ações culturais e de leitura foram outros pontos que passaram a ser foco na atuação das bibliotecas. Sobre a importância da Rede Jangada Literária nesse processo, duas participantes da pesquisa relatam que:

*[...] aí deu outro norte, a gente deixou de ser aquela biblioteca comunitária dos livros didáticos que a gente já tinha deixado, mas a gente ainda tinha muito livro didático. [...] Aí foi se trabalhando a questão do espaço, da qualidade do acervo. A questão da formação mesmo na mediação de leitura, porque que era importante a mediação, porque que era importante estar com o livro né, e fazer essa interlocução com a criança. Então foi assim só num crescente né, graças a Deus. (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1)*

*[...] ele veio também pra mudar totalmente a questão assim né, porque a gente pôde comprar mais livros, livros muito bons com o recurso do C&A e do polo jangada. E também os recursos humanos, como eu, e as outras mediadoras né. E ainda bem, porque o projeto não tem como arcar com uma pessoa pra abrir a biblioteca todo dia, de segunda a sexta realmente não tem, infelizmente. (Bibliotecária da BCCS, E6)*

A articulação entre as bibliotecas teve como intuito fortalecer a atuação delas no sentido principal de promover o acesso ao livro, à leitura e à informação em suas comunidades. Para isso, periodicamente, a rede realiza reuniões, seminários, capacitações conjuntas, as quais, envolvem temas ligados à: gestão participativa nas bibliotecas, dinamização de acervo, mediação de leitura, políticas públicas e culturais de leitura, assim como a criação do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB) de Fortaleza.

Ao lançar um olhar sobre os percursos das bibliotecas analisadas, foi possível perceber que eles remontam à própria história e às necessidades de suas localidades. As bibliotecas iniciam como espaços de leitura articulados às iniciativas coletivas, cuja demanda inicial refletia um viés assistencialista, e com o decorrer do tempo, ajudam a fundar um novo modo de atuação de seus respectivos projetos comunitários, buscando oferecer não só ações educativas, mas, também atividades de cunho cultural e lazer para as suas comunidades.

### 5.2.2 Aspectos relacionados à gestão

Nas discussões que permeiam o conceito de biblioteca comunitária, percebe-se que um dos diferenciais desse tipo de biblioteca encontra-se na gestão guiada pelos princípios

participativos, os quais podem ser traduzidos pelos seguintes pontos: no desenvolvimento de alianças com outros projetos comunitários, associações, e lideranças comunitárias; autonomia da biblioteca em relação as esferas públicas e privadas, podendo, no entanto, estabelecer parcerias formais com as mesmas; e pelo trabalho colaborativo dos moradores na gestão e manutenção da biblioteca comunitária (PRADO; MACHADO, 2008).

Em razão do vínculo com projetos comunitários desde suas raízes, a BCSC e a BCCF aderiram a muitos dos aspectos presentes na missão e objetivos deles, os quais buscam, através da promoção dos valores comunitários, gerar o desenvolvimento social e cultural local. Assim, oriundas de iniciativas coletivas internas à comunidade, nas quais a gestão participativa é uma de suas premissas, a BCSC e a BCCF revelam uma atuação que ocorre de forma intrínseca a comunidade em que se inserem.

O movimento de articulação com outros projetos, pôde ser identificado através da participação das referidas bibliotecas na Rede de Leitura Jangada Literária, que por sua vez, promove mensalmente reuniões e formações com os inseridos na rede. Nesses encontros, as bibliotecas planejam ações tanto individuais como conjuntas, compartilham suas experiências e discutem formas inovadoras de promoção da leitura, do livro e da cultura em suas comunidades.

De acordo com os gestores das bibliotecas, a BCSC e a BCCF não estão ligadas diretamente a uma instituição governamental ou privada. Não obstante, eles informam que as bibliotecas possuem parcerias formais na esfera pública, através da Secretária de Cultura do Estado do Ceará (SECULT); e na esfera privada, mediante a parceria estabelecida entre a Rede de Leitura Jangada Literária e o Instituto C&A de Desenvolvimento Social.

Com relação às equipes responsáveis diretamente pela gestão das bibliotecas, na BCSC há a diretora do Projeto Sorriso da Criança e duas mediadoras de leitura. O quadro de colaboradores da BCCF é composto por uma bibliotecária, uma mediadora de leitura, assim como pela diretora do PROCIF.

No tocante ao envolvimento dos moradores nos aspectos ligados à gestão e manutenção das bibliotecas comunitárias pesquisadas, pôde-se identificar que os movimentos de participação ocorrem de diversas maneiras. Na BCSC, por exemplo, o envolvimento comunitário ocorre principalmente por meio da participação voluntária na organização de atividades, bem como, na avaliação e fiscalização das ações da biblioteca.

Uma das mediadoras de leitura da BCSC, informa que os líderes comunitários (compostos em sua maioria por adultos e idosos) são a principal força participativa e

voluntária da biblioteca e do Projeto Comunitário Sorriso da Criança. De acordo com a entrevistada, a participação ocorre do seguinte modo:

*Tem as pessoas que participam das reuniões de lideranças, e cada um fica responsável por tantas ruas, que faz o contato com as famílias. Tem o conselho, que é tipo a diretoria, e tem as lideranças que vai mais além, tipo a gente faz as atividades, e elas mandam os convites, e elas opinam, elas dizem ó isso não tá certo não. [...]E se você maltratar uma pessoa que mora na comunidade, você pode ter certeza que no outro dia a diretora já sabe. Então elas ficam com a parte de fiscalizar, monitorar. (Mediadora de Leitura, E2)*

Outro movimento de colaboração e participação comunitária identificado na BCSC, no decorrer da pesquisa de campo, foi a frequente doação de livros realizada principalmente pelos moradores do bairro. Sobre este aspecto, a gestora do projeto esclarece que no início, as doações eram na maioria de livros didáticos e, que a biblioteca era vista muitas vezes como lugar de descarte desses livros no final do ano letivo. Segundo ela, para que essa realidade mudasse, foi preciso iniciar a reestruturação do acervo da biblioteca, mediante a seleção dos livros que deveriam ou não continuar na biblioteca, dando-se prioridade as obras de cunho cultural e de valor informacional para a comunidade.

Assim, o próximo passo foi conscientizar os moradores acerca dos tipos de livros e obras necessárias ao acervo. Atualmente, os frutos dessa conscientização se tornam perceptíveis nas doações de livros realizadas, as quais correspondem, precipuamente, à obras de cunho literário.

Na BCCF, a gestão participativa manifesta-se, também, de variadas formas, contemplando a doação de tempo dos moradores na realização de trabalho voluntário, bem como a participação dos mesmos nos processos de tomada de decisões. Com relação à abertura e articulação entre a biblioteca e comunidade, a bibliotecária da BCCF elucida que:

*Sim, nós somos muito abertos a comunidade, todas as sugestões, críticas nós ouvimos, tentando melhorar. Por exemplo, horário de mediação da leitura, de atendimento, eles dizem, pode ser assim nesse horário? A mediação pode mudar? E a gente sempre ouve eles, e de acordo com o que a gente pode a gente acata né. (Bibliotecária da BCCF, E6)*

Não obstante, a bibliotecária também revela que as lideranças e voluntários envolvidos com a BCCF formam os elos de comunicação entre a biblioteca e a comunidade e, de acordo com ela, “os voluntários, as lideranças das ruas, elas moram na comunidade, e aí

*fazem o trabalho de entregar convite e de passar algumas informações das atividades do projeto e da biblioteca pra comunidade.”* (Bibliotecária da BCCF, E6)

Durante a pesquisa participante na BCCF, foi possível acompanhar uma reunião, na qual os gestores da biblioteca e do PROCIF, junto aos voluntários e liderança locais, apresentaram relatórios das atividades realizadas nos últimos meses e discutiram propostas com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da biblioteca e do projeto.

O conjunto de experiências vividas no transcurso das observações realizadas nas bibliotecas, demonstraram a existência de vínculos participativos entre os contextos comunitários e suas respectivas bibliotecas. Contudo, em ambos os projetos, os gestores entrevistados relataram a necessidade de maior envolvimento da comunidade, especialmente no que se refere aos processos de tomada de decisão. Segundo eles, aqueles cujo comprometimento é mais evidente, são os adultos e idosos cujos filhos ou netos são atendidos por alguma atividade social desenvolvida pelos projetos e os jovens que possuem histórico de participação nas ações do projeto e da biblioteca.

Em suma, é importante considerar que o movimento participativo no desenvolvimento da biblioteca comunitária influencia diretamente na autonomia comunitária e no compartilhamento de ideias e saberes de seus participantes (CAVALCANTE, 2014). As bibliotecas comunitárias, objetos deste estudo, demonstram abertura e empenho para realização de gestão participativa. No entanto, observa-se nas comunidades pesquisadas que, assim como em outras, as dificuldades quanto ao desenvolvimento de práticas participativas, podem estar relacionadas a um passado de opressão, advindo especialmente dos processos educacionais, políticos e culturais, dificultando a percepção que os indivíduos devem ter como sujeitos protagonistas de sua história (FREIRE, 1984). Dessa forma, torna-se necessário que esses espaços busquem fomentar a *pedagogia participativa* de modo a ressaltar a percepção acerca da importância da biblioteca e, que a sustentabilidade desta depende primeiramente de sua comunidade.

### *5.2.3 Os serviços e os usuários das bibliotecas*

Os serviços e ações desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias configuram-se também como pontos reveladores das características diferenciadoras deste tipo de biblioteca. De modo geral, essas iniciativas buscam ir ao encontro das principais necessidades de sua localidade, como por exemplo a inclusão social e informacional mediante a promoção do acesso ao livro, à leitura e à informação.

Durante a pesquisa, pôde-se identificar como principais serviços e ações oferecidos pelas bibliotecas comunitárias pesquisadas o empréstimo de livros, a consulta local ao acervo, a realização de pesquisas na *internet*, e a mediação de leitura (direcionada ao público infantil). Em ambas bibliotecas, as mediações de leitura ocorrem semanalmente, no período da manhã e da tarde, com a participação de crianças entre 5 a 12 anos. Durante essas atividades realiza-se contação de histórias, leituras compartilhadas, assim como outras atividades como pintura, desenho, música e dança.

Imagem 5 – Mediação de Leitura realizada na BCSC



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Imagem 6 –Mediação de Leitura realizada na BCCF



Fonte: Dados da pesquisa (2018)



O horário de funcionamento da BCSC vai das 8h da manhã às 21h, de segunda à sexta. De acordo com as entrevistadas, esse horário foi estabelecido justamente para adequar-se ao ritmo comunitário, possibilitando que os jovens e adultos que trabalham durante o dia possam utilizar os serviços da biblioteca no período da noite. Com relação ao horário de funcionamento da BCCF, ele inicia-se às 8h00 da manhã, indo até às 17h00, também de segunda à sexta.

Além dos serviços citados, a BCSC oferece atividades esporádicas, como, exibição de filmes, saraus literários e mediações de leituras abertos a participação de todos os moradores. Com periodicidade semestral, a biblioteca realiza, em parceria com a Rede de Leitura Jangada Literária, a atividade “Comu-Lê”, em que são desenvolvidas diversas atividades de cunho cultural. O cenário dessas ações pode corresponder a diversos espaços do bairro, como praças, escolas, ruas e bairros próximos ao projeto.

Como atividade direcionada especialmente ao público adulto e idoso, a BCSC realiza anualmente o evento “Tecendo Memórias”. Contudo, os encontros do evento são abertos à participação de todos e têm como objetivo promover momentos nos quais os moradores possam relembrar memórias coletivas e pessoais, bem como recordar aspectos da história da comunidade.

De forma semelhante, além dos serviços de empréstimos e mediações de leitura, a BCCF busca realizar ações externas ao ambiente da biblioteca e do projeto, atuando em ruas, praças e colégios do bairro. Nesse sentido, destaca-se a atividade “Pé na Rua”, que ocorre semestralmente, tendo como cenário a rua em que está localizado o PROCIF e as mediações próximas a este. Esse evento busca integrar diversas ações e grupos pertencentes ao projeto comunitário, entre eles, a BCCF e outros segmentos ligados à arte, cultura, educação e esporte.

Imagem 7 – Pé na Rua, outubro de 2017



Fonte: dados da pesquisa (2018)

Em parceria com o PROCIF, a BCCF busca ir além dos espaços públicos, adentrando ainda mais comunidade e chegando à intimidade dos quintais das casas, através dos projetos “Quintais com Letrinhas” e “Histórias e Quintais”. O primeiro deles corresponde às ações de mediação de leitura realizadas nos quintais das famílias das crianças usuárias da biblioteca. Quanto ao Histórias e Quintais, o mesmo ocorre diversas vezes no ano, tendo como cenário os quintais das casas do bairro, e tem como intuito promover momentos de encontro e reunião das memórias locais. Esse último, reúne iniciativa de diversos segmentos do PROCIF, sendo eles, a biblioteca comunitária, os grupos de artesanato, música, dança, teatro, entre outros.

De maneira geral, nota-se que a leitura protagoniza as diversas formas de atuação das bibliotecas pesquisadas, especialmente através das atividades de mediação de leitura. Não obstante, nas demais ações desenvolvidas, pôde-se perceber que as bibliotecas buscam inserir atividades de cunho cultural, artístico, de esporte e lazer para a comunidade atuando, muitas vezes, como principais espaços culturais desses locais.

De acordo com as responsáveis pelas bibliotecas, as ações desenvolvidas têm como objetivos promover o acesso à leitura e ao livro, o engajamento social das crianças e dos jovens, e o enraizamento comunitário. Ademais, as bibliotecas buscam fortalecer a relação entre a comunidade e os espaços que a compõe, a exemplo das ações realizadas em ambientes externos às bibliotecas e aos projetos comunitários.

Entretanto, realizar ações em espaços públicos e abertos nesses bairros tem sido um desafio para as duas bibliotecas, visto que nesses locais a violência vem ganhando cada vez mais força, chegando a limitar de certo modo a atuação das mesmas, conforme relatam as entrevistadas:

*A maioria das nossas ações externas, ações da biblioteca, aconteciam lá na Lagoa do Urubu, hoje a agente não pode mais fazer, porque a gente fica com medo de fazer né. Se até o futebol que acontecia na quadra da lagoa né foi suspenso por ordem deles (indivíduos ligados às facções) mesmo, disseram que não podiam garantir. Eles mesmos pediram pra suspender. [...] Tanto que o sarau que os jovens realizaram esse ano né, que ia ser lá, depois a gente acabou transferindo pro polo, aí depois acabou acontecendo foi dentro do shopping. Não era esse o objetivo, o objetivo era um espaço aberto, e então dificulta a convivência. (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1)*

*[...] o que aconteceu foi que teve praticamente uma chacina no Padre Andrade, a gente iria realizar lá um projeto da Combe Literária, nesse dia tava chovendo, foi no início do ano e chovia mais pela manhã, e nesse dia choveu a tarde, choveu duas vezes, choveu e parou, e aí a nossa gestora disse que a gente só ia se parasse de chover porque o evento seria na praça, e justamente nesse local, bem próximo, aconteceu umas seis mortes, e a*

*gente poderia tá lá, e a gente ia levar as crianças né, e foi mesmo um livramento. E hoje a gente não faz mais lá, a gente faz nas escolas, ou num local mais seguro, próximo a biblioteca. (Mediadora de Leitura da BCCF, E7)*

Ao observar o modo de atuação das bibliotecas comunitárias Sorriso da Criança e Criança Feliz, percebe-se que por meio de seus serviços e ações, elas fazem frente às problemáticas locais, atuando, muitas vezes, em demandas que estão (ou deveriam estar) sob a “tutela” do Estado. É importante ressaltar, que a despeito dos problemas ligados à violência, essas bibliotecas não recuam em seus propósitos e continuam buscando a transformação da realidade em que estão inseridas.

Com relação aos usuários das bibliotecas, na BCSC constatou-se que há um relacionamento bastante próximo à comunidade. Durante a pesquisa, pôde-se testemunhar uma recorrência da participação do público infantil, mesmo nos dias em que a mediação de leitura não estava na programação. Nesses dias, as crianças ficam à vontade para consultar as estantes, ler, brincar, ou apenas deitar entre as almofadas disponíveis aos usuários. Os adolescente e jovens frequentam a BCSC principalmente no final da tarde e início da noite.

A frequência do público adulto ocorre principalmente no período da noite. Uma característica bastante perceptível no relacionamento entre esse público e a BCSC é o fato de que eles parecem ver na biblioteca algo além de seus serviços tradicionais, não somente a consulta ao acervo e o empréstimo de livros. Durante as visitas, se observou diversos momentos em que eles frequentavam a biblioteca apenas para conversar ou tirar dúvidas com as mediadoras de leitura. O assunto dessas conversas variava desde questões locais (a violência era assunto recorrente) às questões pessoais e familiares.

De acordo com a mediadora de leitura da BCSC, a biblioteca é vista pelos moradores jovens e adultos como um lugar de referência e apoio para diversas situações e demandas informacionais, como ela mesma destaca no seguinte trecho:

*[...] como por exemplo, naquele dia, você tava até aqui, veio aquele senhor, e pediu pra gente ligar pra Coelce, e a gente ligou e tal. Então assim, pra comunidade a biblioteca ela é um ponto de referência, pra qualquer situação, a gente tá cansada já de tá aqui, e vir alguém pedir pra fazer uma ligação pra determinado órgão, então eles têm, a comunidade tem o conhecimento de que a biblioteca é um ponto de apoio pra ajudar a resolver qualquer situação. (Mediadora de Leitura da BCSC, E3)*

No que se refere à BCCF, seus usuários mais assíduos são as crianças e os jovens, os quais frequentam a biblioteca principalmente em dias de mediação de leitura e de outras

atividades realizadas no PROCIF, como os cursos de dança, música e informática. Quanto à participação do público adulto, foi possível perceber que eles também utilizam os serviços da biblioteca; todavia, sua participação ocorre principalmente através das ações realizadas em ambientes externos à ela, como por exemplo, o projeto Histórias e Quintais e nas edições do evento “Pé na Rua”.

Destarte, muitos outros aspectos podem ser observados nas ações e nos movimentos de participação nas bibliotecas estudadas. Conquanto, foram reservados para o próximo capítulo momentos de maior aprofundamento nos aspectos culturais e identitários que decorrem dessas ações, para os quais, foi destinado um olhar especial para as atividades dos projetos “Tecendo Memórias” e “Histórias e Quintais”.

À guisa das considerações tecidas ao longo deste capítulo, acerca das comunidades e das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, observa-se que nesses espaços existem diversos desafios e questões sociais, envolvendo principalmente a violência e a insegurança. Em decorrência desses aspectos, as referidas bibliotecas evidenciam postura que busca promover a leitura, a inclusão informacional e a participação social mediante sua gestão, serviços e ações desenvolvidas, bem como a valorização dos aspectos ligados à cultura, memória e identidade.

## 6 O ENCONTRO ENTRE MEMÓRIA, BIBLIOTECA E COMUNIDADE

*Prepare o seu coração  
Pras coisas  
Que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão  
E posso não lhe agradar*

*(Geraldo Vandré)*

Ao adentrar no território das memórias, é necessário fazer como a epígrafe convida e preparar o coração, pois, ao visitar nossas lembranças e recordações, é possível também se deparar com diversas sensações e sentimentos. Durante a pesquisa nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, pôde-se presenciar as várias maneiras pelas quais as lembranças podem emergir, percebendo, assim, sua capacidade multiplicadora e dialógica manifestada nas recordações e expressões culturais mediadas por essas bibliotecas.

Através das interlocuções teóricas presentes no aporte teórico deste estudo, foram evidenciadas as formas pelas quais os aspectos da memória e cultura poderão ser potencializados mediante a atuação da biblioteca comunitária. Recordando os pontos elencados por Prado e Machado (2008, p. 10), entende-se que a biblioteca comunitária se transforma em território de memória quando – além de possuir as características principais de seu conceito – atua sobre a localidade da qual faz parte de modo a transformá-la mediante ações sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas concretas de quem dela participa; ao possuir um passado histórico de atuação que revele características socioculturais e políticas que transcendam ao seu acervo existente; e quando atua como um centro cultural local com evidente valorização da ação cultural.

Nesse sentido, este capítulo se ocupa em descrever e interpretar a forma como as bibliotecas comunitárias supracitadas buscam promover as questões da memória e cultura de suas comunidades. Primeiro, são apresentados os movimentos de busca e valorização das memórias e cultura local identificados nessas bibliotecas. Posteriormente, são reveladas as expressões da memória, cultura e identidade, manifestadas por meio dos acervos, das narrativas orais e das ações das bibliotecas. Abordando-se, por fim, a forma como essas questões reverberam no imaginário dos moradores e participantes dessas atividades, bem como as interlocuções existentes entre os pontos observados na pesquisa e a noção de biblioteca comunitária como “território de memória” de Prado e Machado (2008).

## 6.1 Em busca da memória: caracterização das ações de promoção da memória local

O papel cultural da biblioteca comunitária é posto como uma das características intrínsecas de sua atuação, a qual poderá ocorrer de diversos modos, confluindo da dinâmica existente em seus contextos. Essa mediação pode ser evidenciada, de modo especial, pelas ações culturais realizadas nesses espaços, as quais caracterizam-se como importantes indicadores da existência de busca pela cultura, memória e identidade local. (PRADO; MACHADO, 2008; FEITOSA, 2014)

Nesse sentido, foi averiguada a existência de movimentos em busca da memória e da cultura local nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. O resultado evidenciou que as referidas bibliotecas, buscam, a seu modo, realizar o fortalecimento e avivamento das memórias locais, ao mesmo tempo que traçam um diálogo com o cotidiano das comunidades, o qual se manifesta de modo especial por meio de duas atividades culturais: o projeto “Tecendo Memórias”, realizado pela BCSC; e o projeto “Histórias e Quintais”, organizado pelo PROCIF em parceria com a BCCF.

Esta subseção traz como destaque as referidas ações, de modo a descrever as características ligadas à criação, organização e os objetivos dessas atividades, os quais foram identificados por meio de observação participante e de informações coletadas com os organizadores dos projetos.

### 6.1.1 O Projeto Tecendo Memórias

Revelando-se como principal movimento em busca da memória social/coletiva na BCSC, o projeto “Tecendo Memórias” foi criado com o objetivo de promover momentos de partilha de memórias tanto individuais como coletivas dos moradores da comunidade. O projeto surgiu em 2013 como iniciativa de dois mediadores de leituras da BCSC, movidos pelo intuito de promover maior interação entre o público adulto e a biblioteca.

Realizados anualmente (com exceção do ano de 2016), os encontros do projeto Tecendo Memórias são organizados em parceria com grupos pertencentes ao Projeto Sorriso da Criança, trazendo na programação atividades como mediação de leitura, partilhas de memórias e outras atividades de lazer envolvendo música e dança.

Segundo uma das mediadoras de leitura da BCSC, o Tecendo Memórias foi criado no sentido de,

*[...] trazer esse resgate da memória do bairro, da comunidade. Porque foram histórias trazidas por eles né, e das lembranças mesmo da infância. E*

*aí eles procuravam sempre trazer esse link, relacionado à biblioteca, à leitura, o primeiro livro que você leu, e aquela coisa toda. (Mediadora de Leitura da BCSC, E3)*

De acordo com as entrevistadas, nas primeiras edições do projeto, o mote principal dos encontros teve temas relacionados principalmente à infância, envolvendo assuntos lúdicos como as brincadeiras, os jogos e os brinquedos. Ainda, segundo as participantes da pesquisa, a escolha de temas voltados às memórias infantis, esteve relacionada ao objetivo de levar momentos de recordação, lazer e encontro para os moradores adultos e idosos.

Imagem 8 – I Tecendo Memórias



Fonte: acervo da Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança.

No período de realização da pesquisa na biblioteca foi possível participar da quarta edição do Tecendo Memórias, ocorrida em setembro de 2017. Essa edição teve como tema principal a caatinga e o sertão, sendo organizada e realizada por meio da parceria entre a BCSC e os alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), localizado no Projeto Sorriso da Criança. Segundo as entrevistadas, a escolha do tema foi motivada pelo fato de que muitos moradores do bairro são provenientes ou possuem parentes que vieram de zonas interioranas do estado.

No IV Tecendo Memórias, encontramos o cenário do pátio do Projeto Comunitário Sorriso da Criança todo preparado para despertar e compartilhar as lembranças de quem viveu ou já experienciou a vida sertaneja. Antes mesmo do evento ter início, foi possível notar as recordações sendo manifestadas enquanto os moradores chegavam e exploravam o ambiente, no qual, estavam expostos os artesanatos confeccionados pelos alunos do EJA, cuja inspiração adveio das memórias relacionadas ao sertão. No cenário havia,



também, objetos antigos levados pelos moradores para aquele momento; entre os objetos estavam lamparinas, potes usados para colocar água, quadros e fotografias antigas, discos de música, bonecas de pano, entre outros itens.

Imagem 9 – IV Tecendo Memórias



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Naquela noite, reuniram-se por volta de 150 participantes, o encontro contou com idosos, adultos, jovens e crianças do bairro. Entre momentos de mediação de leitura e de partilha de memórias, os moradores adultos, e até mesmo as crianças presentes, ajudaram a tecer diversas histórias e memórias, que os remeteram às lembranças do sertão, ao período da infância dos participantes e, à diversos outros tipos de recordações. A noite encerrou-se com o coral da turma do EJA a cantar músicas de Luiz Gonzaga, canções essas que, pareceram aflorar lembranças nos demais participantes presentes, que juntaram suas vozes ao coral de alunos.

Ao refletir sobre o conjunto de edições do Tecendo Memórias, observa-se que nas primeiras edições, o mote dos encontros estava voltado a levar seus participantes a recordar temas lúdicos ligados à infância. A quarta edição do evento trouxe uma temática que remeteu à origem e identidade de alguns moradores, os quais, relataram ter vivido parte de sua vida no interior do estado. Não obstante, ao explorar mais adiante as narrativas dos participantes, pode-se notar que mesmo com um tema diferente dos primeiros encontros, a maior parte das recordações voltam-se, também, ao período da infância dos depoentes.

Ademais, participar do Tecendo Memórias, conduziu a perceber que além de produzir momentos de recordação para os moradores, o projeto auxilia a tecer também, momentos de encontro, de lazer e cultura entre estes. No contexto atual das comunidades – em que a violência e o tráfico de drogas parecem querer subjugar as possibilidades de



convivência, união e fortalecimento das relações comunitárias – iniciativas como essas formam uma força de combate que vai ao encontro das situações e problemáticas locais.

### 6.1.2 O Projeto Histórias e Quintais

No bairro Jardim Iracema, a busca pelas memórias comunitárias adentrou a intimidade dos quintais do bairro através do projeto Histórias e Quintais, o qual revela-se como sendo o principal movimento de promoção da memória e cultura local. Segundo as informações coletadas nas entrevistas, o Histórias e Quintais nasceu no ano de 2011, como uma iniciativa que reúne os esforços do PROCIF e outros segmentos do projeto, entre eles a BCCF e o grupo de bordadeiras “Convivência e Arte”.

Conforme narra a diretora do PROCIF, o objetivo de criação desse projeto foi promover momentos de encontro e avivamento das memórias e da história local. E, de acordo com ela, outra razão para criação do Histórias e Quintais surgiu,

*[...] da necessidade de nós termos uma maior participação por parte dos pais, os pais geralmente têm muita dificuldade de participar. E aí nós resolvemos ir até eles através de uma ação, dentro de alguns quintais que ainda existem na comunidade. (Diretora do PROCIF, E4)*

Desse modo, percebe-se que de forma semelhante ao projeto Tecendo Memórias, o Histórias e Quintais surge com duplo objetivo, buscando de forma simultânea: promover as memórias comunitárias e atuar como um canal de aproximação do público adulto das comunidades.

No Histórias e Quintais, a preparação de cada encontro envolve, primeiramente, a busca de um quintal do bairro para sua realização. Busca essa, que de acordo com as entrevistadas, se encontra cada vez mais complicada, pois, existem poucos quintais na comunidade com dimensões que possibilitem a realização de um evento para grande número de pessoas. Após a escolha do quintal, é feita uma pesquisa junto à família anfitriã do encontro e dos moradores do entorno, por meio da qual se busca descobrir histórias que possam ser exploradas durante a realização do encontro. Segundo uma das entrevistadas,

*[...] com o passar do tempo, esses quintais foram agregando outras coisas, e é importante dizer, que mesmo trabalhando com as memórias, cada quintal é diferente, porque as histórias são muito ricas, a gente trabalha com a história do dono da casa, com a pessoa que tá ali. E aí a gente fica, ah meu Deus do céu, onde vai ser o próximo quintal, então uma convidada se ofereceu e disse eu quero que o próximo quintal seja na minha casa. Cada quintal as pessoas se ofereciam, elas diziam ah eu quero que seja na minha*

*casa, e tinha realmente o apoio desse grupo.* (Arte-educadora do PROCIF, E5)

A programação desses encontros é marcada principalmente pela partilha de memórias, que ocorre tanto através da oralidade, como também por meio da exposição de objetos, como utensílios domésticos e fotografias das famílias e dos vizinhos. Na programação, existem, ainda, momentos de mediação de leitura, apresentação de dança, teatro, dentre outras coisas.

Segundo conta uma das idealizadoras do projeto, os primeiros encontros do Histórias e Quintais teve como cenário os quintais das casas das mulheres do grupo de bordadeiras “Convivência e Arte”. Sobre as primeiras edições do projeto, ela relata que:

*[...] tinha, também, essa intenção de resgatar essa medicina popular sabe, através da partilha do chá, então tinha aquele momento de partilha dos chás, aí levava bolo, e o dono da casa sempre oferecia alguma coisa né. Aí ela fez também, fez um chá tirado do próprio quintal né. Então a gente falou sobre o que era bom pra isso, como era o bairro no nosso tempo. Aí sim, então outra bordadeira ofereceu seu quintal pra fazer na sua casa, então o segundo quintal, teve também algumas pessoas. Então, cada quintal tinha algum tema, um mote, passou a ter um mote.* (Arte-educadora do PROCIF, E5)

Em suas edições, o projeto reviveu as histórias sobre antigos mitos locais, como, por exemplo, a lenda da “Cobra Isaura”, que segundo o folclore local diz respeito à história de uma jovem chamada Isaura, que era tão bela que causava sentimentos de inveja nas outras moças do bairro. Tal inveja teria culminado em um feitiço que amaldiçoou Isaura a se transformar em uma enorme cobra, que até hoje – segundo dizem – assombra a “Lagoa do Urubu”, situada entre os bairros Jardim Iracema, Padre Andrade, Presidente Kennedy e Floresta.

Além dos mitos e lendas, os encontros buscam relembrar também os artesanatos, os costumes e a memória musical dos bailes antigos. Nesse sentido, em uma das edições do projeto, foi organizado o “Baile nos Quintais”, que segundo a arte-educadora do PROCIF ocorreu, *“à luz de lamparina, então, foi muito bom, porque elas cantavam, e se formavam uns grupos de quatro. Nesse intermédio, tinham as histórias, por exemplo, como era que se cantava, com era naquele tempo, como pra debulhar feijão se cantava né.”* (Arte-educadora do PROCIF)

Imagem 10 – Baile nos Quintais



Fonte: Acervo de documentos do PROCIF.

Durante a realização do estudo de campo, foi possível acompanhar e participar de dois encontros do Histórias e Quintais. O primeiro deles, realizado em setembro de 2017, teve como tema a trajetória do PROCIF junto à comunidade do Jardim Iracema. Para formar uma espécie de linha do tempo, foram expostas fotografias antigas e recentes no varal da anfitriã, nas quais haviam registros das ações do PROCIF. Pelo conjunto de fotografias, nota-se a forma como, em sua primeira década, nos anos 1980, o foco das ações do PROCIF estava voltado ao assistencialismo. Nas imagens relativas aos anos 1990 em diante, observou-se aumento de atividades socioculturais realizadas pelo projeto, refletindo aquilo que as entrevistadas informaram acerca do histórico da BCCF e do PROCIF.

A edição, ocorrida em setembro de 2017, iniciou com os últimos raios de sol da tarde. A abertura do encontro sucedeu-se com músicas e ciranda, passando, posteriormente, à realização de mediações de leitura. Com o crepúsculo, principiaram-se as partilhas de memórias da anfitriã e dos demais convidados e participantes. Crianças, jovens e adultos participaram desse momento e relataram de que forma o projeto auxiliou em vários aspectos de suas trajetórias de vida. Entre as partilhas, houve espaço também para as memórias relacionadas aos “causos” e histórias conhecidas na vizinhança. No final do encontro, foram feitos os agradecimentos da anfitriã e dos organizadores do projeto e, para encerrar a noite, os participantes foram convidados a formar juntos uma grande ciranda.

Imagem 11 – Histórias e Quintais, setembro de 2017



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Diferentemente da edição realizada em setembro, o encontro do História e Quintais realizado no mês de dezembro de 2017, teve como cenário não um quintal, mas o pátio de uma escola pública de ensino médio do bairro Jardim Iracema. O objetivo dessa edição foi levar a esses jovens um pouco sobre a memória da vizinhança em que se encontra o colégio onde estudam.

Seguindo a mesma forma de preparação dos demais encontros, a equipe do projeto colheu informações sobre a história da escola com os moradores mais antigos da rua, a qual foi partilhada pela mediadora do encontro para os alunos, professores e pais presentes. As narrativas daquela tarde ficaram por conta, também, de um convidado especial, um antigo morador e contador de histórias do bairro, que narrou para os presentes alguns fatos sobre a fundação do bairro e das características do ambiente da comunidade no passado. Durante o evento houve, ainda, apresentações dos participantes dos grupos de música, dança, e *hip hop* do PROCIF. Para finalizar, alguns alunos da escola anfitriã apresentaram músicas e poemas.

Imagem 12 – Histórias e Quintais, dezembro de 2017



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Os encontros do Histórias e Quintais, orientam a perceber a existência de um comprometimento com a busca e a promoção da memória e da cultura local; buscando trazer à tona as memórias ligadas à história local, às ruas, aos vizinhos, aos colégios, às músicas, aos mitos e saberes populares. Percebeu-se, ainda, a existência de movimento de integração e promoção das iniciativas de cunho cultural do PROCIF e da BCCF, através das mediações de leitura, dos artesanatos, das danças e músicas apresentadas nesses encontros.

Destarte, como se verá mais adiante, ao explorar as narrativas orais dos participantes dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, percebe-se que esses projetos oferecem não só momentos de encontro entre os moradores, mas, também, a possibilidade de que estes possam ouvir e contar suas próprias histórias. E, por mais simples que essas narrativas pareçam, é preciso considerar a dinâmica maior que decorre desses projetos, pois, ao promover momentos de encontro entre os indivíduos da comunidade, possibilita-se que estes se pronunciem, escutem, e conheçam mais sobre o contexto e as pessoas com as quais convivem.

Com efeito, pode-se dizer que há algo de muito similar ao que Paulo Freire (1984) desejou ver na atuação de uma biblioteca popular. Esta, deve se distanciar de um perfil passivo, devendo contribuir para a formação de cidadãos conscientes de sua história e que se posicionem como sujeitos históricos.

Além desses projetos, pôde-se identificar outros modos pelos quais as bibliotecas pesquisadas promovem os aspectos da memória e cultura local, como por exemplo, a inserção de temáticas ligadas à comunidade nas mediações de leitura, nos saraus e outras atividades das bibliotecas.

Sobre esse aspecto, foi possível presenciar na BCSC uma mediação de leitura realizada proximamente ao dia do *Halloween*, ocasião na qual se realizou uma atividade, que buscou relembrar as memórias das crianças presentes, as lendas populares de assombração e do folclore, entre elas, a lenda da “Loira do banheiro”, a “Mula-sem-cabeça”, e o “Batatão”<sup>5</sup>.

Na BCCF, de acordo com a mediadora de leitura, ao planejar as atividades de mediação de leitura realizadas semanalmente, as equipes buscam incluir temas relacionados às questões sociais, históricas e culturais locais. A entrevistada conta também que, em uma das práticas realizadas na biblioteca, um antigo morador do bairro foi convidado para contar histórias da comunidade para as crianças do grupo de mediação, e segundo ela,

---

<sup>5</sup> Lenda sobre uma bola de fogo que persegue as pessoas em zonas de mata durante a noite. Também conhecido como Boitatá, Fogo-fátuo e Fogo Corredor.

*Ele veio para a biblioteca aqui, ele contou um pouco da história, para as crianças conhecer e valorizar a história do bairro delas, que é o Jardim Iracema, aí contou a lenda da Cobra Isaura, que é uma lenda que diz que existe uma cobra lá na lagoa do urubu. (Mediadora de Leitura da BCCF, E7)*

Outra atividade promotora de memórias locais identificada na BCCF, ocorreu através do projeto “Pé na Rua” realizado em junho de 2017. Nessa edição, foi organizada a “Tenda da Memória”, na qual foi criada uma espécie de túnel do tempo em que foram expostas fotos antigas do bairro, assim como objetos antigos dos moradores, máquinas de escrever e outros utensílios.

Na edição do “Pé na Rua” realizada em outubro de 2017, o evento trouxe a oportunidade de reviver as brincadeiras e jogos da infância. Essa edição teve como tema principal às histórias do personagem “Menino Maluquinho” do escritor Ziraldo e o intuito de fazer com que as crianças e adultos relembassem brincadeiras como “pular corda” e “amarelinha”.

Imagem 13 – Pé na Rua, outubro 2017



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Ademais, é preciso considerar que, para além das ações descritas, existe um “tecer de memórias” permeado no fazer cotidiano dessas bibliotecas comunitárias, a exemplo das memórias leitoras formadas através dos livros lidos ou “ouvidos” nas mediações de leitura, bem como nas comemorações, festas, relações de amizade, encontros, diálogos e sentimentos que se constroem junto à biblioteca.

Isto posto, entre formas explícitas e implícitas, tornou-se perceptível a existência de movimentos em busca das memórias comunitárias presentes nos processos de atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. Traçando um diálogo entre aquilo que se pôde observar nas bibliotecas e os pontos elencados por Prado e Machado



(2008) acerca da biblioteca comunitária como território de memória; pôde-se inferir que a partir de suas ações, esses espaços buscam promover os aspectos culturais das comunidades em que se inserem, de modo a fazer com que os moradores sejam ao mesmo tempo usuários e partícipes das tessituras realizadas nas ações culturais desenvolvidas.

## **6.2 Expressões da memória, cultura e identidade através da biblioteca comunitária**

Historicamente, a função memorial de instituições como bibliotecas, museus e arquivos esteve relacionada à noção da memória como elemento material, presente nos livros, documentos, objetos, obras artísticas, entre outros. Ao atualizar essa noção à biblioteca comunitária, é preciso compreender que diferentemente do sentido da custódia e guarda, nesse tipo de biblioteca, a memória não deve permanecer presa aos livros, mas livre a permear os diversos modos de mediação desses espaços (PRADO; MACHADO, 2008; FEITOSA, 2014).

Há, porém, que se considerar a força que as formas escritas exerceram e exercem no *dever* da memória enquanto elemento social e transformador. A escrita e as demais formas impressas presentes nas bibliotecas, museus e arquivos assumiram, ao longo da história, fortes expressões da memória, cultura e identidade das sociedades. Contudo, é preciso ponderar também que, historicamente, a oralidade antecede a escrita nos processos ligados à memória e à cultura dos grupos e que, mesmo com a profusão das formas impressas e escritas nos contextos sociais, a mesma não deixa de participar desses processos (LE GOFF, 2003; JACOB, 2008; CANDAU, 2016).

Sob esse olhar, foi possível investigar e compreender a multiplicidade de possibilidades decorrentes das expressões da memória, cultura e identidade a emergir da atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”. A pesquisa acerca desses movimentos e processos se deu mediante a realização de entrevistas com os gestores, participação nas ações culturais desenvolvidas e pela realização de levantamento nos acervos das bibliotecas comunitárias pesquisadas.

### **6.2.1 A memória e o acervo da biblioteca comunitária**

A formação do acervo de bibliotecas comunitárias pode ocorrer de diversas formas como doações e compra. E, de acordo com Machado (2008), a noção de qualidade do acervo em oposição à quantidade nem sempre acompanha os processos de seleção dos materiais de informação que irão compor os acervos desses espaços.

Conforme foi visto no percurso histórico da BCSC, durante a formação inicial do acervo da biblioteca, a noção de qualidade em detrimento à quantidade de materiais precisou passar por processo de educação e sensibilização das equipes gestoras e dos moradores do bairro. Nesse sentido, Prado e Machado (2008, p. 4) destacam que,

[...] a importância da biblioteca comunitária não está apenas em ter um grande acervo de livros e documentos em seus diferentes suportes, mas sim, no trabalho de organização, gestão e acesso democrático à leitura, à escrita, à informação e consequentemente ao conhecimento.

Desse modo, independente de possuir grande quantidade de estantes de livros e materiais, a importância do acervo de uma biblioteca comunitária reside na possibilidade de, através deste, promover a localidade em que está inserida, o acesso à leitura, a informação e ao conhecimento.

No que tange aos acervos das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, foi encontrada uma variedade de títulos e obras, os quais são tratados e organizados através da classificação por cores. No acervo da BCSC foram encontradas principalmente obras literárias, informacionais, técnicas, entre outros gêneros, distribuídas em aproximadamente 4.000 livros. Quanto ao acervo da BCCF, foi possível averiguar que ele é composto principalmente por material bibliográfico impresso, reunindo obras literárias, informativas, de referência, dentre outros temas que se distribuem em cerca de 5.000 livros.

Nos levantamentos realizados nesses acervos, foram descobertas obras literárias diversas, reunindo textos da literatura estrangeira, nacional e regional. Dando especial atenção às obras regionais, pôde-se identificar itens cujos temas dialogam com a cultura, história e memória nordestina e cearense. Fazem parte do acervo, escritores e poetas cearenses, entre eles, José de Alencar e Patativa do Assaré. Além desses, encontram-se, também, as histórias de personagens do folclore e das personalidades e “celebridades” da cultura do estado, como “Seu Lunga”<sup>6</sup>, Padre Cícero e até mesmo o “Bode Ioiô”<sup>7</sup>, representados em livros e cordéis.

Durante a participação nos encontros dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, observou-se que algumas das obras dos respectivos acervos são utilizadas nos momentos de mediação de leitura, como forma de potencializar ações de recordação. Na contação de história realizada no IV Tecendo Memórias, por exemplo, foi contada a história

---

<sup>6</sup> Poeta, repentista e vendedor de sucata que residiu em Juazeiro do Norte-CE. Tornou-se um personagem do folclore nordestino conhecido pela falta de paciência nas respostas.

<sup>7</sup> Figura folclórica da cultura popular cearense, que costumava perambular pelas ruas do centro da cidade de Fortaleza-CE, na companhia de boêmios e escritores.



baseada no livro “O Boi Espaço”, de Luiza de Teodoro, cuja história remete à cultura sertaneja.

No que se refere às obras que discorram acerca da história e da memória das comunidades, o levantamento realizado nos acervos da BCSC e da BCCF revelou-se, de modo geral, escasso. No entanto, na BCCF, entre as obras presentes em seu acervo, foi encontrado o cordel intitulado “O Romance de Isaura e João Mimoso”, escrito por Rafael Brito, um jovem poeta e escritor do Jardim Iracema, que por meio deste cordel, transformou a lenda local da “Cobra Isaura” em um romance. Inserimos abaixo um trecho da referida obra:

Foi Isaura uma moça  
 Das mais belas da cidade  
 Comparando o seu olhar  
 Com a lua em claridade  
 Mais bela que um bem-te-vi  
 De tanta formosidade.  
 As moças tinham inveja  
 Daquela beleza infinda  
 Pois entre as moças do bairro  
 Foi de todas a mais linda  
 Todos queriam sua presença  
 Chegando era bem vinda.  
 Mas o tiro da inveja  
 Um dia lhe acertou  
 Pois uma moça do bairro  
 Um feitiço lhe lançou  
 E fez tão bem feito o encanto  
 Que uma cobra se tornou.  
 Disse em poucas palavras  
 Que o encanto quebraria  
 Se um rapaz sincero e forte  
 Cheio de viço e alegria  
 Se apaixonasse por ela  
 E somente assim seria.  
 Isaura, desesperada  
 Sendo encantada chorou  
 E vendo que da beleza  
 Sincera nada sobrou  
 Rastejou mais que de pressa  
 E na lagoa entrou.  
 Daquele dia em diante  
 Ninguém mais viu a beleza  
 Daquela moça tão linda  
 Nascida da natureza  
 Cheia de vida e repleta  
 De garra e de destreza. (BRITO,2017)

O autor do cordel apresenta sua obra como sendo: “uma maneira de manter vivas as histórias do nosso povo, e a memória dos mais velhos.” Para ele, esse cordel possibilita, “mostrar que na comunidade, no subúrbio, tem muito mais do que histórias de violência, fome e tráfico. Nosso povo é um povo rico, e temos que valorizar essa riqueza” (BRITO, 2017).

Contudo, antes de virar cordel, a história da Cobra Isaura esteve presente no imaginário dos antigos moradores do bairro, sendo repassada através da oralidade. Nos encontros do Histórias e Quintais, a lenda já foi revivida pelos testemunhos dos moradores e por meio de peças teatrais (Imagem 14).

Imagem 14 - Histórias e Quintais, dezembro de 2016



Fonte: Acervo de documentos do PROCIF.

Conforme contaram os gestores da BCCF e os moradores da comunidade, tal lenda representa um mito ligado à origem dos bairros situados no entorno da Lagoa do Urubu. Todavia, durante a pesquisa, foi possível perceber que a lenda da “Cobra Isaura” permanece de forma mais evidente no imaginário dos moradores do Jardim Iracema e Padre Andrade. Para Candau (2016), os mitos e lendas antigas, formam um importante indicativo da existência das memórias coletivas. Segundo o autor, “os mitos de origem tem como características serem situados ‘fora do tempo’: há muito tempo, no começo, no tempo do sonho, naquele tempo...” (CANDAU, 2016, p. 96).

Ademais, ao questionar as equipes gestoras das bibliotecas pesquisadas acerca da promoção da memória e cultura local em seus respectivos acervos, duas entrevistadas salientaram que,

*É uma coisa que a gente “tá” até vendo enquanto Jangada Literária, quem sabe no próximo ano fazer a semana da literatura cearense, né, porque a gente conversa com os cordelistas né. A gente tem alguns cordéis né, nós*

*temos alguns grandes escritores, mas espalhados nos seu gêneros e tal. Inclusive é uma coisa que estou até vendo agora com os autores, novos autores das periferias.* (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1)

*A gente sempre buscou valorizar a questão da literatura cearense, que contem assim a história do próprio estado, da Fortaleza antiga, então assim, a gente sempre procura exemplares que possam trazer essa dimensão, essa valorização. E tem muitas escolas que buscam na biblioteca esses livros porque na própria escola eles não tem esse material.* (Diretora do PROCIF, E4)

A bibliotecária da BCCF informou que se encontra em processo de edição um livro que reúne os bordados confeccionados pelas bordadeiras participantes do grupo “Convivência e Arte” do PROCIF. Segundo ela, nesse livro estarão presentes imagens de bordados das memórias das integrantes do grupo em relação ao bairro Jardim Iracema.

Ainda no que diz respeito à promoção da memória através dos acervos, é preciso considerar, também, que além de ajudar a compor a variedade de obras presentes nas bibliotecas, os livros doados pela comunidade promovem outra modalidade de memória a se fazer presente nesses espaços. Isto porque, os livros doados, mesmo passando para outras mãos, fazem parte das memórias de seus primeiros donos e leitores. Desse modo, cabe inferir que a formação do acervo dessas bibliotecas por si só é permeada pelas memórias da comunidade, partilhadas por meio dos livros.

Outrossim, cabe comentar, que a escassez de obras sobre a história e a memória das comunidades nos acervos das bibliotecas pesquisadas, contrastou com as expectativas e premissas que guiaram inicialmente a análise dos acervos, nos quais se esperava encontrar maior número de obras que remetessem à história e à memória local. Porém, ao se aprofundar nas reflexões sobre esse aspecto, torna-se possível traçar algumas considerações. A primeira delas é que, independentemente do que se espera encontrar em uma pesquisa de campo, os dados coletados poderão tanto dialogar, quanto “recusar” às premissas e hipóteses, pois, como bem salienta Certeau (2014, p. 35), quando se trata da cultura ordinária, é preciso estar preparado para “reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto”. A segunda, é que a escassez da materialização de uma escrita da história e memória local nas bibliotecas comunitárias pesquisadas, não significa dizer que exista por parte delas um descaso com esse tipo de memória, e sim, que tal prática ainda não foi incorporada de modo evidente nesses espaços.

Por fim, pode-se considerar, ainda, que por meio de outras vias, a exemplo da oralidade, as bibliotecas e projetos encontram outras maneiras de promoverem e dialogarem com os aspectos da memória e cultura local. O que reflete naquilo que Prado e Machado

(2008, p. 4) indicam como uma das características da biblioteca comunitária como território de memória, a qual, deve revelar uma atuação que, para além dos acervos físicos, evidencia as “narrativas de memória sobre as diferentes experiências das comunidades.” Tal perspectiva, fornece, assim, um cabedal de possibilidades e meios de se expressar e de compreender a memória, a cultura e a identidade local nesses espaços.

### *6.2.2 A memória e a oralidade nas bibliotecas comunitárias*

A oralidade foi por muito tempo o principal meio de transmissão da memória e do conhecimento humano. E mesmo com a criação e a profusão das formas impressas e escrita, não deixou de estar presente nos processos da memória social, especialmente das memórias dos grupos e contextos locais, cuja cultura encontra-se enraizada nas tradições orais (ZUMTHOR, 1993; LE GOFF, 2003).

Ao sondar a existência de ações e movimentos de promoção da memória e cultura local por meio das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz”, a oralidade se destacou como grande protagonista dessas práticas, as quais, ocorrem de modo especial através dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais.

As memórias compartilhadas nesses projetos permeiam diversos elementos da vida cotidiana dos moradores como por exemplo, sentimentos, infância, família, comunidade, objetos, músicas, entre outros. O fio condutor das lembranças partilhadas nesses momentos estava ligado, muitas vezes, a um tema pré-definido para o evento, a exemplo da temática do sertão. Contudo, no decorrer das partilhas, pôde-se observar que os caminhos tomados pelas memórias ficavam a cargo de seus narradores.

No IV Tecendo Memórias, a memória de origem dos participantes do encontro foi instigada inicialmente através de músicas relacionadas ao sertão e à seca. Na abertura do encontro, foi realizada a mediação através da canção “Disparada” de Geraldo Vandré, aquela destacada como epígrafe deste capítulo. E no momento final do evento, o coral do EJA cantou, em conjunto com os demais moradores presentes, a música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga.

Remetendo às dificuldades relacionadas aos cenários do sertão e da caatinga, tais canções foram escolhidas para incorporar a programação do encontro com o objetivo de fazer com que as lembranças musicais dos participantes fossem despertadas junto das memórias de origem dos moradores que viveram nesses cenários.

Associadas às memórias mediadas pela música, as narrativas partilhadas no IV Tecendo Memórias, tiveram também, como elementos mediadores os objetos expostos no cenário do encontro, os quais, foram posicionados com o intuito de fazer ressurgir as lembranças ligadas ao sertão. Entre os objetos presentes, um pote de barro para água, um disco de vinil antigo e uma lamparina<sup>8</sup> fizeram emergir recordações em três participante do encontro, conforme podemos ver nos trechos destacados a seguir:

*[...] aí eu botava o pote assim na cabeça, e teve um dia, que veio vindo um cachorro, eu fui olhar pra atrás e o pote caiu da cabeça. Aí foi é água no chão, cheguei em casa sem a água, e ainda ia apanhar por causa da água que caiu. (Participante do IV Tecendo Memórias)*

*Quando eu era criança, naquele tempo existia aquelas vitrolas à pilha, eu pegava a vitrola e o disco do José Ribeiro, e ora, era bom de mais, eu sentava à beira da lagoa, e os sapos coaxando... era maravilhoso, era bom demais. (Participante do IV Tecendo Memórias)*

*Eu peguei a lamparina, porque, assim, tinha dias lá em casa que nem o gás tinha. Aí, minha mãe pegava esse pavio (da lamparina) e puxava e puxava, pra poder ficar aceso. Aí pronto, tinha dia de a gente ir dormir no escuro. (Participante do IV Tecendo Memórias)*

Imagem 15 – A Recordação e os Objetos



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

No Histórias e Quintais, os objetos também ocuparam lugar entre as lembranças partilhadas pelos moradores, entre as quais, destaca-se a narrativa da anfitriã do encontro realizado em setembro de 2017:

*Eu tava olhando essa panelinha aqui e lembrando que quando eu me casei tinha que economizar, e tudo era pequenininho, porque era só eu e o excelentíssimo (o esposo) né. E as primeiras visitas que vieram na minha*

<sup>8</sup> Também conhecida como lâmpada a óleo.

*casa, gente eu levei uma surra, só o feijão eu tive que fazer umas cinco vezes pra dá um almoço, a frigideira era pequena, tudo era miúdo. Não tinha quase nada, eu tinha cama, tinha guarda-roupa, mas não tinha colchão, comecei desse jeito, e essa é a vida da gente né.* (Anfitriã do Histórias e Quintais, setembro de 2017)

Essas narrativas ensejam a perceber a capacidade dos objetos de produzir lembranças, ao mesmo tempo que aproximam daquilo que Certeau (2014) e Halbwachs (2003) afirmam sobre a influência dos objetos e ambientes nos processos da memória coletiva. Para este último, os referidos elementos, “estão em volta de nós como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos.” (HALBWACHS, 2003, p.158) E de forma semelhante, auxilia a conferir o significado ainda mais latente ao posicionamento de Nora (1993, p.9), quando este advoga que, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.”

Articuladas a objetos como brinquedos e quadros antigos, no IV Tecendo Memórias, parte das lembranças compartilhadas se direcionaram em torno das memórias ligadas ao período da infância, como se percebe nos trechos destacados subsequentemente:

*[...] quando eu era criança eu só brincava com coisa de menino. Eu só brincava de pião, de arraia (pipa) né. Eu nunca na minha vida brinquei de boneca, apesar que tinha umas bonecas de pano, mas eu só gostava de brincar era de pião, e da turma todinha lá do cinco, a que soltava pião melhor era eu, tanto pião como arraia. Então isso aqui né, me lembrou do meu tempo até os meus dezesseis anos.* (Participante do IV Tecendo Memórias)

*[...] gente até os sete anos de idade, mais ou menos, eu morei com a minha avó, minha mãe passava o dia trabalhando e eu só dormia com a minha mãe. Minha vó tinha um quadro e nem era desse tamanho não, era enorme, na parede, e a rede que eu dormia ficava de frente pra esse quadro. Hoje eu conto essa história rindo, mas vocês não têm noção, ficava esse quadro enorme na parede e a minha rede de frente pra esse quadro, e eu jurava que a qualquer momento esses olhos iam mexer, ou alguma coisa iria acontecer, porque mente de criança é fértil, graças a Deus.* (Participante do IV Tecendo Memórias)

Sobre a presença recorrente do tema infância nas narrativas, pondera-se que, o fato deste ter formado o mote principal das outras edições do Tecendo Memórias, tenha, de certo modo, influenciado na forma como os participantes da última edição direcionaram suas recordações e partilhas. Não obstante, pode-se considerar, ainda, que ao configurar-se como elemento comum à vida dos indivíduos, a infância enseja processos de identificação entre os grupos e indivíduos. O que, de acordo com Halbwachs (2003), ocorre, pois “os fatos e ideias

que mais facilmente recordamos são do terreno do comum, [...] porque podemos nos apoiar na memória dos outros.” (HALBWACHS, 2003, p. 66)

Além de evidenciar as memórias da infância nos encontros do Tecendo Memórias e do Histórias e Quintais, foi possível ouvir o depoimento de quem ainda vive sua infância. O teor das partilhas das crianças participantes, remete àquilo que parece ser mais caro e próximo em suas recordações – seus brinquedos e relações familiares e de amizade.

*[...] quando eu era pequenininha, aí a minha mãe sempre comprava boneca de pano, de plástico, e às vezes eu jogava no chão, e ela dizia, menina não faz isso não, isso é muito caro esses brinquedos, quando tu crescer, quando tu tiver maior tu vai ver, tu não vai mais ter brinquedo não. (Criança Participante do IV Tecendo Memórias)*

*Eu vou fazer uma homenagem para a Dona [...]. Eu considero ela como minha vó de sangue, né vó? Eu queria agradecer ela porque quando eu brincava com as meninas, aí a gente brigava né Dona [...]. Aí ela sempre ia resolver nossos problemas, sabe. Aí quando a gente fazia as pazes ela falava: oh glória! Aí depois que a senhora foi lá falar com a gente, a gente prometeu que não iria mais brigar, e a gente cumpriu essa promessa, e a gente estuda no mesmo colégio que é o “Pingo de Gente”. E eu só queria agradecer a vó por deixar eu entrar aqui na sua casa, saber que eu sou bem-vinda aqui, obrigada viu. E é isso, obrigada por ser uma ótima vó pra mim, eu lhe amo. (Criança Participante do Histórias e Quintais, setembro 2017)*

Mesmo evidenciando aspectos que a um primeiro olhar podem parecer simples, é importante considerar que, ao estimular a partilha das memórias das crianças e jovens, enseja-se ao mesmo tempo diálogo entre as memórias das diferentes gerações. Desse modo, possibilita-se o fortalecimento dos vínculos intergeracionais, bem como o posicionamento e participação desses jovens em suas comunidades.

Os vínculos familiares e afetivos demonstraram outra face do caráter coletivo das lembranças partilhadas nas narrativas dos participantes do Tecendo Memórias e do Histórias e Quintais, como se vê nos trechos a seguir.

*Graças a Deus eu entrei numa família abençoada, eu digo que eu não tenho sogra, eu tenho mãe, aí começa daí né, já entrei com o pé direito né. O que eu não tive na minha família, eu recebi na família dele, minhas cunhadas são minhas irmãs, e eu tenho meus filhos, meus netos, e a vida é essa né. (Anfitriã do Histórias e Quintais, setembro 2017)*

*Quando eu era criança, eu sou a mais velha né. Meu pai chegava bêbado, e sempre ele chegava com umas coisinhas no bolsinho né. Aí ele deitava no chão, e aí eu pegava, eu toda vida olhava nos bolsos dele né. Quando foi uma vez, eu encontrei uma banana, e no outro um pé de galinha. O que foi que fiz... a minha mãe plantava verdura, cheiro-verde, e tinha farinha, só o que tinha lá em casa era farinha né. O que foi que eu fiz... peguei o pé de*

*galinha, botei no fogo, com o cheiro-verde, e botei no prato de cada uma das minhas irmãs né, um dedo para uma, um dedo para outra, e a canela pra minha mãe. No final da história eu fiquei só com um caldinho de galinha, mas satisfeita né. (Participante do IV Tecendo Memórias)*

Conquanto, o depoimento da participante do Tecendo Memórias destacado acima, evidencia, também, o aspecto das memórias de cunho negativo, as quais, Candau (2016) nomeia como “memórias das tragédias” ou “memórias do sofrimento”. Na percepção do autor, esse tipo de lembrança configura-se como importante recurso das identidades, pois “deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes e amigos tenham sofrido.” (CANDAU, 2016, p.151)

As narrativas realizadas no projeto Histórias e Quintais, revelam diversas facetas da memória, cultura e identidade das comunidades. No encontro realizado no mês de dezembro, os depoimentos tiveram como tema inicial as memórias ligadas à história do PROCIF e à sua atuação no bairro Jardim Iracema. Dessa forma, ao observar as narrativas dos moradores, torna-se possível compreender que esses relatos misturam aspectos da história e da relação deles com o projeto:

*[...] sou muito grata ao projeto. Eu tô no projeto desde o começo, e eu entrei através da minha sogra, minha sogra mãe. E eu só tenho a agradecer, foi na época que tinha odontologia, os médicos, meus filhos foram muito bem servidos, meu filho recebeu óculos, minha filha recebeu bota ortopédica, ela recebeu um tratamento seríssimo. E fora outras coisas que eu recebi. E eu entrei no projeto num foi pra receber tanta coisa não, claro que é bom né, mas para encontrar novos amigos. É tanto que eu fico tão contente de poder participar, mas eu me lembro de cada momento, de cada pessoa, são pessoas maravilhosas. É muito bom está com quem a gente gosta, e quem gosta gente, zela, eu zelo muito o projeto apesar de eu participar pouco, por causa de doença, e outros motivos, alguns aqui sabem né. (Anfitriã do Histórias e Quintais, setembro de 2017)*

*Quando eu cheguei nesse grupo, esse grupo pra mim ele me ajudou muito, porque eu cheguei num momento muito difícil, com negócio de depressão, e esse grupo me ajudou muito porque lá a gente é muito amiga, a gente conversa, a gente é parceira. A gente pode chegar cheia de problemas, mas lá a gente se diverte, a gente se distrai, e fora o que a gente aprende né, entre nós né, então é muito bom. (Participante do grupo das bordadeiras, Histórias e Quintais, setembro de 2017)*

Os relatos dos depoentes demonstram, assim, a existência de memórias afetivas, laços de amizade a permearem as relações promovidas pelas ações do projeto, demonstrando que o sentimento de gratidão desses participantes vai além dos benefícios e assistência



recebidos. No relato destacado a seguir, uma jovem moradora revela que o sentimento de gratidão gerou nela um movimento de retribuição ao projeto e à comunidade:

*Gente, eu fazia balé com a tia [...] né, e antes de eu fazer balé lá eu já fazia em outros lugares, mas nunca foi como no projeto. E desde que eu entrei no projeto eu comecei a gostar tanto que eu decidi dá aula de balé como voluntária para outras crianças né. Então hoje, por causa do projeto eu consegui tomar essa atitude de ser professora, que é o que eu quero né, ser professora, dá aula de balé e tal. (Jovem Participante do Histórias e Quintais, setembro de 2017)*

A prosa, no entanto, não foi a única forma de expressão da história e gratidão dos moradores em relação ao PROCIF naquela ocasião. O mesmo poeta e escritor do cordel sobre a lenda da Cobra Isaura, citado anteriormente, expressou por meio de um poema, a importância do projeto em sua trajetória de vida, como podemos ver em trecho destacado a seguir:

Eu sempre gostei de contar e de ouvir histórias  
As histórias são meios que encontramos  
Para repassar as nossas lembranças  
Lembranças são pedaços de memórias  
Que lembramos com o coração florido  
Volta e meia a minha esbarra em um passado feliz  
Cheio de cantos e encantos  
Cresci no bairro do Jardim Iracema,  
Tive essa sorte  
Um bairro cheio de história,  
Cinquenta e nove anos de idade  
É quase um senhor que fez da sua vida um livro aberto  
Foi assim que eu comecei, com um violino na mão  
No Projeto Criança Feliz  
O qual apelidei carinhosamente de casinha dos sonhos [...]  
(BRITO, Rafael. Histórias e Quintais, setembro de 2017)

De acordo com Zumthor (1993), a voz possui poder agregador sobre a memória dos grupos, o qual, segundo ele, muitas vezes se sobrepõem à escrita. Não obstante, na perspectiva do autor, as memórias partilhadas através do discurso poético, alcançam nível ainda maior de fecundidade nas memórias coletivas. Nesse sentido, o autor reflete que,

Na medida mesma em que o intérprete empenha assim a totalidade de sua presença com a mensagem poética, sua voz traz o testemunho indubitável da unidade comum. Sua memória descansa sobre uma espécie de ‘memória popular’ [...] O discurso poético se integra por aí ao discurso coletivo, o qual ele clareia e magnifica. (ZUMTHOR, 1993, p. 142)

No Histórias e Quintais, outra porção das narrativas relacionava-se, também, aos “causos” e histórias conhecidas e transmitidas pelos próprios moradores do bairro. No encontro realizado em setembro de 2017, foram narradas duas histórias conhecidas pela vizinhança, sendo apresentadas da seguinte forma pelos participantes:

*A Dona [...] me contou a história que uma vez, chegou uma mulher na casa dela, as filhas dela estavam tudo assistindo “o direito de nascer”. Tava todo mundo assistindo, e a Dona [...] tava escorada na esquina da casa, e aí chegou uma mulher com um menino pequeno chorando nos braços. Aí a mulher disse assim: Dona [...], a senhora num quer criar esse menino não? Aí botou nos braços da Dona [...], e nisso ela ficou dizendo: oh menininho bonito, e num sei o quê. Mas ela disse a mulher: não mulher, eu não quero criar ele não. Pois gente, a mulher deu no pé, correu e deixou o menino nos braços da outra pra criar. Quando o marido chegou, ele ouviu o choro da criança dentro do quarto, aí ele falou: que diabo é isso minha velha? Eu viajei, porque ele viajava vendendo coisa, cheguei e tu já teve menino foi? Não “homi”, botaram nos meus braços e saíram. (Participante do Histórias e Quintais, setembro 2017)*

*Diz que tinham roubado um cordão de ouro, e aí o pessoal (a pessoa que teve o cordão roubado) chegou e veio aqui cobrar o cordão de ouro. Aí a tia do cara que roubou disse assim: meu senhor, eu não tenho nada do meu sobrinho aqui, meu senhor, meu sobrinho não mora aqui comigo. Aí ele disse: é, mas e onde ele mora? Ela disse: ó, o seu cordão de ouro está lá no Padre Andrade. E ele perguntou: mas onde? Está com a Isaura. E quem é essa Isaura? Você vai lá perto da Lagoa do Urubu que todo mundo sabe quem é essa Isaura. E nisso, a mulher tava era com o cordão no pescoço. (Participante do Histórias e Quintais, setembro de 2017)*

E, junto dos “causos”, no Histórias e Quintais pôde-se ouvir também acerca das antigas “celebridades” da comunidade.

*Aqui atrás morava um senhor que fazia santo pra viver, ele esculpia uns santinhos de forma bem peba (simples). Ele botava dentro de uns saquinhos e os meninos iam vender na feira, os filhos dele iam vender na feira. De tarde apurava aquele dinheirinho, que era como comprava comida. Um dia, diz ele, ele teve uma visão, recebeu a visão de um espírito, que disse pra ele que ele tinha que construir um caixão em forma de cruz, isso é verdade, e disse pra ele que ele tinha dormir nele toda noite dentro. Quem me disse isso na época foi a mulher dele, ele já morreu há mais de trinta anos, aliás há quase quarenta anos. Mas toda noite, imagina aí, ele colocava na sua sala um caixão em forma de cruz e dormia gente. E vinha muita gente ver, visitar por curiosidade. (Participante do Histórias e Quintais, dezembro 2017)*

Nesse sentido, percebe-se que as memórias evidenciadas nos relatos acima, dizem respeito principalmente aos moradores e ao cotidiano comunitário. Segundo Feitosa (2014), os habitantes de uma comunidade são seu principal patrimônio, são os responsáveis por formar os “sotaques” da cultura do lugar em que convivem. E como evidenciado nas

narrativas, existem aqueles que parecem ser como “celebridades” locais, ocupando lugar de destaque na cultura local.

Nos encontros do Histórias e Quintais, as vozes mais carregadas de lembranças acerca dos aspectos históricos locais foram as dos moradores idosos. O que, na perspectiva de Feitosa (2014), ocorre porque a memória dos idosos está entre aquelas que testemunharam tempos que não vivemos. Nesse sentido, destaca-se a seguinte narrativa, realizada por um antigo morador do Jardim Iracema:

*Vocês sabem porque ali se chama Padre Andrade? Porque tinha um padre aqui que se chamava Padre Andrade, ele rezava as missas nos fins de semana, debaixo do velho cajueiro, fazia os casamentos e os batizados. Esse padre morreu afogado, e os moradores em homenagem a esse homem foram na prefeitura trocar o nome de Buenos Aires pra Padre Andrade. Aí dois anos depois foi criado os loteamentos do Jardim Iracema, antes era só um nome, foi há uns quatro anos que passou a existir o bairro Jardim Iracema. Uma parte do Jardim Iracema passou a ir até o Padre Andrade, é tanto que uns moradores aqui mais antigos com cinquenta e sessenta anos não querem perder a identidade. (Participante do Histórias e Quintais, dezembro 2017)*

Ao falar sobre a história dos bairros, o morador toca também em importante questão acerca da identidade. Como abordado no capítulo anterior, as mudanças de nome e nas fronteiras entre os bairros Jardim Iracema e Padre Andrade culminaram em um embate em relação à identidade de alguns dos moradores mais antigos. Relacionando esse aspecto às discussões tecidas por Halbwachs (2003), Pollak (1992) e Nora (1993) pode-se aferir que esse embate identitário ocorre de modo mais intenso para esse grupo de moradores devido à carga memorial que carregam em relação aos espaços comunitários em que vivem. O que, por extensão, demonstra o peso que a memória ocupa na identidade comunitária.

Ainda sobre os encontros dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, é preciso relembrar aqueles participantes que apresentaram comportamentos mais silenciosos, preferindo certo anonimato enquanto as partilhas de memórias eram realizadas. O que não significa dizer que estes não possuam também suas próprias recordações e pontos de vista sobre a memória do bairro, posto que, assim como os demais, compartilham das mesmas “teias” de significação de seus cenários. Sobre as pessoas “anônimas” da comunidade, Feitosa (2014, p.115) comenta que “cada uma delas é testemunha desse viver gregário. Cada uma delas ajuda a dar um sentido e uma cara para o lugar e para suas identidades.”

O papel de destaque que a oralidade desempenha nesses projetos, indica importante aspecto da promoção das memórias e tradições locais através das bibliotecas. Isto porque, ao destacar as narrativas orais como principal meio de avivamento e

compartilhamento das memórias, promove-se também as tradições orais, que se configuram como antigas práticas ligadas à memória (LE GOFF, 2003). Ademais, torna-se, ainda, um indicativo de que as bibliotecas comunitárias parecem ir na contramão das tendências contemporâneas em que o registro escrito (ou digital) são indicados como principais meios de difusão da memória humana e social na atualidade. E, ao recordar a perspectiva defendida por Candau (2016), compreende-se que tais tendências podem não refletir de fato o fortalecimento das memórias coletivas, pois, de acordo com o autor, a erosão dessas memórias pode estar intrinsecamente ligada a uma multiplicação quase que vertiginosa das memórias ditas “artificiais”.

Ademais, pelo conjunto de observações expostas, nota-se que as marcas culturais que prevalecem nas ações das bibliotecas comunitárias e seus respectivos projetos, evidenciam expressões artísticas, sociais e culturais das localidades nas quais estão inseridas, evidenciadas mediante: os artesanatos, danças, músicas, apresentações de teatro, mediações de leitura e os testemunhos dos moradores.

Nos relatos apresentados ao longo desta seção, percebe-se que os interlocutores parecem não se preocupar em citar datas ou fatos históricos, apenas contam suas recordações, as quais, mesmo narradas sob perspectivas individuais, transcendem o individual e se juntam às marcas da cultura, da identidade e do cotidiano. O que se assemelha à forma como Connerton (1993) discorre acerca das particularidades presentes na maneira como os grupos conduzem seus relatos acerca de suas histórias e memórias e que, segundo o autor,

[...] irá produzir um outro tipo de história, no qual não só a maioria dos pormenores será diferente, mas em que também a própria construção de formas de sentido obedecerá a um princípio diferente. Irão surgir pormenores diferentes, porque estão incrustados, por assim dizer, numa espécie diferente de ambiente narrativo. Para se reconhecer a existência de uma cultura dos grupos subordinados é essencial vermos que se trata de uma cultura em que as histórias de vida dos seus membros tem um ritmo diferente. (CONNERTON, 1993, p. 24)

Numa mesma perspectiva, permite também identificar algo de similar à forma como Halbwachs (2003), Nora (1993) e Candau (2016) discorrem acerca das diferenças existentes entre história e memória, quando refletem, dentre outros aspectos, que a história se ocupa em esclarecer o passado de modo objetivo e científico, enquanto que a memória deseja instaurar o passado no presente pelo ato da recordação. Nesse sentido, os autores refletem que os atos de memória não estão presos às convenções científicas e metodológicas, mas

decorrem daquilo que impulsiona o ato da recordação, como um objeto, um lugar, as tradições, as narrativas, as lendas etc.

Assim, como se fosse um tear manipulado não por uma, mas por várias mãos, foi possível perceber nos fios das narrativas dos moradores, a capacidade da memória de permear as diferentes “artes do fazer” cotidiano e de se expressar por meio de diversas formas, como livros, vozes, artesanatos, objetos e músicas. Nesse sentido, os projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais parecem ressaltar o que Geertz (1989) revela sobre a cultura como “teias de significação” que são tecidas de forma sempre plural. Isto porque, nesses eventos, independente de um tema ou programação, as memórias compartilhadas tomam os caminhos que desejam e revelam aquilo que desejam revelar. E, com efeito, há nisto um indicativo do que seria de fato a mediação entremeada à cultura local, que se preocupa antes em estabelecer relações com o contexto e não em impor todos os caminhos e direções.

Portanto, torna-se possível afirmar que nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” existe um fazer que dialoga com o conceito de “território de memória” estabelecido nas discussões de Prado e Machado (2008). Haja vista que, ao realizar ações de cunho educacional, social e cultural em suas comunidades, essas bibliotecas buscam atuar como centros culturais nos quais se evidencia a memória e a cultura local, de modo a transcender ao acervo existente em seus espaços.

### **6.3 A biblioteca comunitária e a memória coletiva no imaginário da comunidade**

As discussões elucidadas nas seções anteriores, permitiram identificar nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” a existência de movimentos que objetivam evidenciar os aspectos da memória e cultura local. Nesse sentido, objetivando aprofundar a compreensão sobre a atuação das referidas bibliotecas, foi investigada, através da realização de oficinas, a percepção dos moradores adultos e idosos acerca da contribuição desses espaços para o fomento da memória local. O foco nesses grupos se justifica pelo fato de que eles correspondem ao público-alvo dessas atividades.

Nesse sentido, foi realizada uma oficina em cada biblioteca, cujo público foram os adultos e idosos com histórico de participação nas ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas e que, por sua vez, se relacionam às questões das memórias locais. Na BCSC, participaram da oficina quatorze alunos do EJA do Projeto Sorriso da Criança, enquanto que na BCCF, o público da oficina contabilizou nove participantes do grupo Convivência e Arte

do PROCIF. No Quadro 7 podem ser visualizados os dados de identificação dos participantes, assim como informações acerca do gênero, idade e a forma de envolvimento com o projeto.

Quadro 8 - Caracterização dos Participantes das Oficinas

<b>Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança</b>			
<b>Identificação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Forma de Envolvimento</b>
P1	F	61	Aluno(a) do EJA
P2	F	41	Aluno(a) do EJA
P3	F	60	Aluno(a) do EJA
P4	M	36	Aluno(a) do EJA/Voluntário
P5	F	60	Aluno(a) do EJA
P6	F	45	Aluno(a) do EJA
P7	F	59	Aluno(a) do EJA
P8	F	66	Aluno(a) do EJA/Líder Comunitária
P9	F	60	Aluno(a) do EJA
P10	M	78	Aluno(a) do EJA
P11	F	46	Aluno(a) do EJA
P12	M	33	Aluno(a) do EJA
P13	M	32	Aluno(a) do EJA
P14	F	43	Aluno(a) do EJA
<b>Biblioteca Comunitária Criança Feliz</b>			
<b>Identificação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Forma de Envolvimento</b>
P15	F	69	Grupo Convivência e Arte
P16	F	63	Grupo Convivência e Arte
P17	F	66	Grupo Convivência e Arte
P18	F	62	Grupo Convivência e Arte /Voluntário(a)
P19	F	50	Grupo Convivência e Arte /Voluntário(a)
P20	F	55	Grupo Convivência e Arte
P21	F	63	Grupo Convivência e Arte
P22	F	59	Grupo Convivência e Arte
P23	F	31	Grupo Convivência e Arte /Voluntário(a)

Fonte: Elaborado pela autora.

A programação da oficina foi dividida em duas partes, a primeira delas foi direcionada a introduzir o tema memória aos participantes de forma intrínseca a temas ligados aos contextos cotidianos, por meio de uma dinâmica em que eles realizaram partilhas de suas recordações e memórias. Na segunda parte, foram realizadas discussões em grupos acerca da percepção dos participantes quanto à biblioteca comunitária e sua contribuição para o fomento da memória e da cultura local.

Imagem 16 – Oficina Realizada na Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança.



Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Imagem 17 – Oficina Realizada na Biblioteca Comunitária Criança Feliz



Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Nesse sentido, na primeira atividade, como forma de sensibilizar os participantes aos diversos sentidos da memória, eles foram convidados a partilhar lembranças junto à temas próximos ao cotidiano, como músicas, brincadeiras da infância, comunidade, lugares do bairro, tradições, relações de amizade, família, livros e objetos.

Nas duas oficinas, percebemos que os direcionamentos das partilhas ocorreram de forma semelhante às narrativas realizadas nos encontros dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, evidenciando, principalmente, as memórias e tradições relacionadas à infância, nas quais, os brinquedos tornaram-se os grandes protagonistas dos relatos:

*Eu lembro que eu gostava de brincar com bonequinha de pano, porque a minha mãe não podia comprar e aí ela fazia de pano. E aí ela pegava um pano, enchia com algodão, e os olhinhos fazia de linha preta e a boquinha também com linha vermelha. (P11, 46 anos, BCSC)*

*Uma brincadeira que eu gostava muito quando era criança, era brincar com aquelas bonequinhas de pano, aquelas que a gente mesmo fazia ou a mãe da*

*gente. A gente colocava uns paninhos dentro, aí colocava os olhinhos com botão. E era assim que a gente brincava.* (P15, 69 anos, BCCF)

*Teve um presente que me marcou muito quando eu era criança, eu tinha mais ou menos assim uns dez anos, eu ganhei uma bonequinha, e eu queria muito bem essa boneca, bem mesmo. E um certo tempo essa boneca sumiu, eu fiquei louca, e até hoje queria encontrar essa boneca. Eu ainda gosto de boneca. Eu dou maior valor a boneca.* (P20, 55 anos, BCCF)

Na oficina realizada na BCCF, a participante 19 (50 anos, BCCF) percebendo a capacidade do tema infância de evocar recordações, comenta que: “*se a gente for puxar assunto pela infância, a gente sempre vai ver que tem uma coisa que é muito importante.*” A participante complementa a discussão refletindo acerca das diferenças entre a geração contemporânea de crianças, com relação à época em que viveu a sua infância, acerca disso ela comenta:

*No meu tempo eu lembro que tinha muito brinquedo que a gente não tinha. Mas eu nunca me esqueci que a minha mãe fazia boneca de pano, eu vestia minhas bonecas, eu me lembro a gente fazia as bonecas, era bem pequeninha, mas era tão linda, sentadinha lá na estante. Hoje em dia as crianças “num” querem mais uma bonequinha de pano pra brincar não, quer a Barbie, quer a Pequena Sofia, porque é bonita né? Naquele tempo não, a gente brincava era com as de pano. E se você for dá uma boneca de pano a uma criança hoje ela “num” vai querer.”* (P19, 50 anos, BCCF)

Perspectiva que a participante 18 (63 anos) complementa da seguinte forma: “*Eu tiro pela minha neta, ela diz: eu lá quero essa imundice, e faz é jogar, é desse jeito. Ela brinca com as bonequinhas dela, mas as outras, a bonequinhas de pano, ela não brinca não.*” (P18, 63 anos, BCCF)

Outro ponto gerador de recordações foram as memórias relacionadas à comunidade. Os participantes das oficinas direcionaram suas partilhas de modo relacionado às relações pessoais e familiares. Na BCSC, a participante P8 diz que para ela o que mais importa na comunidade são “*as pessoas, a minha família, eu moro no bairro desde 1974, as minhas filhas nasceram aqui, então, o que mais importa pra mim aqui são as pessoas né, minha família.*” (P8, 66 anos, BCSC).

De forma similar, na BCCF ao falar sobre a comunidade, a participante P19 tem como pontos de referência a infância de sua filha e sua participação no PROCIF.

*Desde pequena eu moro aqui, do Carijó eu vim pra cá. E assim, algo que eu lembro mais daqui, é da infância da minha filha, que quando ela tinha um aninho, eu entrei pra participar do projeto, e estou até hoje. Já fui voluntária, já fui ajudante, então né, eu nunca abandonei o projeto, o projeto nunca me deixou sair totalmente dele. Depois eu entrei como agente*



*de saúde, e tinha a parte social e a gente escolheu trabalhar aqui, participar no projeto.* (P19, 50 anos)

Percebe-se que, ao trazer as memórias relacionadas ao contexto local, os participantes revelam recordações ligadas às suas famílias, demonstrando que, para eles, a relação com o espaço comunitário perpassa também pelas suas relações sociais e familiares. Em outras partilhas, os participantes relembrou ainda as músicas e cantores favoritos, como Maria Betânia e Roberto Carlos, bem como as comidas preferidas, o churrasco e a lasanha feitos aos domingos.

Assim, ao trazer a memória para junto de temas comuns ao dia a dia dos participantes das oficinas, foi possível explorar e demonstrar a capacidade multiplicadora daquela, bem como sua inserção nos diversos âmbitos e assuntos, perpassando tanto as lembranças individuais como coletivas dos grupos e indivíduos.

A segunda parte da oficina foi destinada à discussão em grupos acerca de dois principais aspectos: a importância da biblioteca para a comunidade e a contribuição desta para a promoção da memória e da cultura local. Nesse momento, cada grupo recebeu uma identificação, na BCSC os grupos receberam nomes de sentimentos: Esperança, Amor, Gratidão e Alegria. Enquanto que na BCCF, os grupos receberam nomes de três tipos de flores, foram elas: Rosa, Margarida e Girassol.

Iniciando a discussão acerca da importância da biblioteca, na oficina realizada na BCSC, as percepções dos participantes direcionaram-se especialmente ao viés da promoção da leitura e da educação. Para o grupo Esperança, é possível perceber uma melhora na educação e na leitura das crianças do bairro. Uma das participantes do grupo comenta que, *“é importante a gente fazer isso de ir na biblioteca, ler um livro, distrair a mente, porque ficar só dizendo aí meu Deus, aí meu Deus, não ajuda nada né.”* (P9, 60 anos, BCSC)

De forma semelhante, os grupos Amor, Gratidão e Alegria também refletem acerca da biblioteca de modo articulado à promoção da leitura e educação na comunidade. Para o grupo Gratidão, entre os pontos de melhoria, o principal é o incentivo à leitura. No grupo Alegria, um de seus integrantes, comenta que a leitura, *“é muito importante pra gente poder ser um pouco mais, poder prestar né. E até quando você precisa se expressar em público, você precisa da leitura pra se expressar melhor. Então, tudo isso está sempre relacionado.”* (P2, 41 anos, BCSC)

Ademais, na opinião da participante P9, o Projeto Comunitário Sorriso da Criança e a biblioteca se destacam de forma positiva no bairro, pelo fato de proporcionarem auxílio e benefícios para as famílias, bem como pela característica acolhedora deles.

*É algo que eu acho importante aqui o projeto sorriso, a biblioteca, são muito acolhedores, é muito bom para as famílias, gostam muito de ajudar. Eu acho que o projeto é algo muito elevado sobre todas as coisas, para as crianças, para os pais que precisam trabalhar. (P9, 60 anos, BCSC)*

As percepções explicitadas pelos participantes, vão ao encontro dos testemunhos proferidos pela equipe de responsáveis pela BCSC, quando questionados acerca dos benefícios da atuação da biblioteca para a comunidade. Sobre isso, eles destacaram também a questão da promoção da leitura, especialmente para o público infantil:

*[...] hoje tem criança que quer ler, querem fazer uma leitura compartilhada, elas querem fazer a mediação. E antes, você não percebia isso, tinham medo, mas é porque, na realidade ele, eles não tinham a leitura e a escrita, como parte do dia-a-dia dele. E aí a criança diz assim, hoje eu quero ler, então é um resultado bastante positivo pra mim, o estímulo à leitura. (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1)*

*[...] tem uns pais que diz que o filho ficou mais gostando de ler, e que isso era importante porque quando ela era criança ela não teve essa oportunidade, porque o livro querendo ou não tem um valor caro, porque entre comprar um quilo de arroz e comprar o livro a pessoa vai comprar o que né? (Mediadora de Leitura da BCSC, E2)*

Na BCCF, a opinião dos participantes da oficina acerca da importância da biblioteca para a comunidade, volta-se também à questão do desenvolvimento educacional das crianças e jovens. O grupo das Rosas destaca que o acesso à leitura, possibilitado pela biblioteca, influencia na educação e no conhecimento dos indivíduos. Uma das participantes do grupo comenta também que a biblioteca auxilia na promoção de discussões relacionadas às questões sociais e de acordo com ela: *“isso vai contribuindo pra diminuir a violência, porque a gente discute as questões sociais né. E ajuda muito nessa questão da educação, e da leitura também.” (P16, 63 anos)*

Os grupos Margaridas e Girassol também enxergam na atuação da BCCF a possibilidade de melhora da educação local. Para o grupo Girassol, a BCCF e demais atividades do PROCIF, *“ajudam a melhorar a educação e incentiva a leitura, principalmente para as crianças né.” (P22, 59 anos, BCCF)*

Nesse sentido, a opinião das participantes da oficina se assemelha aos depoimentos dos gestores da BCCF quanto ao aspecto da promoção da leitura e educação mediado pela biblioteca. Em suas considerações, a bibliotecária da BCCF observa a participação dos jovens na biblioteca como forma de evitar a inserção deles no contexto da violência local, no tráfico de drogas e no envolvimento com facções criminosas.

*A gente vê a melhoria na fala, na escrita. E os jovens da comunidade que antes não eram assim envolvidos com nada, e aí eles fazem trabalho voluntário no projeto, na biblioteca, principalmente nesses eventos externos. Porque muitas vezes eles são envolvidos com tráfico, assaltos, infelizmente, mas aí eles podem se envolver com as atividades do projeto.* (Bibliotecária da BCCF, E6)

As considerações dos participantes da pesquisa refletem em pontos identificados nas observações realizadas em campo, as quais permitiram notar que, em ambas as bibliotecas é dada atenção especial à promoção da leitura e inclusão das crianças e jovens em suas atividades. Posicionamento que se justifica pelo fato de que, nos contextos de vulnerabilidade social desses locais, os jovens têm sido os mais afetados, refletindo, assim, em maior demanda de atuação voltada para esse público.

Outrossim, o lugar comum que a relação entre a biblioteca e a leitura ocupa nas falas dos participantes reflete também um imaginário da biblioteca como espaço associado principalmente à leitura e ao conhecimento, percepções essas que advém de outras épocas (JACOB, 2008). Não obstante, a fala dos participantes elucida, ainda, o acesso à leitura e a sua capacidade transformadora, ao associá-la ao desenvolvimento de sua comunidade e de seus indivíduos, de modo especial às crianças.

No que tange às ações de fomento à memória e à cultura local, na BCSC, os participantes relacionam essa questão principalmente ao projeto Tecendo Memórias, em que este é apontado como espaço na qual eles podem relembrar histórias do passado dos moradores e do bairro. Sobre o projeto, o grupo Esperança comenta que através deste é possível:

*[...] aprender e conhecer sobre a história da nossa comunidade, ajuda a relembrar o passado né. É muito bom relembrar nosso passado, tem tantas tradições que a gente poderia aprender, é algo muito bom, maravilhoso.* (P9, 60 anos, BCSC).

De modo similar, o grupo Amor destaca os encontros do Tecendo Memórias como oportunidades de relembrar as tradições da infância e de acordo com uma das participantes: “*a gente conta histórias da época da infância, as brincadeiras, e por exemplo, teve uma moça que lembrou daqueles quadros com fotos antigas que tinha na casa dos avós.*” (P2, 41 anos, BCSC). As participantes do grupo comentam ainda, que o encontro trouxe à tona algumas recordações da infância vivida no interior do Ceará:

*[...] na época, a minha mãe era costureira, aí ela fazia umas bonequinhas de pano, enchia com algodão, ou então com carço, aí a gente brincava, a gente dava até mais valor que as crianças de hoje.* (P8, 66 anos, BCSC)

*[...] eu lembrei de quando, por exemplo, na minha casa, a gente fazia a boneca com a espiga de milho, a gente pegava ele antes de ficar com o caroço, aí fazia a roupa com a casca, e o cabelo era aquele que já tinha nele.* (P1, 61 anos, BCSC)

O grupo Gratidão cita que o projeto traz a possibilidade de aprender sobre a história do bairro e relembrar o passado. Uma das participantes do grupo revela que: *“[...] eu por exemplo, já teve três Tecendo Memórias que eu participo, aí a gente acaba lembrando da nossa infância, de como era sofrida, a gente não tinha brinquedo, nem muita condição né.”* (P1, 61 anos, BCSC)

O grupo Alegria concorda com os demais, entretanto, um de seus participantes faz a seguinte ressalva: *“depende do passado né, o que é bom, a gente precisa se reunir pra relembrar o que é bom né.”* (P6, 46 anos, BCSC)

De modo geral, pôde-se identificar que as opiniões dos participantes sobre o Tecendo Memórias estão em consonância com os objetivos pelos quais o projeto foi criado, conforme informou uma das mediadoras de leitura da BCSC:

*E aí o Tecendo Memórias foi criado justamente para isso, pra resgatar as memórias dessas pessoas que participam, tanto da comunidade, como de outros grupos. Trazer esse resgate da memória do bairro, da comunidade. Porque foram histórias trazidas por eles né, e das lembranças mesmo da infância.* (Mediadora de Leitura da BCSC, E3)

No que concerne à percepção dos participantes da BCSC acerca dos benefícios decorrentes de ações como o Tecendo Memórias, os grupos citam que além da possibilidade de aprender e conhecer sobre a história local, o projeto oferece momentos de lazer e de convívio entre as famílias e as diferentes gerações da comunidade.

O grupo Esperança comenta que os encontros do Tecendo Memórias e outras atividades promovidas pela biblioteca contribuem para o fortalecimento do convívio entre os moradores do bairro. De forma semelhante, os grupos Amor e Gratidão salientam que os encontros do projeto influenciam positivamente no fortalecimento dos vínculos de amizade da comunidade, o que, segundo eles, é uma questão bastante importante a se trabalhar, devido ao contexto de violência presente no local. Nesse sentido, a participante P6 (45 anos) reflete que ao promover esses aspectos, auxilia-se na diminuição da violência, que de acordo com ela,

*[...] a violência tá muito forte no meio do mundo né. Porque aqui, às vezes uma pessoa nova é que morre cedo, e o idoso já vive mais, porque não tá envolvido com essas coisas de facção, de droga, essas coisas que gera a violência.* (P6, 45 anos)

O grupo Alegria cita a possibilidade de haver uma convivência entre as gerações. Segundo uma das participantes do grupo, *“é importante a gente se entrosar, e porque muitas vezes o mais novo não quer respeitar os direitos dos mais velhos.”* (P6, 45 anos, BCSC) E sobre isso, outro participante do grupo comenta que: *“é importante também que os mais velhos também vejam os direitos dos mais novos, vice-versa, né.”* (P3, 60 anos, BCSC)

Nesse ponto, a fala dos participantes da oficina vai ao encontro de outro viés de atuação do Projeto Comunitário Sorriso da Criança e da biblioteca comunitária, o qual diz respeito à promoção de atividades intergeracionais com o intuito de fortalecer o enraizamento comunitário. De acordo com a diretora do projeto,

*Os momentos dos encontros intergeracionais aqui, eu considero superimportante, porque é nesse momento que eles podem se ver e se ouvir. Na maioria das vezes eles não se veem e não se ouvem. Aí dessa forma, a gente também tá trabalhando o enraizamento comunitário né, para as pessoas se perceberem e valorizarem onde elas estão, de onde elas vieram.* (Diretora do Projeto Sorriso da Criança, E1)

Na BCCF, as opiniões das participantes da oficina direcionam-se para a questão do fomento à memória e cultura local, de modo especial ao projeto Histórias e Quintais. Segundo o grupo Girassol, através dos encontros do projeto, a biblioteca e o PROCIF ajudam a relembrar o passado e as tradições locais.

De modo similar, os grupos Rosas e Margaridas fazem referência ao projeto Histórias e Quintais, citando a possibilidade de através deste, conhecer e relembrar as lendas e mitos locais. Duas participantes dos grupos relembram a lenda da Cobra Isaura que, de acordo com elas, foi apresentada pelos moradores nos encontros do projeto.

*[...] teve uma vez que a gente foi na casa da [...] e aí gente conheceu a história da Cobra Isaura né, e como a da Isaura tem muitas outras né, que os moradores mais antigos contam, e aí gente aprende muito né.* (P16, 63 anos, BCCF)

*[...] o pessoal conta a história da Cobra Isaura, que começou lá no Padre Andrade. E assim, é uma história longa, que os primeiros moradores contavam a história da Isaura, e é contada até hoje, e a história da Isaura nunca morreu, foi uma das primeiras moradoras da comunidade que contou.* (P19, 50 anos, BCCF)

Além das lendas e mitos locais, os grupos revelam que os encontros relembram também outras questões da história local, como por exemplo, as alterações no ambiente do bairro ao longo tempo e as histórias dos moradores antigos. Outro ponto destacado pelas

participantes, é possibilidade de expressar e expor as memórias pelos artesanatos realizados por elas.

Nesse sentido, a fala das participantes conflui ao sentido daquilo que foi dito por uma das organizadoras do Histórias e Quintais acerca dos objetivos do projeto. De acordo com ela, o projeto tem como intuito levar a arte, a memória e a cultura para os diversos espaços do bairro, visto que,

*[...] a arte é uma condição especial nesse mundo, ela tem uma missão de elevar né. Então o quintal leva a arte, levando a arte ele trabalha também a memória. Quando você aguça a memória, as boas memórias, é como se você acordasse alguma coisa em você que estava sem vida, e você dá vida. (Arte-educadora do PROCIF, E5)*

No que diz respeito aos benefícios decorrentes do projeto, os grupos citam especialmente a promoção de momentos de encontro. As Margaridas destacam as ações do projeto como oportunidades de conhecer novas pessoas e travar novos relacionamentos. Para o grupo das Rosas, o projeto oferece, também, a oportunidade para que as crianças e os jovens possam conhecer a história local. De acordo com a participante 16,

*[...] os jovens são muito interessados em outras coisas, muito bons em tecnologia, mas não tem conhecimento das histórias do passado, que eles não sabem ainda, e é por isso que é preciso interagir os mais novos com os mais velhos. E é uma das questões mais importante que é a união né. (P16, 63 anos, BCCF)*

A opinião da participante vai ao encontro da narrativa realizada por um morador idoso da comunidade, na ocasião do Histórias e Quintais realizado em dezembro de 2017. Na opinião deste morador, “*se o povo não conhece sua cultura e seu lugar, não é povo. Você precisa ouvir a história do seu avô, bisavô, pra ter uma história pra contar pros seus filhos.*” (Participante do Histórias e Quintais, dezembro 2017).

A percepção desses moradores expressa entendimento acerca da importância de as novas gerações conhecerem a história do lugar no qual vivem. Sentido esse, que vai ao encontro de discussões de teóricos contemporâneos acerca do lugar que a memória social ocupa no cenário atual, em que os pontos referenciais das memórias e tradições têm se modificado junto às novas gerações. Algo que Candau (2016) diz ser próprio das transformações do “jogo identitário”, posto que os processos de identificação se adequam ao contexto histórico e social, em que cada geração ao mesmo tempo que perde pontos referenciais de memória e identidade, passa também a receber outros.

De modo geral, nota-se que as opiniões expressadas em ambas oficinas convergem para o sentido da contribuição de suas respectivas bibliotecas comunitárias quanto ao fomento da leitura e da memória local. Ademais, as percepções dos moradores parecem ocorrer de maneira articulada ao sentido gregário da memória, quando indicam as ações dos projetos como atividades que ensejam sentimentos de união e pertencimento. Tais percepções, dialogam com as noções atribuídas a memória como elemento agregador dos grupos, as quais são defendidas por estudiosos como Halbwachs (2003), Nora (1993), Le Goff (2003), Candau (2016) e realçadas pelas seguintes palavras de Certeau (2014, p. 151):

Talvez a memória seja aliás apenas essa “rememoração” ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo há muito tempo alterado já mais sem o saber. Essa escritura originária e secreta “sairia” aos poucos, onde fosse atingida pelos toques. Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro. (CERTEAU, 2014, p. 151, grifo nosso)

As interlocuções realizadas junto aos moradores e usuários das bibliotecas, e as diversas práticas de promoção da memória e cultura local presenciadas no transcorrer da pesquisa, permitiram perceber quão ricas e dinâmicas podem ser as iniciativas ligadas a esses espaços. Permitindo, também, traçar importante diálogo com os aspectos teóricos da memória, cultura e identidade, bem como com o papel cultural das bibliotecas comunitárias.

#### **6.4 Interlocuções com o conceito de território de memória**

O conceito de biblioteca comunitária como “território de memória” estabelecido por Prado e Machado (2008), enseja a percepção das diversas possibilidades presentes nesses espaços. Entretanto, a marca principal desse conceito volta a atuar para promover as questões ligadas à cultura, memória e aspectos sociais dos contextos em que se inserem esses projetos.

Os nove pontos elencados pelos referidos autores, para identificar a biblioteca comunitária como “território de memória”, possibilitam a compreensão deles sob três principais aspectos ou eixos temáticos, a saber: criação, localização e natureza da biblioteca; gestão e participação comunitária; e a promoção da memória, cultura e identidade local. No Quadro 9, é possível verificar de que maneira os pontos foram alocados de acordo com os aspectos principais dos mesmos.

**Quadro 9 – Aspectos da Biblioteca Comunitária como Território de Memória**

<b>ASPECTOS GERAIS</b>	<b>PONTOS ESPECÍFICOS</b>
<b>I – Criação, localização e natureza da biblioteca.</b>	Estar localizada em regiões periféricas seja na zona urbana ou na zona rural;
	Ter sido criada horizontalmente, pela e não apenas por uma pessoa física ou jurídica da comunidade. Em outras palavras, pela vontade e iniciativa própria da comunidade;
	Não ser uma instituição governamental e nem ter subordinação direta com a esfera pública tanto municipal, quanto estadual ou federal, a não ser de parcerias formais.
<b>II – Gestão e participação comunitária.</b>	Se apresentar como um espaço público, aberto à participação ampla e democrática da comunidade e ao acesso à informação, à leitura, ao livro e a quaisquer outros instrumentos informacionais nela existentes;
	Não deve ter vínculo, nem tampouco restrição a qualquer tendência política, ideologia e/ou religiosa, e sobretudo não ser utilizada exclusivamente para benefício próprio de um indivíduo ou do grupo que a dirige;
	Deve seguir os princípios da gestão participativa, estabelecendo articulações locais no sentido de fortalecer sistematicamente os vínculos com a comunidade.
<b>III – Promoção da Memória, Cultura e Identidade local.</b>	Considerar a biblioteca comunitária como território de memória (ou de cidadania) o espaço material dinâmico que se transforma mediante as ações sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas concretas de quem dela participa;
	Ter um passado histórico de atuação que revele características socioculturais e políticas que transcendam ao seu acervo existente;
	Atuar como um centro cultural local com evidente valorização da ação cultural.

Fonte: Elaborado com base em Prado e Machado (2008).

Ao entrelaçar as observações e informações coletadas nas bibliotecas pesquisadas à perspectiva de “território de memória”, foi possível compreender que as bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” possuem pontos semelhantes aos principais aspectos do conceito.

Com relação à criação, localização e natureza das bibliotecas, identificou-se que elas foram criadas por meio de iniciativas coletivas internas à comunidade, inicialmente voltadas a um viés educacional, que com o decorrer do tempo passaram a incorporar ações culturais em suas agendas de atuação. As referidas bibliotecas se encontram em bairros localizados nas zonas periféricas da cidade de Fortaleza, os quais possuem problemáticas sociais que advêm desde a fundação dos bairros. Quanto à natureza das bibliotecas,



averiguou-se que elas se caracterizam como projetos sociais sem fins lucrativos, de modo independente das esferas públicas e privadas.

No que tange à gestão e participação comunitária, as bibliotecas analisadas demonstram empenho em promover uma gestão participativa. Na BCSC, essa questão se efetiva principalmente na colaboração de voluntários locais nas ações da biblioteca, bem como na avaliação e fiscalização do modo de atuação desta. Na BCCF, pôde-se observar que a existência de processos participativos por meio de trabalho voluntário nas ações desenvolvidas pela biblioteca, na comunicação com os moradores, e ainda na tomada de decisões. No entanto, em ambas bibliotecas as equipes gestoras indicaram ser necessário um maior envolvimento comunitário nos processos de tomada de decisão da biblioteca. Com relação aos processos de articulação com outras instituições, identifica-se inicialmente os projetos comunitários nos quais as bibliotecas estão inseridas, como a principal forma de articulação desses espaços. Não obstante, a participação das bibliotecas na Rede de Leitura Jangada Literária caracteriza-se como um forte elo que une a atuação e o gerenciamento entre as bibliotecas pesquisadas. Ademais, esses espaços possuem parcerias formais com as secretarias de cultura do estado e do município, e com o Instituto C&A de Desenvolvimento Social, entre outros.

A promoção da memória, cultura e identidade local evidencia-se especialmente através das atividades dos projetos “Tecendo Memórias” e “Histórias e Quintais”. Nos encontros desses projetos, nota-se que através da oralidade e demais expressões artísticas desenvolvidas neles, realiza-se uma busca pelas memórias comunitárias, principalmente aquelas ligadas aos cotidianos dos moradores. Tais memórias envolvem temas como, a origem dos indivíduos, a memória musical, a infância, as lendas, as histórias dos antigos moradores do bairro, entre outras coisas. Ademais, verifica-se outros modos de promoção da memória e cultura local por meio das mediações de leitura realizadas nesses espaços, e demais atividades, a exemplo da ação Pé na Rua, realizada pelo PROCIF em parceria com a BCCF. No Quadro 10, apresentado logo abaixo, observa-se os pontos identificados nas bibliotecas situados sob os aspectos principais do conceito de território de memória.

**Quadro 10** – Aproximações com o conceito “Território de Memória”.

<b>I – Criação, localização e natureza da biblioteca</b>	
<b>BCSC</b>	<b>BCCF</b>
Iniciativa coletiva interna à comunidade; Localização em zona periférica urbana;	Iniciativa coletiva interna à comunidade; Localização em zona periférica urbana;

Projeto social sem fins lucrativos.	Projeto social sem fins lucrativos.
<b>II – Gestão e Participação Comunitária</b>	
<b>BCSC</b>	<b>BCCF</b>
Aberta a participação da comunidade; Participação voluntária nas ações; Fiscalização; Baixa participação na tomada de decisões;  Articulações: Projeto Comunitário Sorriso da Criança; Rede de Leitura Jangada Literária; SECULT; Instituto C&A de Desenvolvimento Social, entre outros.	Aberta a participação da comunidade; Participação voluntária nas ações; Comunicação com a comunidade; Participação na tomada de decisões;  Articulações: PROCIF; Rede de Leitura Jangada Literária; SECULT; Instituto C&A de Desenvolvimento Social, entre outros.
<b>III - Promoção da Memória, Cultura e Identidade local</b>	
<b>BCSC</b>	<b>BCCF</b>
Projeto Tecendo Memórias; Mediações de Leitura; Principais formas de expressão: oralidade, objetos e os artesanatos.	Projeto Histórias e Quintais; Mediações de Leitura Pé na Rua; Principais formas de expressão: oralidade e os artesanatos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, reunidas junto à perspectiva de território de memória, as bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” evidenciam que dialogam não só com o referido conceito, mas também com as novas perspectivas ligadas aos estudos da Ciência da Informação, em que os olhares sobre a memória e a informação são postos de modo intrínseco aos contextos sociais e culturais.

Destarte, as referidas bibliotecas parecem antecipar as novas perspectivas sobre as quais o mundo contemporâneo deseja ver a atuação das bibliotecas de um modo geral, e que se propõe no texto da Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (IFLA) acerca da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Tal texto, propõe um trabalhado conjunto entre as bibliotecas a fim de promover o desenvolvimento social, através da democratização do acesso à informação e ao conhecimento, de modo a possibilitar e intensificar a participação social dos indivíduos em seus contextos, promovendo um diálogo entre as particularidades identitárias, culturais e informacionais dos contextos locais com a cultura global.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ao cair, perdeu o conhecimento; quando recobrou,  
o presente era quase intolerável de tão rico e tão  
nítido, e também as memórias mais antigas e mais  
triviais. Pouco depois averiguou que estava  
paralítico. Fato que pouco o interessou. Pensou  
(sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo.  
Agora a sua percepção e sua memória eram  
infalíveis.*

*(Jorge Luis Borges)*

À guisa deste estudo e inventário de observações e informações coletadas nas bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz, pôde-se perceber a multiplicidade de perspectivas que permeiam a relação entre os conceitos de memória, biblioteca e comunidade mediados pela biblioteca comunitária.

Para averiguar como as referidas bibliotecas têm atuado conforme espaços promotores da memória coletiva de seus contextos, foi traçado um caminho investigativo de modo articulado a cinco objetivos específicos, pelos quais se buscou identificar: as principais características das localidades em que se inserem as bibliotecas comunitárias; a existência de obras que auxiliem nas discussões sobre memória e a sua importância para a comunidade; a existência de ações realizadas pelas bibliotecas pesquisadas que promovam as memórias dos locais em que se inserem; e ainda, como se dá a apropriação e a interação entre as bibliotecas e a comunidade; bem como a percepção dos moradores, especialmente os mais antigos, acerca da biblioteca e de sua contribuição para a preservação e difusão da memória local.

O levantamento acerca das principais características dos bairros Presidente Kennedy e Jardim Iracema evidenciou aspectos históricos, sociais e demográficos das comunidades. Revelando passados semelhantes, se observou que junto à fundação dos referidos bairros, estavam questões como a ocupação de terrenos privados, a emigração de pessoas vindas das zonas de seca do interior do estado, e um início difícil, no qual estavam presentes, dentre outras questões, problemáticas ligadas à moradia, educação, saúde e alimentação. No contexto atual desses cenários, suas principais problemáticas converteram-se principalmente na violência e no tráfico de drogas. No mais, ao investigar as ações desenvolvidas pelas bibliotecas, percebeu-se que à despeito dessas realidades, os contextos analisados buscam formas de promover sua cultura e identidade local.

Ao analisar os percursos e os modos de atuação das bibliotecas comunitárias “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” e dos projetos comunitários dos quais são oriundas, observa-se que eles parecem acompanhar as problemáticas supracitadas. O viés inicial dos projetos comunitários “Sorriso da Criança” e “Criança Feliz” direcionou cuidados principalmente às questões como moradia, educação, saúde e alimentação. Para incorporar novos formatos de atuação, os projetos investiram na criação de espaços de leitura, que posteriormente viriam a se tornar bibliotecas comunitárias.

Dessa forma, percebeu-se no percurso dessas bibliotecas, que o intuito de criação desses ambientes estava relacionado ao objetivo de produzir um legado de memória, cultura, leitura e informação para as comunidades que fosse de encontro às novas questões sociais decorrentes da violência.

Durante a pesquisa, esse legado se fez perceber de modo especial por meio de duas ações culturais desenvolvidas nas bibliotecas: o Projeto Tecendo Memórias, organizado pela BCSC, e o Projeto Histórias de Quintais realizado pelo PROCIF em parceria com a BCCF. Além desses projetos, as bibliotecas buscam promover atividades culturais envolvendo mediação de leitura, música, dança, entre outras ações. Tais práticas, revelaram uma multiplicidade de facetas e possibilidades pelas quais a memória e a cultura local podem ser trabalhadas e promovidas por esses espaços, a exemplo dos artesanatos, das músicas, leituras, danças, teatro, narrativas, entre outros.

Quanto aos acervos das bibliotecas, constatou-se, de modo geral, que estes contêm obras literárias, informativas, educacionais e técnicas, que dentre outras questões, abordam os aspectos da cultura nordestina e cearense. Contudo, o levantamento revelou uma escassez de obras que reflitam a história dos locais em que as bibliotecas estão inseridas. Em contrapartida a essa escassez, as partilhas orais, músicas, danças e artesanatos evidenciados nos encontros desses projetos, se apresentaram como outras possibilidades de se expressar e promover a memória, identidade e cultura local. Nesse sentido, cabe apontar a necessidade de que esses espaços desenvolvam iniciativas que busquem registrar as histórias e memórias locais, haja vista que as partilhas orais de memórias ocorridas nos projetos “Tecendo Memórias” e “Histórias e Quintais”, oferecem excelentes oportunidades para que as bibliotecas possam registrar e promover as memórias de seus contextos, especialmente para as gerações futuras.

No que se refere à participação comunitária nas bibliotecas, pôde-se identificar como principais usuários dos serviços, as crianças e os jovens. A participação do público adulto tornou-se mais evidente através das ações externas desenvolvidas pelas bibliotecas. Com relação ao envolvimento com as questões ligadas a gestão, verificou-se que os

moradores jovens e adultos atuam, principalmente, como voluntários nas atividades realizadas. Ainda, sobre esse aspecto, as equipes gestoras das bibliotecas indicam a necessidade de haver maior participação dos moradores nos processos de tomada de decisões desses projetos.

A percepção dos moradores adultos e idosos acerca da biblioteca comunitária, recai precipuamente sob a possibilidade de promoção da leitura e da educação local, especialmente para as crianças e os jovens. Com relação à promoção da memória local, os participantes da pesquisa relacionaram esse aspecto de modo especial às ações dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, indicando-os como atividades que conduzem-nas a relembrar o passado da comunidade, as lendas e as tradições, bem como possibilitam práticas de lazer e convivência entre os moradores, destacando assim a característica agregadora da memória.

Com efeito, a relação entre memória, biblioteca e comunidade, atualizada ao fazer das bibliotecas comunitárias pesquisadas, parece indicar diversas perspectivas de estudo acerca das noções de memória e da informação como elementos sociais. Tal relação dialoga com uma mediação na qual o substrato principal advém do contexto cultural e das relações cotidianas. A despeito daquilo que se esperava encontrar, pôde-se notar que nos contextos analisados, são os atores, ou seja, os moradores a definirem quais memórias e informações são importantes para serem evidenciadas. O que indica de fato, aquilo que se espera de um território de memória, em que as lembranças e identidades nada mais são, que frutos da cultura local.

Destarte, mediante as considerações aqui reunidas, espera-se ensejar novas discussões acerca do papel social e cultural da biblioteca comunitária. Bem como, promover iniciativas desta mesma natureza, atuação que esteja voltada ao fortalecimento das memórias e identidades coletivas, haja vista que, ao fomentar esses aspectos, contribui-se também para o desenvolvimento local e comunitário, de acesso e democratização da informação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O.F. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997.
- ALVES, Mariana de Souza; SALCEDO; Diego Andres; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. Um mapeamento da produção científica sobre Bibliotecas Comunitárias na Ciência da Informação brasileira. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 40-66, set. 2016.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Inf. & Soc.: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.1, p.145-159, jan./abr. 2012.
- BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de Almeida; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas Comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.21, n.3, p. 87-100, set./dez. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BENTES PINTO, Virginia. Interdisciplinaridade na Ciência da Informação: aplicabilidade sobre a representação indexal. In: BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; SILVA NETO, Casemiro. **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares gêneses e aplicações. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2007.
- BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. Pesquisa Bibliográfica e Documental: o fazer científico em construção. In: BENTES PINTO, Virginia; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. **Aplicabilidades Metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. São Paulo, SP: Globo, 1999.
- BRITO, Rafael. **O Romance de Isaura e João Mimoso**. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2017.
- BROOKES, B.C. **The developing cognitive view in information science**. International Workshop on the Cognitive Viewpoint, p.195-203., 1977.

BUCKLAND, M. K. **Information and Information Systems**. New York, 1991.

BUCKLAND, Michael; LIU, Ziming. **History of Information Science**. 1995. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/histis98.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Diálogos entre Informação Social, Mediação Cultural e Comunidade. In: Belluzo, Regina Célia; Feres, Glória Georges; Valentin, Marta Lígia Pomim. (Orgs.) **Redes de Conhecimento e Competência em Informação: interface da gestão, mediação e uso da informação**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

\_\_\_\_\_. CAVALCANTE, Lidia Eugenia. **Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014a.

\_\_\_\_\_. A Mediação da Informação sob a Perspectiva do Usuário em Comunidades Locais. In: CASARIN, Helen de Castro Silva. **Estudos de Usuários da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2014b.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FEITOSA, Luiz Tadeu. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 121-130, mar. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: as artes do fazer**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedade Recordam**. Oeiras: Editora Celta, 1993.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira. **Estudos de usuários da informação: ensino e aprendizagem no Brasil**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2016.

EAGLETON, Terry. Guerras Culturais. In: \_\_\_\_\_. **A Ideia de Cultura**. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais, 2003.

ECO, Umberto. **A memória vegetal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Comunicação e Cultura. In: CAVALCANTE, Lidia Eugenia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs). **Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1984.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A Reinvenção Contemporânea da Informação: entre o material e o imaterial. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 115-134, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/116?locale=es>>. Acesso em: 20 out. 2017.

\_\_\_\_\_. As ciências sociais e as questões de informação. **Morpheus – Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, ano 9, n.14, p.18-37, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HJØRLAND, Birger. **Theoretical development of information science: a brief history**. Disponível em: <[http://research.ku.dk/search/?pure=en/publications/theoretical-development-of-information-science-a-brief-history\(b94a5382-3c13-455f-8417-8a2b024af4b9\).html](http://research.ku.dk/search/?pure=en/publications/theoretical-development-of-information-science-a-brief-history(b94a5382-3c13-455f-8417-8a2b024af4b9).html)>. Acesso em: 20 out. 2017.



HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/mapa\\_site/mapa\\_site.php#indicadores](http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

IFLA. **As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU**. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/libraries-un-2030-agenda-toolkit-pt.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

IPECE. **Perfil Básico Municipal**. 2012. Disponível em: <[http://www.ceara.gov.br/?secretaria=IPECE&endereco=http://www.ipece.ce.gov.br/ppublicacoe/perfil\\_basico/index\\_perfil\\_basico.htm](http://www.ceara.gov.br/?secretaria=IPECE&endereco=http://www.ipece.ce.gov.br/ppublicacoe/perfil_basico/index_perfil_basico.htm)> Acesso em: 14 jun. 2017.

IPECE. **Desenvolvimento econômico do Ceará: evidências recentes e reflexões**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, 2014. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Desenvolvimento\\_Economico\\_do\\_Ceara\\_Evidencias\\_Recentes\\_e\\_Reflexoes.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Desenvolvimento_Economico_do_Ceara_Evidencias_Recentes_e_Reflexoes.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOUTARD, Phillipe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, TM; FERREIRA, M.M. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses-disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Identidade Cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 113-125, jul./dez. 2005

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Nectar, 2011.

MURGUIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: \_\_\_\_\_. **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos, SP: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Jefferson Veras; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A Etnografia como ferramenta metodológica para a pesquisa de redes sociais na internet. In: BENTES PINTO, Virginia; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. **Aplicabilidades Metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Pricila/Desktop/Pricila/MESTRADO/FUNDAMENTOS/mem%C3%B3ria%20na%20ci.i>. Acesso em: 13 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 13 nov. 2017.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation – Le livre sur le Livre – Théorie et Patique**. Bruxeles: Editiones Mundaneum. 1934.

PINHEIRO, Lena V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. *Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste*, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, jan./jun. 2008.

POIRIER, Anne; POIRIER, Patrick. Mnemosyne. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

PRADO, Geraldo Moreira. Biblioteca Comunitária: território de memória, informação e conhecimento. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Orgs.) **Desafios do Impresso ao Digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento**. Brasília: Ibict, Unesco, 2009.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de Memória: fundamentos para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Ancib, 2008. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8096822-

Territorio-de-memoria-fundamento-para-a-caracterizacao-da-biblioteca-comunitaria-1.html>. Acesso em: 28 nov. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2000.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Coimbra: ANNABLUME, 2012.

CEARÁ. Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico. Desenvolvimento Humano por Bairro em Fortaleza. Fortaleza, CE: Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico. 2014. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 15, n. 3, p. 67-66, set./dez. 2010.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n.1, p. 32-43, 2014.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura, 1991.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. 5 Ed. São Paulo: Editora Centauro, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS



**Universidade Federal do Ceará  
Centro de Humanidades  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFC)**

### **Roteiro da Entrevista com os Gestores das Bibliotecas Comunitárias Instrumento para coleta de dados**

Prezado(a) Sr. (a)

Estamos realizando uma pesquisa visando a coleta de dados para à concretização da dissertação intitulada “Biblioteca e Memória: interlocuções com a comunidade”, requisito para a conclusão do Mestrado em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal desta entrevista é identificar se a Biblioteca Comunitária atua como espaço de promoção da memória e da cultura na comunidade. Neste sentido, gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração, respondendo a estas perguntas. Garantimos que as informações aqui fornecidas serão de uso exclusivo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Desde já agradecemos a sua atenção.

Atenciosamente,

Ana Pricila Celedonio da Silva

**BIBLIOTECA:** \_\_\_\_\_

**ENDEREÇO:** \_\_\_\_\_

### **PERGUNTAS**

1. Qual o seu envolvimento pessoal/profissional na biblioteca comunitária?
2. Fale-me um pouco sobre a história e as características da comunidade.
3. Como se deu a implantação da biblioteca comunitária? E quais os motivos pelos quais foi criada?
4. Como ocorre a gestão da biblioteca?
4. A biblioteca realiza ações voltadas à promoção da memória e cultura local? Se sim, quais?
6. O que motivou essas ações?
8. Qual o envolvimento dos moradores nessas atividades?
9. Essas atividades geraram algum resultado na comunidade? Se sim, quais?
10. O acervo da biblioteca possui obras voltadas à promoção da memória e cultura local?

## **APÊNDICE B – RELATÓRIO DAS OFICINAS**

### **Oficina: Memória, Biblioteca e Comunidade**

**Objetivo:** Investigar a percepção dos moradores acerca da biblioteca comunitária e sua contribuição para a promoção dos aspectos da memória e cultura local.

#### **Oficina 1**

Local: Biblioteca Comunitária Criança Feliz

Público: Grupo de bordadeiras “Convivência e Arte” do Projeto Comunitário Criança Feliz.

Data de realização: 17/11/2017

#### **Oficina 2**

Local: Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança

Público: Alunos do EJA do Projeto Comunitário Sorriso da Criança.

Data de realização: 20/11/2017

#### **Metodologia**

Realização de dinâmica e partilhas orais de memórias;

Realização de discussões coletivas.

#### **Programação e Desenvolvimento da oficina**

Abertura: Apresentação da oficina – acolhimento;

Leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

##### **Parte 1 – Dinâmica “Partilha de Memórias”**

Na primeira parte da oficina foi realizada uma dinâmica com o objetivo de sensibilizar os participantes quanto à memória e sua possibilidade de permear os diversos aspectos do cotidiano. Nesse momento, foram distribuídos aos participantes pequenos cartões contendo diversas temáticas relacionadas à: comunidade, infância, família, objetos, música, livros, entre outros temas. Os participantes ficaram à vontade para partilhar juntos aos demais as memórias relacionadas aos temas distribuídos, bem como sobre outras memórias que quisessem compartilhar.

Parte 2 – Discussões acerca da biblioteca comunitária e sua contribuição para o fomento da memória e da cultura local.

Neste momento, os participantes foram convidados a formar grupos para a realização de discussões acerca da biblioteca comunitária e sua contribuição para o fomento da memória e da cultura local. Cada grupo recebeu uma identificação, na BCSC, os grupos receberam nomes de sentimentos, sendo eles: Esperança, Amor, Gratidão e Alegria. Na BCCF, os nomes dos grupos corresponderam a três tipos de flores: Rosa, Margarida e Girassol.

Em um primeiro momento, os grupos discutiram entre eles acerca de três principais questões, a saber: a importância da biblioteca para a comunidade; a promoção da memória e da cultura local através da biblioteca comunitária; e a contribuição das ações de promoção da memória para a comunidade. Posteriormente às discussões em grupo, cada equipe apresentou para os demais suas opiniões quanto aos temas levantados.

Encerramento – Momento de avaliação da oficina e agradecimentos.

### **Principais Resultados Alcançados**

Nas oficinas, podemos perceber que os diálogos e as narrativas dos participantes ocorreram de forma semelhante aquelas realizadas nos encontros dos projetos Tecendo Memórias e Histórias e Quintais, em que as memórias da infância ocuparam lugar privilegiado entre as narrativas.

A opinião dos participantes das oficinas acerca da biblioteca comunitária e sua contribuição para o fomento da memória e cultura local se direcionou, de modo especial, para os seguintes pontos:

#### **Biblioteca Comunitária Criança Feliz**

- A importância da biblioteca comunitária voltada para o viés da leitura e da educação das crianças e jovens da comunidade, e pela promoção de discussões acerca de questões sociais como a violência na comunidade;
- A possibilidade de, através do projeto Histórias e Quintais, relembrar aspectos da memória local, como as lendas e as histórias de antigos moradores;
- A promoção de momentos de encontro e convivência para a comunidade;
- A possibilidade de que as gerações mais novas possam conhecer a história da comunidade.

#### **Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança**

- A promoção da leitura e da educação como principal característica atribuída à biblioteca, bem como o caráter acolhedor desta e do projeto comunitário;
- A possibilidade de relembrar as tradições e as memórias dos moradores, de forma especial através do projeto Tecendo Memórias;
- A promoção de momentos de lazer e convivência entre os moradores e as diferentes gerações.

Ademais, podemos destacar como outro resultado da realização das oficinas, a possibilidade de promover para os participantes e moradores das comunidades, momentos de reflexão coletiva acerca da importância da biblioteca comunitária e a forma como esta atua em sua comunidade.

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) senhor(a), para participar como entrevistado na pesquisa da dissertação intitulada: “BIBLIOTECA E MEMÓRIA: interlocuções com a comunidade”, do Mestrado em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal da pesquisa é identificar se a Biblioteca Comunitária atua como espaço de promoção da memória e cultura da comunidade. Para isso, realizaremos entrevistas e oficinas com os gestores e demais pessoas envolvidas com as ações da biblioteca. Peço que leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

**TÍTULO DA PESQUISA:** BIBLIOTECA E MEMÓRIA: interlocuções com a comunidade

**PESQUISADOR(A):** Ana Pricila Celedonio da Silva

**ORIENTADOR(A):** Lidia Eugenia Cavalcante

**CURSO:** Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação – PPGCI/UFC

**PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS:** Etnografia com observação participante, entrevistas e realização de oficinas.

Destacamos, que a qualquer momento o senhor(a) poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. E garantimos que as informações aqui fornecidas serão de uso exclusivo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Endereço do responsável pela pesquisa:

**Nome:** Ana Pricila Celedonio da Silva

**Instituição:** Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ Universidade Federal do Ceará

**Endereço:** Rua Júlio César, 883 – Jardim América, Fortaleza-CE.

**Telefones para contato:** (85) 9 9795-6231 / (85) 3031-0815

O \_\_\_\_\_ abaixo \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, assinado

RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que participo da pesquisa identificada acima. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável